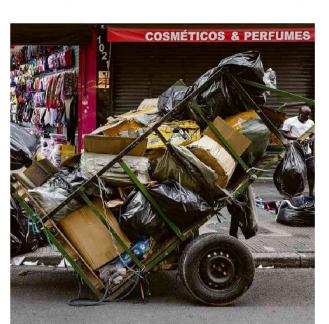
FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

DOMINGO, 25 DE DEZEMBRO DE 2022 R$ 9,00

Lalo de Almeida/Folhapress

LIXO RECICLADO

ais responsáveis pela coleta seletiva, trabalhadores só recebem pelo que vendem Mercado A16 e A17

n as menores tos aprovados

n mais vetos derrubados, diz estudo

Dos mandatos considerados, o de Bolsonaro é o único em que o Executivo tem uma taxa de dominância inferior a um terço (28,3%) no período analisado, ou seja, a maioria dos projetos aprovados veio do Legislativo. A taxa de sucesso (38%) de Bolsonaro também é inferior à de seus antecessores.

A maioria das propostas enviadas não foi aprovada. Os vetos derrubados chegaram a 30. Bolsonaro ainda apresentou o maior número absoluto de medidas provisórias. O estudo considera propostas legislativas não orçamentárias e monitora até junho do último ano de cada mandato. Política A4

Lula define Marina e 2 petistas na Esplanada

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sinalizou que indicará Marina Silva (Rede) para o Meio Ambiente. Nesta sexta-feira (24) foram confirmados mais dois petistas no primeiro escalão: os deputados Paulo Teixeira (SP) e Paulo Pimenta (RS) vão para o Ministério das Comunicações e a Secretaria de Comunicação Social, respectivamente. Política A10

Série analisa legado tucano de 28 anos no governo de SP

PSDB FORA DO NINHO

A saída de Rodrigo Garcia do Palácio dos Bandeirantes em 1º de janeiro põe fim à mais longa sequência, desde a redemocratização, de um mesmo partido no comando de um estado. Desde Mário Covas, em 1994, o PSDB estabeleceu em São Paulo seu principal polo político.

Na visão de tucanos, as seguidas gestões promoveram controle de gastos, investimentos privados e obras de mobilidade. Denúncias de corrupção, brigas no partido e o surgimento de uma nova direita são apontadas como causas do desgaste.

A **Folha** começa hoje a discutir esse legado. Cotidiano B1

Samuel Pessôa

Caminhos para Fernando Haddad

Lula iniciou o governo negociando com o Congresso aumento de gasto de R$ 150 bilhões. A principal atribuição de seu ministro da Fazenda será construir as condições para que esse início não comprometa o mandato. Com solvência do Tesouro, a vitoriosa será a democracia. A17

Projeto distribui comida para idosos solitários

DIAS MELHORES

Cerca de cem marmitas são entregues no almoço todos os dias no centro de SP pelo Projeto Kalebe, liderado pelo pastor Daniel Checchio. A ação começou na pandemia para levar refeição a idosos do bairro do Bexiga e sobrevive de doações. Cotidiano B3

Codevasf decide gastar com novo galpão em PE

A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba decidiu construir um novo galpão de armazenamento em Pernambuco em vez de acelerar a entrega de equipamentos antisseca à população. O material estocado está se deteriorando. Política A7

Pessimismo com economia aumenta, diz Datafolha

A situação econômica do país melhorou nos últimos meses para 26% dos brasileiros, ante 34% às vésperas do segundo turno, mostra pesquisa Datafolha. A avaliação de que a situação econômica irá melhorar caiu para 49%. Em outubro, eram 62%.

Para 31%, a inflação vai diminuir, maior percentual em quatro anos. Otimismo cresce entre lulistas e pobres. Mercado A13

EDITORIAIS A2

Ontem e amanhã

Sobre perspectivas do BNDES sob Mercadante.

Ausências alienígenas

Acerca de investigações de óvnis nos Estados Unidos.

FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 102 ★ Nº 34.234 DOMINGO, 25 DE DEZEMBRO DE 2022 R$ 9,00

A Folha em 2022

No ano da eleição mais acirrada da história recente, jornal pautou o debate em áreas que vão da economia à democracia.

Também se destacou por série e projetos especiais, como 200 anos, 200 livros, pelo bicentenário da Independência; a premiada "Amazônia sob Bolsonaro" e dois novos núcleos editoriais: Vida Pública e Folha Social+. A8 e A9

PODCASTS

História narrada por Chico Felitti foi sucesso de público

Lalo de Almeida/Folhapress

CATADORES RECOLHEM 90% DE TODO O LIXO RECICLADO

Carroceiro retira sacos no centro de SP; embora sejam os principais responsáveis pela coleta seletiva, trabalhadores só recebem pelo que vendem Mercado A16 e A17

NOVO APP DA FOLHA

Novo aplicativo facilita navegação e leitura do jornal

Bolsonaro tem as menores taxas de projetos aprovados

Comparado a antecessores, governo tem mais vetos derrubados, diz estudo

O presidente Jair Bolsonaro (PL) tem as menores taxas de projetos aprovados no Legislativo e o maior número de vetos derrubados se comparado aos antecessores, segundo levantamento dos pesquisadores Ana Laura Pereira Barbosa, Oscar Vilhena Vieira e Rubens Glezer, da FGV Direito-SP.

Eles intitulam o modus operandi de Bolsonaro como "infralegalismo autoritário". A tese é que, em vez de encampar alterações de leis e na Constituição, o presidente usou medidas infralegais, como decretos, para tentar avançar no desmonte de políticas como as ambientais e as de armamento.

Dos mandatos considerados, o de Bolsonaro é o único em que o Executivo tem uma taxa de dominância inferior a um terço (28,3%) no período analisado, ou seja, a maioria dos projetos aprovados veio do Legislativo. A taxa de sucesso (38%) de Bolsonaro também é inferior à de seus antecessores.

A maioria das propostas enviadas não foi aprovada. Os vetos derrubados chegaram a 30. Bolsonaro ainda apresentou o maior número de medidas provisórias. O estudo considera propostas legislativas não orçamentárias e monitora até junho do último ano de cada mandato. Política A4

Lula define Marina e 2 petistas na Esplanada

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sinalizou que indicará Marina Silva (Rede) para o Meio Ambiente. Nesta sexta-feira (24) foram confirmados mais dois petistas no primeiro escalão: os deputados Paulo Teixeira (SP) e Paulo Pimenta (RS) vão para o Ministério das Comunicações e a Secretaria de Comunicação Social, respectivamente. Política A10

ilustrada ilustríssima

O chicote e o corpo

Remédios permitem reviver o sonho de magreza como nos anos 1990 C4 e C5

MÔNICA BERGAMO

Diarista humilhada por bolsonarista quer que Lula olhe pelos mais pobres C2

ATMOSFERA

São Paulo hoje

	Hoje	Amanhã
Rio	19° 31°	20° 32°
Brasília	18° 24°	19° 24°
Ribeirão	20° 32°	20° 30°

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

Richard Mosse/Divulgação

A AMAZÔNIA TAMBÉM É VERMELHA

Planta captada por câmera ultravioleta e pelas lentes do fotógrafo Richard Mosse, com a mesma técnica usada pelos exploradores que dizimam o verde da floresta Ambiente B4 e B5

Série analisa legado tucano de 28 anos no governo de SP

PSDB FORA DO NINHO

A saída de Rodrigo Garcia do Palácio dos Bandeirantes em 1º de janeiro põe fim à mais longa sequência, desde a redemocratização, de um mesmo partido no comando de um estado. Desde Mário Covas, em 1994, o PSDB estabeleceu em São Paulo seu principal polo político.

Na visão de tucanos, as seguidas gestões promoveram controle de gastos, investimentos privados e obras de mobilidade. Denúncias de corrupção, brigas no partido e o surgimento de uma nova direita são apontadas como causas do desgaste.

A Folha começa hoje a discutir esse legado. Cotidiano B1

Samuel Pessôa — *Caminhos para Fernando Haddad*

Lula iniciou o governo negociando com o Congresso aumento de gasto de R$ 150 bilhões. A principal atribuição de seu ministro da Fazenda será construir as condições para que esse início não comprometa o mandato. Com solvência do Tesouro, a vitoriosa será a democracia. A17

Projeto distribui comida para idosos solitários

DIAS MELHORES

Cerca de cem marmitas são entregues no almoço todos os dias no centro de SP pelo Projeto Kalebe, liderado pelo pastor Daniel Checchio. A ação começou na pandemia para levar refeição a idosos do bairro do Bexiga e sobrevive de doações. Cotidiano B3

Codevasf decide gastar com novo galpão em PE

A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba decidiu construir um novo galpão de armazenamento em Pernambuco em vez de acelerar a entrega de equipamentos antissecа à população. O material estocado está se deteriorando. Política A7

Pessimismo com economia aumenta, diz Datafolha

A situação econômica do país melhorou nos últimos meses para 26% dos brasileiros, ante 34% às vésperas do segundo turno, mostra pesquisa Datafolha. A avaliação de que a situação econômica irá melhorar caiu para 49%. Em outubro, eram 62%.

Para 31%, a inflação vai diminuir, maior percentual em quatro anos. Otimismo cresce entre lulistas e pobres. Mercado A13

EDITORIAIS A2

Ontem e amanhã

Sobre perspectivas do BNDES sob Mercadante.

Ausências alienígenas

Acerca de investigações de óvnis nos Estados Unidos.

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, Everton Fonseca *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Ontem e amanhã

Mercadante promete 'BNDES do futuro'; o do passado, de fato, deveria permanecer enterrado

A nomeação do petista Aloizio Mercadante para o comando do BNDES causou previsível apreensão.

O ex-ministro de Dilma Rousseff foi também coordenador dos planos de governo do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Essas diretrizes reafirmavam o compromisso com políticas adotadas entre 2008 e 2014, que não surtiram resultado ou contribuíram para um colapso econômico prestes a completar uma década.

O aumento de gastos proposto para o Orçamento de 2023, a composição da equipe econômica até agora, a indisposição quanto a reformas e a falta de clareza sobre o futuro da política fiscal completam um quadro de incertezas.

No caso do BNDES, uma volta ao passado não muito distante significaria refazer do banco um instrumento de subsídios para o setor privado, em especial para grandes empresas, com despesa bancada por endividamento do governo.

Entre as gestões de Lula e Dilma, a participação do BNDES no total de crédito bancário do país subiu até 21%. Hoje está em 8,5%.

Sob a ex-presidente petista, o crescimento econômico passou a diminuir, as pressões inflacionárias se intensificaram, a participação da indústria de transformação no PIB caiu —e as empresas beneficiadas, que não padeciam de restrição de acesso a crédito, mais baratearam seu capital do que aumentaram seus investimentos.

Em encontro com dirigentes de companhias, Mercadante sustentou que temores sobre sua indicação seriam infundados. O "BNDES do futuro", disse, será um complemento do mercado de crédito e de capitais, dedicado a parcerias, à inovação, à preocupação ambiental e a pequenas empresas.

Não seriam recriadas taxas de empréstimos subsidiados. O banco, segundo seu futuro presidente, não pode contar com repasses do exaurido Tesouro Nacional. Anunciou-se, além disso, uma equipe que inclui nomes com carreira no setor financeiro privado.

O BNDES ainda pode ter um papel a cumprir. Empresas pequenas ou inovadoras têm dificuldade para obter crédito. A instituição pode servir de garantidor em esquemas de financiamento maiores, sem comprometer muito capital. Outra possibilidade é atuar na área de estruturação de projetos.

Terá papel tanto mais útil quanto mais forem removidas distorções tributárias e regulatórias que impedem um emprego eficiente dos recursos no país. Logo, sua atuação não depende apenas das boas intenções de sua direção, mas do programa maior de governo.

Espera-se, pois, que as palavras de Mercadante ganhem sentido prático —e que o BNDES do passado permaneça enterrado sob os escombros das políticas de Dilma.

Ausências alienígenas

Sem conseguir dar explicação científica para óvnis, Pentágono vê lendas de ETs voando para todo lado

Um truísmo muito citado entre pesquisadores reza que ausência de evidência não constitui evidência de ausência. A esse raciocínio se apega quem está convencido de que naves alienígenas visitam o planeta Terra, mesmo contra as negativas do Pentágono.

O comando militar dos EUA voltou a divulgar não haver evidência de que sejam extraterrestres os tais objetos voadores não identificados (óvnis, em português, ou UFOs, em inglês) —que seus investigadores preferem chamar de fenômenos aéreos não identificados (UAPs, na língua estrangeira).

"Não vi nada nesses relatos que sugerisse que houve uma visita alienígena", afirmou o subsecretário de Defesa para Inteligência e Segurança, Ronald Moultrie, segundo o jornal The New York Times.

Para tentar dirimir as dúvidas remanescentes, o Pentágono se deu ao trabalho de abrir um Escritório de Resolução de Anomalias de Todos os Domínios (AARO). Seis meses depois, deu-se a primeira entrevista coletiva para tratar dos UAPs.

Sean Kirkpatrick, diretor do órgão, permaneceu fiel à lógica truísta ao admitir não ter como descartar a possibilidade de vida extraterrestre. Tudo que se pode fazer, argumentou, é manter uma atitude científica diante da questão.

Pragmáticos, os militares concentram sua atenção em ocorrências suspeitamente próximas de suas instalações. Fazem-no com base na hipótese menos improvável de que os artefatos a sobrevoar as bases sejam russos, chineses e mesmo americanos (guiados por outras agências governamentais), e não naves intergalácticas.

Em 2021, o governo anunciou ter mais de 140 casos registrados. Um deles era um balão meteorológico em queda, enquanto os demais seguiam inexplicáveis —tendo em vista as trajetórias, os dados de radares e as tecnologias conhecidas.

Depois desse primeiro relatório, centenas de outros episódios teriam chegado ao conhecimento do AARO. Passarão pelo mesmo processo rigoroso de escrutínio, mas os crédulos não se darão por satisfeitos —afinal, como professava o agente Fox Mulder na série de TV Arquivo X, eles querem acreditar.

Estariam melhor se aderissem a outra máxima científica: hipóteses extraordinárias exigem provas extraordinárias. Até agora, ETs só se comunicam com humanos nas telas de cinema. Como há quem acredite até na inoculação de chips por vacinas, a fábula alienígena segue em propulsão fantástica.

Nada mal para um 'livrinho'

Hélio Schwartsman

Dutra se referia à Carta como o "livrinho", mas a importância que constituições escritas passaram a ter a partir da segunda metade do século 18 não comporta diminutivos. "The Gun, the Ship and the Pen", de Linda Colley, conta magistralmente essa história.

É uma obra de fôlego, que abarca não só os países ocidentais de sempre, mas escarafuncha todos os recônditos do mundo. A Constituição das ilhas Pitcairn de 1838, presente do capitão de navio Russell Elliott aos ilhéus foi a primeira a assegurar direitos iguais para as mulheres e a demonstrar preocupações ecológicas.

Colley lembra que a relação entre constituições e guerras é muito próxima. Os conflitos foram se tornando mais globais e mais complexos. Guerras híbridas envolviam exércitos cada vez maiores e marinhas mais poderosas. Elas ficaram mais caras e mais mortíferas. E isso acabou gerando direitos, pelo menos para os homens. Voto e garantias fundamentais se tornaram a contrapartida pelo serviço militar obrigatório.

Isso é mais ou menos sabido desde Max Weber. O que me surpreendeu no livro é que Colley mostra como se criou uma espécie de comunidade constitucional global. Escrever constituições se tornou um passatempo, talvez não popular, mas razoavelmente disseminado, ao qual se dedicavam soberanos como Catarina, a Grande, filósofos estelares, como Jeremy Bentham, e quase anônimos como o capitão Elliott. Alguns mantinham várias Cartas prontas na gaveta, "just in case". Assim que uma constituição era escrita e aprovada, ela era impressa e fartamente distribuída. Edições comparativas também eram publicadas. Essa cultura constitucional fez com que mesmo um texto modesto como a Carta de Pitcairn circulasse e influenciasse outras constituições.

Forjadas pela guerra, as constituições foram pouco a pouco formando o caldo sobre o qual mais tarde se ergueriam as democracias. Nada mal para um "livrinho".

helio@uol.com.br

O especial de Natal de Bolsonaro

Bruno Boghossian

O evento se tornou tão tradicional quanto o especial do cantor Roberto Carlos na TV. Pelo quarto ano seguido, Jair Bolsonaro assinou um decreto que perdoa policiais condenados por crimes culposos. De saída do Palácio do Planalto, o presidente decidiu inovar e livrou também os agentes que participaram do massacre do Carandiru, há 30 anos.

Bolsonaro nunca escondeu que seu único plano para a segurança pública era a matança. Quando foi eleito, ele avisou que inundaria as ruas de armas e daria "carta branca para policial matar". O presidente cumpriu a primeira promessa, mas não conseguiu aprovar no Congresso uma mudança na lei para blindar agentes que matam em serviço.

O atalho encontrado foram os indultos natalinos, que passaram a ser usados anualmente por Bolsonaro para agradar aos policiais e fortalecer sua base política nos batalhões. A conexão com a categoria se fortaleceu ao longo do mandato, mas também pode ser um ativo para o presidente depois que ele deixar o poder.

O Brasil tem mais de 700 mil agentes de segurança espalhados pelo território nacional, um contingente politicamente valioso para a família Bolsonaro. Além disso, a retórica da guerra contra o crime —que inclui a celebração de mortes praticadas por policiais— continuará sendo uma pedra fundamental da plataforma bolsonarista.

O perdão aos autores do massacre do Carandiru reforça o discurso, com elementos de crueldade. Os 74 policiais responsáveis pelas 111 mortes em 1992 foram condenados, mas nunca presos. O júri popular foi anulado em 2018, mas o STJ restabeleceu as condenações três anos depois. Bolsonaro tenta garantir que os agentes não sejam punidos.

A equipe de Lula acredita que o STF vai derrubar o indulto concedido aos responsáveis pelo massacre. No futuro governo, esses decretos devem voltar ao modelo anterior, quando o perdão seguia determinadas condições (como a duração da pena ou a situação do preso), sem beneficiar categorias específicas.

A pioneira do Papai Noel

Ruy Castro

Já contei essa história aqui, mas, desde então, passaram-se muitos Natais e uma geração inteira de Papais Noéis. Aconteceu em São Luís do Maranhão, por volta de 1890. Terminada a ceia de Natal, os parentes e amigos da jovem professora se reuniram em torno da árvore para trocar presentes e cantar madrigais. De repente, entrou pela janela um homem gordo, de barbas brancas, ceroula e touca vermelho-sangue, botas e cinto pretos, um ameaçador saco às costas e emitindo sons de "Ho! Ho! Ho!".

Que diabo era aquilo? Susto, pânico, correria. Ali havia velhos, mulheres e crianças. Um dos presentes sacou um trabuco e o apontou para o intruso, com a intenção de crivá-lo. O homem, súplice e balbuciante, rendeu-se tremendo com os braços para cima e deixou cair o saco cheio de embrulhos. E, então, a dona da casa colocou-se entre a arma e o alvo. Alçou a testa e proclamou: "Não o matem! É o Papai Noel!".

Só ali, a jovem —Maria Bárbara de Andrade, filha do excêntrico poeta local Joaquim de Sousa Andrade, vulgo Sousândrade— explicou. Ela e seu pai tinham morado por 20 anos em Nova York. Foi onde, em criança, ela conheceu e se apaixonou por aquela figura que se tornara nos EUA o símbolo do Natal.

O homem de roupa vermelha e barbas brancas com um saco às costas fora uma criação do ilustrador Thomas Nast para a revista Harper's Weekly em 1863 e, pelos anos seguintes, fixara-se no coração das crianças americanas. Mas ninguém o conhecia por aqui. Para apresentá-lo ao Brasil, Maria Bárbara contratara um senhor gordo e o maquiara e fantasiara de acordo. Os convidados, aliviados, relaxaram. Abraçaram o Papai Noel e lhe serviram vinho (não, não lhe ofereceram Coca-Cola).

E assim foi. Hoje, a impenetrável poesia de Sousândrade é estudada na USP como pioneira do concretismo. Mas quando se fará justiça a Maria Bárbara Sousândrade como pioneira do Papai Noel?

Canhão natalino

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

É muito sugestiva a frase de Todorov de que racismo não precisa de raça para existir. Falta acrescentar, porém, que raça é algo que se inventa a gosto do poder, sempre com interesses lesivos. O fundamentalismo islâmico inventa a "raça" feminina para dominar. No momento, é questão visível também na Buriácia, Daguestão, Tuva e Inguchétia, regiões para as quais uma agência de viagens dificilmente conseguiria convencer turistas a comprar excursões, mas na certa venderia passagens de saída aos seus habitantes.

Se pudessem pagar, claro. São todos russos muito pobres e, na realidade, não tão russos assim como se fazia crer. Por não se enquadrarem no padrão étnico valorizado, são marginalizados e explorados. Agora, da pior forma possível, como recrutas prioritários para a Guerra da Ucrânia.

Não é fenômeno exclusivo. Como observou Michel Foucault, "o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém". Os militares americanos sempre se valeram de estratos depreciados da população na geopolítica bélica. Foi assim com os negros na guerra civil, igualmente no Vietnã quando aos jovens brancos parecia que a droga era a única resposta racional à insanidade. O alvo racial deslocou-se para imigrantes, com acenos a recompensas: patriotismo desinteressado, só em filmes de segunda classe.

A máquina de guerra desconhece critérios de igualdade para o sacrifício humano. Hoje, só dois tipos de gente parecem motivados. Primeiro, os loucos de Alá, convictos de se inscrever pelo martírio no Livro da Vida, em nome do profeta.

Depois, os compelidos à defesa do território. É o caso dos ucranianos, que infligem reveses aos russos. Estes, às vésperas do Natal, reduplicam os mísseis e drones, que vitimizam principalmente crianças e velhos. Carecem, porém, de trezentos mil soldados para tentar manter as regiões anexadas. Daí o açodamento por recrutas prioritários. É cínica e militarmente estratégico mandar jovens morrerem por coisa nenhuma. Só que os vivos discordam: duzentos mil escaparam para o Cazaquistão.

Em matéria de insanidade política, ucranianos e russos compartilham ideias de povo nacional seleto. Marketing de Zelenski à parte, seu aparelho de Estado é abertamente nazificado. Já durante a Segunda Guerra, ucranianos massacravam poloneses em nome de pureza racial. O inimigo dito "externo" das autocracias é a própria diversidade civil. E os russos, que nem sequer são "brancos verdadeiros" aos olhos da elite "wasp" americana, mistificam uma raça "sub-russa", para fins de bucha de canhão. Um torpe refluxo da história. Mas também persistência do anti-humanismo fascista: raça e racismo são seus eternos produtos oportunistas.

TENDÊNCIAS / DEBATES

O ASSUNTO É NATAL

Tempo de esperança

É hora de reconciliações, de vitória sobre o ódio

Kleber Lucas
Pastor da Igreja Batista Soul, é cantor e compositor

O Natal, uma festa cristã, ganhou ao longo da história muitas representações. Entretanto vale refletirmos sobre o espírito do Natal. Antes mesmo de falarmos sobre essa representação secundária, pensemos na data no sentido originário, no nascimento do filho de Deus, a chegada de Jesus de Nazaré, anunciada por reis que vêm do Oriente.

A lembrança de uma estrela que brilha no céu, a simplicidade da manjedoura, o acolhimento de Maria e José, as aparições de anjos a pastores, a entrega de ouro, incenso e mirra. Lembranças que apontam para o reino de Deus, que se manifesta aos humildes e aos pobres.

Vale um alerta, também: os religiosos responsáveis pelo templo e suas liturgias não estiveram atentos à chegada do filho de Deus. Nem mesmo o poder político de Roma, instaurado naquela região. Foram os reis magos que vieram do Oriente e disseram: "Nós vimos a sua estrela e viemos adorá-lo". Chama a atenção porque, o que não é percebido por essas lideranças ali estabelecidas, é notado pela periferia.

Tem o segundo recorte, que é o desdobramento desse mesmo espírito ao longo da história, que também tem seu valor. A representação do Ocidente na figura do Papai Noel, da árvore de Natal, da ceia, das famílias, dos sorrisos, dos abraços. Isso mexe muito com o ideal imaginário. Mas o que nós gostaríamos de experimentar neste Natal? Natal é tempo de reconciliações, de vitória sobre inimizades, sobre o ódio. Não é verdade?

Não há nenhum problema nessa questão, especialmente para nós no Brasil, do Natal, das famílias, dos sorrisos, dos abraços. Isso mexe muito com o ideal imaginário.

A possibilidade de estarmos todos ali, numa relação fraterna, bonita, sem distanciamentos. Quando se pensa nesse símbolo de fraternidade, sinaliza-se ao espírito natalino e à proposta real do Natal. Vale a pena pensar que esse espírito não é de uma experiência única e exclusiva.

A chegada dos reis que vêm do Oriente, recebidos por religiosos que guardavam o templo, aponta para a possibilidade de se ver esse espírito de diferentes formas ou expressões religiosas. É a tolerância das experiências. Elas têm muitos vieses, são percebidas de alguma forma por outros olhares, outros agentes históricos. Aponta para urgência de tolerância e diálogo religioso.

Também é importante enfatizar que não é possível viver a plenitude do Natal tendo a minha mesa arrumada, mas sem pessoas. De igual forma, não consigo vivenciar o Natal se percebo que o meu próximo —e às vezes bem próximo a mim— não tem comida em casa ou está longe de seus entes queridos porque alguns deles estão esquecidos socialmente, numa geografia de apagamento de memória.

É o momento de chamar a atenção para a partilha social. Meu desejo profundo é que o verdadeiro espírito natalino ressurja no coração e na vida de cada brasileiro e brasileira. O rico não pode ter uma mesa só para si, o pobre não pode ter uma mesa vazia. Essa atmosfera precisa gerar um desejo de fraternidade, de mesa para todos e justiça na casa de todos.

Uma estrela brilha nos céus do Brasil e aponta para um futuro melhor. Que as mesas sejam reconciliadas. Vivemos muito tempo dentro de um fanatismo e de um fundamentalismo religioso que separaram mesas e familiares. É hora de a alegria ser proposta. Eis o meu desejo profundo para você neste final de ano. Acredito que a luz brilhou novamente para todos nós, brasileiros e brasileiras. Feliz Natal!

Claudia Liz

A doçura do infante

Trata-se de Deus encarnado, um varão divino

Edson Luiz Sampel
Teólogo, é professor do Instituto Superior de Direito Canônico de Londrina

A palavra "natal" significa "nascimento". Assim, podemos dizer "o natal de fulano, o natal de sicrano". Sinônimo de "natal" é, também, "natividade". Neste domingo (25) —todos sabem!— celebramos o nascimento de Jesus Cristo. Teologicamente falando, a solenidade cristã mais relevante é a Páscoa, quando comemoramos a ressurreição de nosso Senhor. Até hoje, apenas Jesus Cristo e a mãe dele, Maria santíssima, ressuscitaram.

Vemos Jesus criancinha na manjedoura, no presépio. Admiramo-lo sobremaneira, principalmente porque estamos cônscios de que se trata de Deus encarnado na história: um varão, uma pessoa divina. Mas, infelizmente, muitos encaram Jesus tão só como a personagem de um livro, a Bíblia. Alguém que nasceu, viveu pregando o amor e realizando portentosos milagres; morreu, ressuscitou e pertence ao passado remotíssimo. Subsiste somente sua mensagem de esperança e de congraçamento universal.

No entanto, na eucaristia, todo domingo, na missa, manducamos sacramentalmente o corpo daquele menino deitado no improvisado berço de Belém. De fato, quando Jesus disse aos discípulos que quem come a carne dele tem a vida eterna (Jo 6, 54), causou tamanha espécie que alguns o abandonaram (Jo 6, 60). Aqui se encontra liame histórico-salvífico entre o guri de Belém e nós outros, homens do século 21: o sacrifício da missa.

Mas não é só isso! Jesus-menino virou homem adulto e fundou a Igreja Católica, como ensina o Concílio Vaticano 2º ("Lumen Gentium", 14a). A propósito, a fundação da Igreja Católica por Jesus Cristo não depende de fé; é fato histórico verificável, por exemplo, na série ininterrupta de papas em Roma, desde São Pedro, incumbido por Jesus de chefiar a igreja (Mt 16, 18).

Desta feita, não nos relacionamos com Jesus apenas espiritualmente, vagamente ou moralmente; entabulamos com o Divino Mestre vinculações jurídico-institucionais através da Igreja Católica. Aliás, os próprios bens espirituais de que fruem os irmãos separados, isto é, os protestantes, emanam da Igreja Católica (Concílio Vaticano 2º, "Unitatis Redintegratio", 3c).

A ternura do bebezinho recostado na cama ao lado de Nossa Senhora vislumbramos nos sete sacramentos divinos. É a doçura do infante, também estampada no rosto de Jesus homem feito, que nos perdoa na confissão, nos cura na unção dos enfermos, nos fortifica na crisma e, acima de tudo, nos santifica no batismo, mas, precipuamente, nos nutre no sacramento da eucaristia: corpo e sangue de Jesus, sob a aparência de pão (hóstia) e vinho.

Na Igreja Católica, composta de leigos e clérigos, malgrado os defeitos dos homens, como os havia já entre os 12 apóstolos, refulge espetacularmente a candura do bebezinho divino da Palestina. Deveras, sem a Igreja Católica não se ouve sequer o eco das palavras pronunciadas por Jesus Cristo há 2.000 anos. Tudo fica reduzido a um livro, e o cristianismo não é a religião do livro ("Catecismo da Igreja Católica", n. 108). Muito tempo antes de surgir o primeiro escrito do Novo Testamento, os católicos celebravam a missa e recebiam os outros sacramentos.

Não se há de negar que o maior fruto do Natal é exatamente o aparecimento da Igreja Católica! Com efeito, a ereção dessa sociedade maravilhosa constava do decreto eterno de Deus, porém, com a encarnação do Verbo, o sonho divino se concretiza. Sendo assim, neste Natal, católicos e acatólicos, gente de boa vontade, procuremos viver com coragem e entusiasmo os ensinamentos do atual vigário (representante) de Cristo, nosso amado papa Francisco.

PAINEL DO LEITOR

Mulheres no novo governo

"Esplanada de Lula mostra que mulheres ainda são preteridas no 'filé mignon' do Poder" (Política, 23/12). Fazem essas comparações como se o tempo todo os homens tivessem dado liberdade e poder às mulheres para que elas tivessem vez, fala e visibilidade nas suas ambições. Se há hoje mulheres poderosas e empoderadas foi com muita luta delas e não concessões dos homens.
Maria Irene de Freitas (Rio de Janeiro, RJ)

Editorial

"Retomada em Risco" (23/12) é mais um título capcioso da **Folha**, como PEC da Gastança. Vejam a publicação do Alckmin. O Brasil é terra arrasada em saúde, educação, infraestrutura, cultura, meio ambiente, habitação. Retomada em risco? Em risco está o país, depois da passagem deste governo de incompetentes.
Maristela Jardim Gaudio (São Paulo, SP)

*

Excelente editorial. O que está errado no texto? Quem vai investir no Brasil? Ou é só imprimir dinheiro?
Marco A Moreira (São Paulo, SP)

Gol mais bonito da Copa

O gol mais bonito da Copa é um prêmio de consolação que não consola o torcedor da pífia performance da seleção eliminada pela segunda vez consecutiva nas quartas de final. No comando da seleção em duas Copas, Tite não aprendeu nada.
Luiz Marcos de Carvalho (Recife, PE)

Colunista

"Torcendo por Pelé" (Opinião, 23/12). Só poderia ser de Ruy Castro este fenomenal reconhecimento a Pelé. Encontrando palavras sábias e verdadeiras, descreveu o perfil e o currículo do maior de jogador de futebol de todos os tempos que tive chance de o ver em campo, colocando em prática o dom que Deus lhe deu. Pedimos a este mesmo Deus que fortaleça a saúde deste embaixador eterno do nosso Brasil Pelé. Todos nós agradecemos Ruy Castro, o "Pelé do jornalismo".
Leonidio F. Ribeiro Filho (São Paulo, SP)

Boas-festas

A **Folha** agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos de **Olga e Pedro Pinciroli Júnior**, **Betty Milan**, **Luiz Seabra**, **Guilherme Leal**, **Pedro Passos**, **Fábio Barbosa**, **João Paulo Ferreira** e **Michel Blanco**, da Natura, **Marisa Mazarak**, coordenadora de Comunicação da Associação Nacional de Jornais, **Mauricio de Sousa Produções**, **JBS**, **Asociación Mundial de Editores de Noticias**, **Casa Flora Importadora**, **Grupo Fasano**, **Anagrama Eventos** e **Juma Amazon Lodge**.

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

MERCADO (24.DEZ., PÁG. A18) A quantia de US$ 16 mil equivale a R$ 82,9 mil, não R$ 89,2 bilhões, como publicado no texto "Fraude ou Ponzi?".

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 16 a 23.dez - Total de comentários: **16.663**

805	Retomada em risco (Editorial)	23.dez
563	Bolsonaro teve recaída na tristeza com saída do Planalto e deve parar por 3 meses, dizem aliados (Painel)	17.dez
413	Câmara aprova texto-base da PEC da Gastança em 2º turno (Mercado)	21.dez

ASSUNTO QUAL FOI O SONHO MAIS MARCANTE QUE VOCÊ, LEITOR DA FOLHA, JÁ TEVE?

Sonhar que estava voando, vendo tudo do alto. Uma maravilha.
Amyr Dantas Jr. (Manaus, AM)

*

Sonhei que a rainha Elizabeth 2ª tinha ressuscitado e vinha governar o Brasil.
Cezar Augusto (São Paulo, SP)

*

Meus sonhos mais recorrentes são aqueles que eu sei que estou sonhando e até influencio neles.
Pedro Valentim (Bauru, SP)

*

Eu sonho reiteradamente que um grande vulcão emerge da Terra e começa a cuspir lava em meio a muito calor e efervescência. Em seguida, abre-se uma grande cratera e ele começa a se mover em direção a ela.
Ricardo Luiz (São Paulo, SP)

*

Sonhar para mim é tão natural como assistir a um seriado na Netflix. Sonho todas as noites. Às vezes lembro do que sonhei e, ao acordar, concluo o enredo se não estiver satisfeito. Sonho com familiares que já se foram, meu pai, meus irmãos, parentes, amigos, como se estivessem vivos e convivendo harmoniosamente comigo. Para mim, sonhar é viver outra vida. Uma vida de fantasia e realidade. Não tem explicação. Puro imaginário do que já vivemos.
Heleno Gurgel de Sá (Natal, RN)

*

Sonhei várias vezes que estou caminhando nu pela rua. Encontro as pessoas e fico extremamente constrangido com a situação. Porém, acho estranho que ninguém se incomoda com isto. Na verdade, nem percebem. Só eu mesmo que fico desconcertado com essa situação. Acordo muito cansado.
Eliseu Pereira Marenco (Tramandaí, RS)

*

Um sonho que tenho com certa frequência é estar sendo perseguida por alguém. Estou sempre ansiosa, fugindo, me escondendo e olhando para os lados. Normalmente é um homem, mas nem sempre o mesmo.
Giovanna Carmignani (Rio de Janeiro, RJ)

*

Sonhei que eu havia saído com meu carro. Estacionei-o na rua e, quando eu voltava para pegá-lo, vi o ladrão arrancando com ele, na época um fusca modelo "Itamar". Na manhã seguinte, assim que acordei, corri para ver se meu carro estava na garagem. Ufa, ele estava lá. Porém, cerca de um mês depois ele foi furtado após eu deixá-lo estacionado numa rua.
Ronaldo Rateiro (São Paulo, SP)

*

Depende muito da idade. Quando novo, sonhar que voava era impressionante. Adolescente eram os sonhos da puberdade. Hoje em dia, os sonhos ficaram tão desconexos que começo num restaurante, canto num show, entro num avião, pulo na piscina e saio no elevador.
David Borba (Duque de Caxias, RJ)

*

Eu estava numa sala de aula, com a luz da manhã entrando, não falei nem ouvi nada, mas tinha uma garota que parecia que eu conhecia há anos. Só ficamos parados um na frente do outro. Me veio uma sensação tão reconfortante que eu acordei e passei o dia com um vazio.
Vinicius Guelfi (São Paulo, SP)

*

Eu era pequena e sonhei com meu avô —hoje já falecido e a quem eu amava. Ele aparecia na sala vestido de militar e, quando eu ia gritar, ele pedia silêncio. Eu tinha pavor da ditadura por causa dos meus pais.
Cássia Bran (Cabreúva, SP)

política

PAINEL | *Fábio Zanini*
painel@grupofolha.com.br

Lenta, gradual e segura

Promessa de campanha de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a suspensão dos sigilos de 100 anos impostos por Jair Bolsonaro (PL) não deve ser imediata. A retirada será analisada caso a caso, para que não se incorra em erros. Esta é a indicação dada pelo futuro ministro da CGU (Controladoria Geral da União), Vinícius Carvalho, em conversas recentes. O argumento é que a revogação em bloco contradiz o princípio da lei, que é o interesse público. Ele tem evitado se comprometer com prazo.

TATEANDO O futuro titular da CGU deve se reunir com a equipe do grupo setorial da transição que analisou os dados nesta semana, para avaliar a sugestão dos técnicos. Há uma preocupação em não desrespeitar a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados), que preserva informações pessoais.

ESCURO Durante a campanha, Lula chegou a falar em "revogaço" dos sigilos. Bolsonaro proibiu o acesso, por exemplo, ao seu cartão de vacinação, além de ter mantido em segredo o processo disciplinar no Exército contra o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello e até cachê pago pela Caixa ao cantor Gustavo Lima.

É NOSSO O PT e aliados de esquerda tentam repetir com o Ministério das Cidades a estratégia que foi bem-sucedida no caso do Desenvolvimento Social: evitar que a pasta seja destinada a um partido de centro. No cenário atualmente mais provável, o ministério seria da cota do MDB.

ESTRATÉGICA O argumento é que a pasta das Cidades cuida de temas como habitação, transporte urbano e saneamento, que são considerados centrais pelos partidos de esquerda. Ela deverá ter responsabilidade, por exemplo, pela retomada do projeto Minha Casa Minha Vida, uma das vitrines do próximo governo.

UNI-VOS Futuro ministro do Trabalho, Luiz Marinho (PT) pretende contemplar representantes de diversas centrais sindicais em sua equipe. O primeiro nome já foi definido: ex-presidente da CUT, Vagner Freitas será o secretário-executivo, equivalente ao segundo cargo na hierarquia do ministério.

E EU? A ala pernambucana do PSB, que ficou de fora do ministério de Lula, espera ser contemplada no segundo escalão com um órgão de atuação regional que tenha grande capacidade de entregar obras, como o Dnocs (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) ou a Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba).

PESO O diretório pernambucano é um dos mais fortes do partido e historicamente ligado ao PT. O principal nome para ocupar um cargo é o do governador do estado, Paulo Câmara.

MILITANTE Indicada secretária da Mulher do governo Tarcísio de Freitas (Republicanos), a vereadora paulistana Sonaira Fernandes (Republicanos) dedicou seu mandato à defesa de causas do agrado da base conservadora e evangélica. Sua atuação gerou comparações com a ex-ministra e senadora eleita Damares Alves (DF).

RADICAL Entre os projetos que a vereadora apresentou estão a proibição de cotas raciais e vetos a conteúdo "pornográfico, erótico ou sensual" e a debates sobre orientação sexual nas escolas municipais. Também tentou proibir a obrigatoriedade de máscaras e exigir autorização por escrito dos pais para vacinar menores de idade contra Covid-19.

PODE CONFIAR Em nota ao Painel, Sonaira diz que terá outra atitude como secretária. "No governo, nosso trabalho assume uma dimensão extremamente diferente. Vamos trabalhar inclusive para os paulistas que não votaram em nós. A pauta refletirá os interesses do povo como um todo", diz.

PRECIFICADO A declaração do futuro ministro dos Portos e Aeroportos, Márcio França (PSB), contra a privatização do porto de Santos, já era esperada pela equipe de Tarcísio. A disposição do governador eleito é reunir-se em janeiro com Lula e insistir nos benefícios da privatização, como as obras para o sistema viário de Santos e a ligação terrestre com o Guarujá.

RECEBA Segundo um assessor do futuro governador, "a ficha do Lula ainda vai cair, quando perceber a geração de empregos que a privatização trará".

CASA PRÓPRIA O MBL (Movimento Brasil Livre) tem informado a seus seguidores que pretende formar um partido no ano que vem. O grupo já se aproximou de diferentes siglas ao longo de sua trajetória, como Podemos, Patriota e União Brasil. Agora, se convenceu de que precisa ter sua própria legenda para se fortalecer.

YES, WE CAN Em vídeo enviado a seguidores, Renan Santos, um dos fundadores do movimento, diz que a Academia MBL, plataforma de cursos pagos do grupo, será a base de formação da legenda. "O partido da nossa geração vai surgir e você vai fazer parte disso", diz.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL	Digital Ilimitado R$ 29,90	Digital Premium R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6	R$ 9	R$ 827,90
DF, SC	R$ 7	R$ 10	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 7,50	R$ 11	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 11,50	R$ 14	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 12	R$ 15	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
342.487 exemplares (outubro de 2022)

Bolsonaro tem recorde de vetos derrubados e menor taxa de projetos aprovados

Pesquisadores compararam atual governo com anteriores e dizem que presidente não buscou aprofundar negociações com Congresso

Renata Galf

SÃO PAULO O presidente Jair Bolsonaro (PL) tem as menores taxas de projetos aprovados no Legislativo e o maior número de vetos derrubados se comparado a seus antecessores, de acordo com levantamento que abrange dados até o penúltimo semestre de cada mandato.

Para especialistas ouvidos pela **Folha**, os índices refletem um governo que não buscou negociar e aprovar leis que colocassem em curso a agenda pela qual foi eleito, como a pauta de costumes.

Os números são de estudo dos pesquisadores Ana Laura Pereira Barbosa, Oscar Vilhena Vieira e Rubens Glezer, da FGV Direito-SP, e faz parte de artigo em que eles analisam como o emprego do direito foi feito pela gestão Bolsonaro para implementar medidas antidemocráticas.

Eles intitulam o modus operandi de Bolsonaro como "infralegalismo autoritário". A tese é que, em vez de encampar alterações de leis e na Constituição, o presidente lançou mão de medidas infralegais, como decretos, para avançar no desmonte de diferentes políticas, entre elas a pauta ambiental e de armamento.

Dos mandatos considerados, o de Bolsonaro é o único em que o Executivo tem uma taxa de dominância inferior a um terço (28,3%) no período analisado, ou seja, a maioria dos projetos aprovados veio do Legislativo.

Também foram incluídos no cálculo projetos aprovados no período, mas apresentados por presidentes anteriores.

A taxa de sucesso (38%) de Bolsonaro também é inferior à de seus antecessores. A maioria das propostas enviadas pelo presidente ao Legislativo não foi aprovada.

O levantamento considera só as propostas legislativas não orçamentárias e inclui dados do início dos governos até 10 de junho do último ano de cada mandato. Por não atingirem o mesmo período para comparação, o segundo mandato de Dilma Rousseff (PT) e o mandato de Michel Temer (MDB) não foram incluídos.

"O governo Bolsonaro, nos primeiros dois anos, não tinha disposição para negociar. A plataforma dele era não negociar, então, ele entende que tem essa rota alternativa [infralegal]", diz Oscar Vilhena, que é professor da FGV e colunista da **Folha**.

Apesar dos seguidos mandatos como deputado, Bolsonaro se vendeu como um representante da antipolítica e assumiu o cargo dizendo que era contra o "toma lá, dá cá".

A principal emenda constitucional do Executivo aprovada por ele, do ponto de vista de mudança estrutural, foi a PEC da Previdência, que ocorreu por vontade política do Congresso, com articulação do então presidente da Câmara, Rodrigo Maia (então no DEM).

Mais perto da segunda metade do mandato, Bolsonaro se aproximou do chamado centrão e conseguiu eleger seus candidatos para as presidências da Câmara e do Senado, que passaram respectivamente às mãos de Arthur Lira (PP-AL) e Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

O presidente também cedeu controle de parte significativa do Orçamento a deputados e senadores por meio das emendas de relator, que passaram a ser uma das principais moedas de troca para negociação de votos. Além disso, tal ferramenta também é lida por parte dos entrevistados como uma forma de Bolsonaro se proteger dos pedidos de impeachment que se acumulavam na gaveta de Lira.

A cientista política Andréa Freitas, professora da Unicamp, considera que a forma como o presidente buscou apoio, não calcada nos partidos, mas em negociações individuais, refletiu no baixo número de projetos aprovados.

"Por tratar individualmente com os parlamentares, ele acabou optando por fazer um jogo que é muito custoso do ponto de vista da coordenação, onde em todo projeto você tem que negociar", diz ela, que coordena o núcleo de pesquisa sobre instituições políticas do Cebrap.

A partir da análise dos dados, a mestre em direito e pesquisadora Ana Laura Barbosa avalia que isso não causou maior protagonismo do Executivo na definição da agenda. "Quando havia uma coincidência de vontades entre o que o Legislativo queria e o que o Bolsonaro queria, aí havia uma aprovação", afirma.

Emendas à Constituição de caráter econômico e de interesse eleitoral de Bolsonaro, como a PEC dos Precatórios, foram aprovadas. Outra PEC, esta não apresentada pelo Executivo, liberou R$ 40 bilhões para que o governo pudesse pagar auxílio social às vésperas do pleito em 2022.

O professor e coordenador do Supremo em Pauta da FGV Rubens Glezer destaca que, mesmo com Lira no comando, Bolsonaro sofreu derrotas importantes, como no caso da PEC do voto impresso, de autoria da deputada Bia Kicis (PL-DF) —parte das bandeiras defendidas pelo presidente foi apresentada por aliados.

"Tem poucas coisas que são crucialmente relevantes na agenda do Bolsonaro e uma delas era esse processo de descredibilização do processo eleitoral", afirma Glezer.

Bolsonaro foi quem mais editou decretos entre os avaliados. Diferentemente de projetos de lei, eles não precisam passar pelo Legislativo. Embora sejam um instrumento para concretizar obrigações previstas em lei, Bolsonaro os usou muitas vezes para ir contra as legislações em vigor.

O mandatário ainda é recordista de vetos derrubados pelo Congresso, acumulando 30 casos no período, número bem superior ao de antecessores.

Também surpreende a proporção de medidas provisórias editadas pelo chefe do Executivo. Além de Bolsonaro ter apresentado o maior número absoluto de MPs, elas representam a principal fatia de sua atuação legislativa (76,5%).

Bolsonaro, contudo, tem a pior taxa de conversão de medidas provisórias (45,3%). As MPs entram em vigor logo após a edição, mas precisam ser aprovadas em 120 dias pelo Congresso para virarem lei.

O presidente também é o primeiro a ter duas medidas do tipo devolvidas. Pacheco devolveu uma MP editada por Bolsonaro às vésperas do 7 de Setembro de 2021. Ela pretendia limitar a possibilidade de moderação de conteúdo pelas redes sociais.

Para a cientista política Joyce Luz, pesquisadora do Observatório do Legislativo Brasileiro, o número de vetos demonstra conflito e falta de diálogo entre o presidente e o Congresso, ao passo que as MPs, que chegaram a caducar sem passar pelo Legislativo, indicam falta de negociação.

"A gente teve muito mais o Legislativo atuando sobre a agenda de políticas do que de fato o presidente", afirma a pesquisadora.

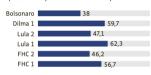
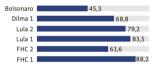
Governo Bolsonaro tem as piores taxas de projetos aprovados no Congresso e maior número de vetos

Levantamento abrange dados até 10.jun do último ano de cada mandato

Taxa de dominância*
Em %

Indica quanto da agenda aprovada no Congresso está sendo pautada pelo Executivo

Taxa de sucesso*
Em %

Verifica quantas das propostas legislativas apresentadas pelo Executivo foram aprovadas

Bolsonaro tem pior taxa de conversão das medidas provisórias em lei**
Em %

MPs aprovadas x MPs apresentadas

Bolsonaro tem maior número de vetos derrubados

Bolsonaro editou mais decretos

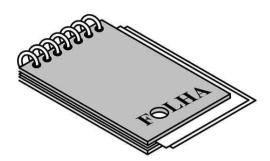
Inclui decretos editados até 30.mai do último ano de cada mandato

* Foram consideradas as proposições legislativas não orçamentárias (PL,PLP, MPV e PEC)
** O levantamento unificou MPs de conteúdo idêntico e reeditadas antes da emenda constitucional 32 (que alterou as regras)
Fonte: levantamento dos pesquisadores Ana Laura Pereira Barbosa, Oscar Vilhena Vieira e Rubens Glezer da FGV

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

Um ano difícil para a Folha

De Risério à 'Gastança', sobraram motivos para leitores baterem no jornal

José Henrique Mariante

Janeiro. *"Não recebi a edição de hoje 01/01/2022 nem a do dia de Natal." "Para nós é impossível subir no telhado para pegar o jornal." "Qual é o problema de vocês com a expressão 'cidadão de bem'?" "Diante do assustador artigo do Sr. Antonio Risério, venho lhe fazer uma pergunta objetiva: a* **Folha** *é racista?" "Não posso ajudar a sustentar um jornalismo que tem mais moderação nos espaços de comentários do que na seleção dos artigos." "Que vergonha,* **Folha***." "Como assinante, manifesto o meu total apoio ao abaixo-assinado dos jornalistas."*

Fevereiro. *"Creio que a* **Folha** *falhou (desculpe o trava-língua) nessa cobertura." "Não dá para escrever isso de maneira mais simples?" "O orçamento secreto continua secreto na* **Folha***." "Como a gente fica sabendo o final da história? Telefono para o repórter? Pergunto para o ombudsman?"*

Março. *"Aliás, esse assunto deixa claro que a* **Folha** *tem lado." "Entretanto, o título e a linha fina não correspondem ao texto e muito menos à realidade." "O que motiva o jornal a requentar um assunto que foi foco de delação premiada?" "Onde está o jornalismo investigativo do jornal? Não se investiga só no Google." "Acho muito injusto aquele que paga 'mais' pela assinatura mensal deste diário receber 'menos'." "Lamentável é ver que a* **Folha** *se acovarda e prefere sempre um tom blasé, escondendo-se sob o manto da imparcialidade."*

Abril. *"Dentro da* **Folha** *eu só conheço o Janio de Freitas, que nunca foi domesticado." "Será que vai ser igual ao orçamento secreto, que a* **Folha** *ignorou por meses até mencionar pela primeira vez?" "A* **Folha** *também tem um passado de malfeitos, de embarques em canoas furadas, como o apoio às políticas neoliberais de Temer e Guedes, ao lavajatismo, à ditadura militar." "Por favor, não matem a rainha!" "Muito triste constatar que a* **Folha** *ainda prefere o Bozo à democracia." "Recebi um exemplar do Estadão, não o da* **Folha***!"*

Maio. *"Doria tem mais espaço do que o terceiro colocado nas pesquisas." "Que a* **Folha** *cada vez mais cede às pressões do identitarismo e da cultura do politicamente correto não é novidade nenhuma." "A manchete não seria 'Policiais rodoviários federais matam homem asfixiado?'" "A* **Folha** *está insistindo que Lula não foi inocentado." "Continuo achando que a* **Folha** *será julgada por historiadores do futuro como omissa, por não ter pedido o impeachment do psicopata." "A matéria que trata Guedes como vítima do Bolsonaro é uma piada de extremo mau gosto."*

Junho. *"Precisamos do Guia de volta, como sempre foi. Faz uma falta imensa!" "Inaceitável a quantidade de palavras chulas utilizadas na sobredita coluna." "É absolutamente caricata a representação do que se apresenta como esquerda e direita." "Uma cobertura pouco crítica ou não crítica o suficiente ao pior governo da história." "A* **Folha** *em transe." "O país no caos, 33 milhões passando fome, ministro sendo preso, o governo criando milhões de fake news sobre inúmeros problemas, várias cortinas de fumaça, e a* **Folha** *buscando entrevista com Cesare Battisti."*

Julho. *"Eu preciso dizer que me impressiona como a* **Folha** *tem comprado com grande facilidade as declarações dos representantes do poder público." "A palavra desastre é excelente para atrair os leitores, mas é aquecimento global." "Meu pai não tem mais o que ler, pois era um leitor assíduo do Agora." "A* **Folha** *não chama a PEC de 'Medo do Lula'".*

Agosto. *"Acho que a* **Folha** *está começando a fazer o mesmo que fez nas eleições de 2018." "Uma coisa é uma colcha de retalhos de ideias e opiniões de forma caleidoscópica. Outra coisa é... racismo." "Se tímida e tardiamente a autocrítica do PT começa, a da imprensa brasileira, com vários golpes no currículo, ainda demora." "Até o JN foi melhor que vocês."*

Setembro. *"O senhor vê alguma explicação plausível para a excelente reportagem do UOL não ter merecido destaque no jornal?" "Até quando a* **Folha** *vai nos perturbar com os artigos inúteis, preconceituosos, machistas, grosseiros e repletos de desinformações que esse homem escreve?" "Não acredito nisso, até porque os comentários das minhas filhas, que são comunistas, não são bloqueados." "No 7 de Setembro, quem pautou foi o presidente." "O jornalismo morreu, então vamos entreter o público." "Essa matéria parece um release, até a foto é bolsonarista."*

Outubro. *"Os erros do Datafolha demonstram tentativa de induzir o eleitor." "BOLSONARO GANHARÁ NO PRIMEIRO TURNO PARA O AZAR DE VOCÊS." "Vivemos à beira de uma ditadura e, ao invés de a* **Folha** *se postar ao lado da democracia, prefere cobrar quais serão as ações na economia de um próximo governo petista." "É aterrorizante iniciar um domingo com um editorial distópico e impertinente da FSP." "Onde está o editorial para contestar a abominável atitude do TSE?"*

Novembro. *"Não era orçamento secreto? Por que agora são emendas do relator, dias após as eleições?" "Já passou da hora de a* **Folha** *entender que golpismo não é opinião." "A* **Folha** *já começa a insuflar sua derrubada, como fez em passado recente com mandatária também eleita pelo povo..." "O viés anti-Lula do jornal já está alcançando o limite da desonestidade." "A guinada da* **Folha** *para a direita é radical. Os últimos editoriais são repulsivos. Não me lembro de ler nada parecido em 2018, no pós-eleição do presidente Bolsonaro." "Parte da normalidade envolve este jornal meter o pau no PT, como sempre fez."*

Dezembro. *"A* **Folha** *continua, como nos últimos quatro anos, sendo tchutchuquinha com o Bolsonaro e a direita e tigrona com Lula e a esquerda." "Transição e golpismo no Brasil, protestos na China, guerra na Europa e o grande acontecimento é a vitória da Argentina na Copa?" "Considero Janio uma verdadeira instituição no jornalismo nacional. Acho que a* **Folha** *perde parte de sua alma ao demiti-lo." "Como ficar sem Janio e Marcelo Coelho? A leitura da* **Folha** *era essencial na formação de um pensamento crítico. O jornal se torna indigesto." "Estou começando a achar que 'gastança' é ser assinante da* **Folha***." "A 'gastança' se deu nos milhões desviados para uma campanha presidencial criminosa, para as medidas secretas do relator, para o cartão corporativo de Jair Bolsonaro com sigilo de 100 anos." "É impressão minha ou a* **Folha** *está querendo acabar com o jornal?" "Bom Natal e um 2023 melhor do que 2022."*

Pausa
A coluna volta em 22 de janeiro.

Congresso coloca trava em verba que voltará para Lula

Petista precisará de aval do Legislativo sobre R$ 10 bi de emendas de relator

Thiago Resende e Cézar Feitoza

BRASÍLIA O Congresso colocou uma trava para impedir o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), de fazer mudanças no destino dos quase R$ 10 bilhões que ficam sob comando do novo governo pelo acordo de redistribuição das extintas emendas de relator.

Após o STF (Supremo Tribunal Federal) declarar essas emendas inconstitucionais na última semana, a cúpula do Congresso negociou uma saída com o governo eleito para manter a influência dos parlamentares.

Pelo acerto, metade da verba, R$ 9,85 bilhões, foi incorporada às emendas individuais que cada congressista tem direito a fazer ao Orçamento da União. Os outros R$ 9,85 bilhões voltam para as mãos do governo.

Ocorre que deputados e senadores inseriram um dispositivo no Orçamento para que Lula precise de autorização do próprio Congresso para colocar a verba da sua parte em outras áreas que não sejam as definidas pelos parlamentares, como construção de estradas, compras de tratores e obras.

O presidente eleito não é obrigado a executar as obras, os convênios e os projetos, mas o dinheiro ficará nos ministérios de Lula, como Agricultura e Desenvolvimento Regional, de forma engessada.

Lula com Arthur Lira e Rodrigo Pacheco na cerimônia de diplomação Ueslei Marcelino - 12.dez.22/Reuters

Aliados de Lula chegaram a dizer que o governo eleito iria apresentar ao relator do Orçamento, senador Marcelo Castro (MDB-PI), uma proposta para a distribuição dos R$ 9,85 bilhões entre os ministérios do novo governo.

No entanto, líderes do centrão já afirmavam na terça-feira (20) que a prioridade é do Congresso, responsável pela aprovação do Orçamento. Por isso, mesmo a realocação da verba de Lula iria atender a projetos de interesse dos parlamentares, irrigando pastas e ações semelhantes que recebiam emendas de relator nos anos anteriores.

Nessa queda de braço, o centrão se sobressaiu. Com críticas de poucos deputados, como os do PSOL, o Orçamento aprovado foi com os R$ 9,85 bilhões divididos no mesmo modelo das emendas de relator e com a trava a Lula para alterações na verba. O PT não se opôs a isso no Congresso.

Na prática, apesar da decisão do STF, o Orçamento de 2023 mantém os recursos nas mesmas ações e projetos que já estavam previstos em acordo político entre líderes do centrão. A diferença é o código, que sai do RP9 (emendas de relator) e entra no RP2 (recurso dos ministérios).

Líderes do centrão têm afirmado que, embora tenham perdido o poder de execução das emendas de relator, querem que os R$ 9,85 bilhões repassados para os ministérios sejam liberados seguindo indicações de parlamentares.

Para isso, deputados e senadores terão de negociar o envio dos recursos com os ministérios. Mas, no governo de Jair Bolsonaro (PL), também não havia a obrigação de os ministros executarem as emendas de relator – era uma negociação política.

Na semana anterior, o Congresso já havia feito uma divisão das emendas, antes da decisão do STF.

O quadro previa recursos para algumas ações, como fomento ao setor agropecuário (compra de máquinas), qualificação viária (área de obras em rodovias), abastecimento de água do canal do sertão alagoano, entre outras.

Foram atendidos os ministérios da Agricultura, Saúde, Educação, do Desenvolvimento Regional (que será fatiado em dois) e da Cidadania (futuro Desenvolvimento Social).

Os ministérios desmembrados do Desenvolvimento Regional estão sendo negociados por Lula com o centrão, mas o grupo de partidos que aglutina muita força no Congresso não comandará as demais pastas. No caso da Agricultura, deve ir o senador Carlos Fávaro (PSD-MT), aliado de Lula e também do presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

Por isso, a trava contra mudanças no destino dos R$ 10 bilhões teve amplo apoio na Câmara e no Senado.

O quadro da semana retrasada, antes da decisão do STF, previa R$ 40 milhões de emendas de relator para a implantação de sistemas adutores para abastecimento de água no canal do sertão alagoano, via Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Paranaíba).

Agora, mesmo com o fim das emendas, o relator chegou a ampliar para R$ 50 milhões o valor para a mesma ação.

No caso da ação de fomento ao setor agropecuário, que financia compras de máquinas e tratores, havia a previsão de destinar R$ 600 milhões em emendas de relator na semana retrasada. O Orçamento aprovado colocou R$ 416 milhões nessa mesma área com recursos oriundos da parte de Lula no acordo de divisão da verba das emendas.

O centrão ainda conseguiu encontrar uma forma para destravar mais de R$ 7 bilhões em emendas de relator que estavam bloqueadas pelo governo Bolsonaro neste ano. O dinheiro deve ser descongelado após a aprovação da PEC da Gastança, que permite ao governo investir cerca de R$ 23 bilhões ainda neste ano.

Por acordo entre lideranças partidárias, o Congresso aprovou na quinta (22) um projeto que transfere o valor das emendas de relator para o orçamento dos ministérios.

A proposta ainda permite, "excepcionalmente", que o governo poderá destinar os recursos para transferência direta para estados e municípios. O acordo político, no entanto, prevê que os parlamentares terão direito de indicar qual o destino do dinheiro —assim como era feito antes de o STF declarar as emendas de relator inconstitucionais.

Para dar segurança a essa execução do Orçamento a uma semana do fim do ano, a AGU (Advocacia-Geral da União) apresentou um pedido de esclarecimento ao STF.

No documento, o governo diz que a decisão do Supremo sobre emendas de relator não foi clara sobre recursos que já foram empenhados ou já tiveram parte dos repasses feitos.

A AGU defende que todo o dinheiro empenhado (primeira fase da execução) seja pago. "Seria mais condizente com a necessidade de evitar que serviços, obras e compras já iniciados sejam abruptamente suspensos",

Cisternas estocadas em depósito da Codevasf em Petrolina (PE); equipamentos pagos com emendas definham ao ar livre Fotos Karime Xavier - 25.nov.21/Folhapress

Codevasf decide gastar com galpão em vez de agilizar doação de cisternas

Estatal teve queda no estoque de equipamentos armazenados somente nos meses antes da eleição

Flávio Ferreira

SÃO PAULO Em resposta à revelação da **Folha** de que equipamentos antisseca pagos com emendas definhavam em depósitos da gestão de Jair Bolsonaro (PL) em Pernambuco, o governo decidiu construir um novo galpão de armazenamento, em vez de criar meios para acelerar as entregas à população.

No fim do ano passado, a reportagem foi a Petrolina (PE), a 713 km do Recife, e mostrou que a Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba) mantinha em estoque dezenas de cisternas, caixas-d'água, tratores, implementos agrícolas e tubos de irrigação comprados com recursos de emendas parlamentares.

Os equipamentos já davam sinais de desgaste com o tempo e alguns deles, como canos e reservatórios de água, estavam lá há mais de um ano, segundo relatos de moradores da região.

Eles suspeitavam que os produtos estavam sendo guardados para distribuição no ano eleitoral de 2022.

Com base na publicação do jornal, o deputado federal Kim Kataguiri (União-SP) pediu ao TCU (Tribunal de Contas da União) a realização de uma investigação sobre o fato.

A corte de contas abriu então uma apuração e constatou que à época da reportagem, em 2021, a regional da Codevasf em Petrolina mantinha estocados mais de 5.000 reservatórios de água. Desse total, a maior parte era de caixas d'água de 500 litros, com 3.800 unidades.

Seis meses após a publicação, em meados deste ano, o estoque ainda era alto, com 4.300 unidades, de acordo com a fiscalização do TCU.

A Codevasf informou ao Tribunal de Contas que tanto no fim de 2021 quanto em junho havia em suas dependências "apenas caixas d'água e tanques oriundos de emendas parlamentares".

Os controles fornecidos pela estatal também indicaram 7.900 tubos de PVC armazenados em dezembro do ano passado, número que subiu para cerca de 11 mil unidades em junho.

A auditoria constatou que "os equipamentos estavam armazenados de forma precária".

De acordo com o TCU, para corrigir essa situação, a Codevasf decidiu então construir um galpão metálico para armazenar os produtos.

O passo inicial foi contratar, sem licitação, a empresa Inoxtec Ltda. para fazer o projeto do novo depósito.

O preço só do projeto foi orçado em R$ 100 mil. O contrato recebeu um aditivo que prorrogou a entrega do trabalho para outubro.

A **Folha** indagou à Codevasf qual era o estoque de reservatórios de água em 30 de outubro deste ano, data do segundo turno das eleições gerais, uma vez que os moradores da região anteviam que a velocidade das entregas aumentaria em função das votações.

A estatal respondeu que no dia do turno final das eleições o estoque de reservatórios era de 2.300 unidades, ou seja, houve aceleração na distribuição dos produtos nos meses pré-eleitorais.

Nos anos de 2019 e 2020 a superintendência da Codevasf em Petrolina gastou cerca de R$ 490 milhões oriundos de emendas parlamentares.

Elas foram apresentadas por 26 congressistas da bancada pernambucana, de vários partidos de situação e oposição, de acordo com relatório fornecido pelo órgão federal à Câmara Municipal de Petrolina, por solicitação do vereador Gilmar dos Santos Pereira (PT).

Porém quase 70% das verbas foram destinadas pelo ex-líder do governo Bolsonaro no Senado, Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE). Do total, pelo menos R$ 125 milhões foram endereçados pelo senador por meio das chamadas emendas do relator, de acordo com documentos do Ministério do Desenvolvimento Regional.

Segundo o relatório obtido pelo vereador, no biênio 2019/2020 a regional do órgão federal usou 28% dos recursos provenientes de emendas para compra de máquinas e equipamentos, 9% para perfuração e instalação de poços e 7% para recuperação e implantação de reservatórios hídricos, o que corresponde a cerca de R$ 215 milhões.

STF barra emendas de relator, porém Congresso manobra

Decisão da Justiça
Por 6 votos a 5, o Supremo Tribunal Federal declarou a inconstitucionalidade das emendas de relator na segunda (19). Os ministros entenderam que é irregular, por exemplo, a falta de identificação de quem pediu os recursos.

Moeda de troca
Esse tipo de emenda foi instituído em 2020 para destinar recursos federais a despesas de interesse de congressistas. A estatal Codevasf foi um dos principais destinos das verbas indicadas por deputados e senadores alinhados com o governo e a cúpula do Congresso

Manobra
Ao aprovar o Orçamento para 2023 na última semana, o Congresso distribuiu os R$ 19,4 bilhões de emendas de relator previstas para o ano em emendas individuais (R$ 9,6 bi) e orçamento para execução dos ministérios (R$ 9,8 bi), mantendo viva a lógica por trás desse tipo de emenda

Tubos de PVC armazenados e expostos ao clima em depósito em Pernambuco, em 2021

Estatal diz que precisa estocar para concluir processos de doação

OUTRO LADO

Procurada pela reportagem, a Codevasf afirmou que a entrega dos equipamentos envolve vários passos, como a elaboração de relatórios, avaliação de conveniência socioeconômica, visitas técnicas, emissão de pareceres e publicação de informações no Diário Oficial.

"Até que os procedimentos de transferência sejam concluídos, é necessária a permanência dos equipamentos em áreas de armazenamento", de acordo com a estatal.

De acordo com a Codevasf, a contratação do projeto dos galpões modulares metálicos foi feita sem licitação pois a legislação permite a dispensa de concorrência pública para estatais que vão contratar obras e serviços de engenharia com valor de até R$ 100 mil.

O projeto do galpão está em fase de revisão, segundo a empresa pública.

Indagada sobre a precariedade na estocagem dos produtos, a estatal respondeu que "os bens ficam armazenados em área da Codevasf sob vigilância permanente (24 horas diárias). Recinto coberto abriga parte dos equipamentos".

Quanto aos fatos de manter estoques altos e acelerar entregas em período eleitoral, a estatal afirmou que "aquisições e doações de bens pela Codevasf ocorrem continuamente — há fluxo constante de entrada e saída de equipamentos nos espaços de armazenamento mantidos pela companhia. Por essa razão, o estoque é sempre positivo".

"Eventual avaliação do ritmo de entregas não deve ser realizada por meio de mera subtração de quantidades existentes em estoque em diferentes datas", completou.

Gabriela Prioli lança livro trazendo panorama sobre ideologias

Naief Haddad

SÃO PAULO O mundo sob uma visão simplificada é mais confortável. É também mais arriscado. Como disse o francês Blaise Pascal no século 17, "corremos despreocupados em direção ao precipício depois de haver colocado algo diante de nós para impedir que o vejamos".

Gabriela Prioli lança a pergunta sobre a corrida usada por Pascal como metáfora: "Tiraremos a venda?" A resposta oferecida pela advogada e apresentadora da CNN Brasil neste 2022 é o lançamento do livro "Ideologias".

Como havia feito em "Política É para Todos", em 2021, Prioli apresenta panorama bastante razoável sobre o tema. Feito esse voo inicial, leitores terão mais condições de se deter em autores e subtemas.

"Não é só porque a pessoa se diz adepta de tal corrente que, na prática, ela siga essa linha. Daí a importância de conhecer mais profundamente as ideias de quem pensou as ideologias para não cairmos em qualquer história", escreve.

Prioli se concentra no liberalismo, no conservadorismo e no socialismo, chamados por ela de macroideologias, árvores "que se desenvolvem em direções variadas". São, diz ela, matrizes de pensamento que nos servem de bússola hoje.

A pretensão de "Ideologias" não é defender a superioridade de uma corrente sobre a demais. "Minha preocupação é relatar pensamentos de terceiros. Claro que estou ali presente para o meu leitor, mas o livro se propõe a apresentar ideias de outros autores."

O senso comum mandaria iniciar o livro com o conservadorismo. Mas seria um erro, porque esse pensamento, na verdade, se organizou como reação às grandes revoluções liberais. O primeiro bloco versa sobre o liberalismo.

Prioli é bem-sucedida ao mostrar como essa corrente se consolidou ao longo de três revoluções: a Gloriosa, na Inglaterra do século 17; a Independência dos EUA, no século 18; e a mais influente delas, a Revolução Francesa, também nesse período.

Além de apontar os fundamentos de cada ideologia e suas ramificações, cada bloco tem um capítulo destinado aos principais pensadores. No caso do liberalismo, Prioli dá especial atenção a John Stuart Mill, cujas ideias ecoam com força ainda hoje.

Esse inglês do século 19 foi um dos primeiros a defender que o processo de aperfeiçoamento humano resulta do enfrentamento de ideias opostas. A arena pública deve ser o lugar do embate de concepções, sejam elas políticas, econômicas, religiosas.

No Brasil, a visão liberal é associada ao viés econômico, com postura contrária às intervenções do Estado no mercado. Mas essa é apenas uma das partes que formam o universo do liberalismo, indica a autora.

O conservadorismo, tema seguinte, mantém o pé atrás com o pensamento racional, que está na base das revoluções liberais. Não significa que os conservadores desprezem a racionalidade, mas não veem nela a garantia de atingir a verdade.

Cautela é palavra-chave nessa ideologia, o que indica o problema em associar o bolsonarismo ao conservadorismo, como se faz regularmente.

Prioli expõe alguns alicerces do conservadorismo, como o senso de comunidade e a luta contra ditaduras das massas, e destaca reflexões de nomes como o inglês G. K. Chesterton, defensor do distributismo, que se opõe tanto ao capitalismo quanto ao socialismo.

Karl Marx, claro, é o nome-chave do último bloco do livro, reservado ao socialismo. Em tudo o teórico alemão do século 19 se opõe aos conservadores, certo? Nem sempre.

Marxistas e conservadores, escreve Prioli, "reverenciam o papel da História com H maiúsculo e acreditam que os indivíduos têm pouca capacidade de mudar o mundo antes que as condições estejam dadas historicamente".

Mas em outros aspectos, socialistas revelam afinidades com parte do liberais, em contraposição a conservadores. "Ambas as correntes sustentam, ainda que cada qual a seu modo, que a sociabilidade moderna, ou seja, as formas pelas quais as pessoas se relacionam, é baseada no interesse."

É evidente que, ao contemplar essas três "macroideologias", as diferenças prevalecem, mas os pontos de contato contribuem como antídoto contra o maniqueísmo. Ou, nas palavras de Prioli, contra o "esvaziamento dos rótulos".

Ao fim das 232 páginas, espera a autora, os leitores terão "um repertório de ferramentas para se afirmar de modo mais autônomo no debate público".

Ideologias
Autora: Gabriela Prioli
Editora: Companhia das Letras
R$ 60 (232 págs)

A Folha em 2022

No ano da eleição mais acirrada da história recente, jornal pautou o debate público em áreas que vão da economia à democracia e esteve presente nas diversas plataformas

mostrou

reportagens exclusivas e levantamentos especiais

EUA ignoram pedido do Brasil, e uso de algemas em deportados vira impasse

Acordos com plataformas para eleições no Brasil ficam aquém das políticas nos EUA

Ministro da Educação diz priorizar amigos de pastor a pedido de Bolsonaro

Governo Bolsonaro destina R$ 26 milhões em kit robótica para escolas sem água e computador

Governo Bolsonaro afrouxa licitações para acomodar emendoduto na Codevasf

Tarcísio não mora em imóvel que indicou para transferir seu domicílio eleitoral a SP

Hungria ofereceu ajuda para reeleição de Bolsonaro, mostra relatório interno

Plano de Guedes prevê salário mínimo e aposentadoria sem correção pela inflação passada

Equipe de Tarcísio mandou cinegrafista apagar vídeo de tiroteio em Paraisópolis

Tribunal aponta risco de superfaturamento em contratos de R$ 161 milhões do Butantan

Lula viajará ao Egito no avião do empresário José Seripieri Junior

Pelé não responde mais à quimioterapia e está em cuidados paliativos

fomentou a diversidade

iniciativas discutiram racismo e desigualdade

Índice Folha de Equilíbrio Racial
Indicador desenvolvido em parceria com economistas mostrou onde estão as maiores barreiras de acesso a pessoas negras

Os 10 anos da Lei de Cotas
Série de reportagens avaliou os desafios da medida de inclusão

criou

serviços e prêmios lançados neste ano

Novo site do Clube Folha
Plataforma do programa de benefícios, que oferece descontos em mais de 200 endereços em todo o país, ganhou nova cara. Na interface do programa de fidelidade, público pode optar por produtos nas áreas de cultura, lazer, gastronomia, saúde e bem-estar, turismo, moda e educação, disponíveis nos endereços físicos e também em lojas online

Aplicativo unificado
Facilitou navegação e agora permite ao assinante baixar réplica do jornal impresso para ler em modo offline

Calculadoras da inflação e da aposentadoria
Ferramentas ajudam a estimar o aumento de preços e também o quanto trabalhadores que contribuem com o INSS ganharão na aposentadoria

PRÊMIO CHARGE DO ANO
Obra de João Montanaro, publicada em junho, que é finalista no concurso em que leitores puderam votar no melhor cartum do mês e que anunciará seu vencedor no começo de 2023

SÉRIE PREMIADA
Jasson do Nascimento, morador de reserva extrativista no Amazonas, em foto de Lalo de Almeida para série 'Amazônia sob Bolsonaro', publicada pela Folha, que está entre as vencedoras do World Press Photo, maior prêmio do fotojornalismo

defendeu

editoriais que estamparam a Primeira Página da Folha

FOLHA DE S.PAULO
10% decidiram voto no fim de semana

'É a economia, Lula', sobre a falta de propostas do então candidato para a área **8.out**

FOLHA DE S.PAULO
TSE adota tese para intervir em redes

'Ameaça autocrática', sobre os ataques de Bolsonaro às instituições democráticas **22.out**

FOLHA DE S.PAULO
Na véspera, Datafolha indica Lula com 52%; Bolsonaro tem 48%

'Uma eleição crucial', que reafirmou apartidarismo do jornal às vésperas do pleito **29.out**

retratou

Ensaios fotográficos captaram os humores do ano

falou

podcasts que renderam assunto

A Mulher da Casa Abandonada
Fenômeno de audiência, com milhões de downloads, série apresentada por Chico Felitti resultou em um aumento das denúncias de trabalho escravo no país

Rádio Folhinha
Trouxe temas do mundo adulto para as crianças

Café da Manhã
Parceria entre a **Folha** e o Spotify, programa matinal chegou ao seu milésimo episódio

Lalo de Almeida/Folhapress

pautou
cobertura movimentou o debate público

na economia

Os 30 anos de privatização
Série especial destrinchou o legado da abertura econômica

As cartas a Lula
Economistas Arminio Fraga, Edmar Bacha e Pedro Malan escreveram carta ao presidente eleito, e seus colegas José L. Oreiro, Luiz Fernando de Paula, Luiz Carlos Bresser-Pereira, Kalinka Martins e Luiz C. Magalhães rebateram os argumentos

sobre a história do país

Os 100 anos da Semana de 1922
Cobertura especial lembrou o centenário do modernismo

Os 200 anos da Independência
Reviu legado e gargalos de dois séculos de autonomia do país

200 anos, 200 livros
Intelectuais do mundo lusófono escolheram as obras fundamentais para entender o Brasil nos 200 anos da Independência

sobre democracia

Liberdade de expressão
Série de reportagens avaliou temas como censura, liberdade de imprensa, transparência e luta contra a desinformação

A "Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em Defesa do Estado Democrático de Direito"
Cobertura acompanhou a mais ampla manifestação por democracia que ocorreu sob o governo de Jair Bolsonaro

nas eleições de 2022

Lula e Bolsonaro frente a frente
Jornal integrou pool do primeiro debate presidencial que reuniu os dois líderes na corrida pelo Planalto

Tarcísio, Haddad e Rodrigo disputam o governo de SP
Organizou debate entre candidatos ao Palácio dos Bandeirantes

Minutos contados
Folha ajudou a organizar debates com banco de tempo e presença de jornalistas, o que permitiu explorar melhor as propostas

sobre a sociedade

Vida pública
Estreou novo núcleo editorial, em parceria com o Instituto República.org, sobre iniciativas no serviço público brasileiro

Os 30 anos da cracolândia
Especial mostrou três décadas de uma mazela social

Brasil no divã
Série de textos destrinchou a explosão dos problemas de saúde mental em várias regiões do Brasil

Jovens do Brasil
Pesquisas do Datafolha e reportagens detalharam o que pensam e o que fazem aqueles que irão definir rumos do país

8 bilhões no mundo
Série de reportagens destacou os desafios de um planeta cuja população atingiu um novo patamar

sobre ambiente

Planeta em transe
Cobertura especial abordou as mudanças climáticas no globo

sobre educação

Filme 'Desconectados
Documentário escancarou os desafios da educação durante a pandemia de Covid no Brasil

sobre empreendedorismo

Social+
Lançou plataforma que substitui e amplia o enfoque do canal Empreendedor Social e elegeu, como causa social do ano, o tema da violência sexual contra crianças e adolescentes

ouviu
principais entrevistas

Sabemos que eles [Lula e Bolsonaro] têm consenso na relação com a Rússia, apesar de situações difíceis dentro do país

Vladimir Putin
presidente da Rússia

O fenômeno do 'Partido Judicial' aconteceu com Lula e acontece comigo

Cristina Kirchner
vice-presidente da Argentina

Agora vem a eleição? Vamos para o ataque

Paulo Guedes
ministro da Economia

Ninguém vai falar, muito menos tentar qualquer mudança no controle do Brasil sobre a Amazônia brasileira

Al Gore
ex-vice-presidente dos EUA

Não vai ter outro Galvão na Globo. Eu fazia tudo

Galvão Bueno
locutor esportivo

Não esperem que eu vá me posicionar politicamente todo dia

Fátima Bernardes
apresentadora

Retratos de uma democracia
Ao longo de um ano, Bob Wolfenson e sua equipe fotografaram expoentes da política, da economia e da sociedade civil, como Lula e Bolsonaro

Assim vivemos a pandemia
Ensaio com fotos de Eduardo Knapp e textos de Antonio Prata rememorou os efeitos da Covid na cidade de São Paulo

Fotos Bob Wolfenson

projetou
sondagem prévia apontou vitória de Lula

Pesquisa do Datafolha saiu na frente no dia do segundo turno e projetou vitória de Luiz Inácio Lula da Silva horas antes da apuração completa dos votos pelo Tribunal Superior Eleitoral

fez ao vivo
comentários em tempo real

Lives trouxeram repórteres e analistas para discutir as pesquisas do Datafolha que foram divulgadas ao longo da corrida eleitoral

FOLHA DE S.PAULO

Lula é eleito presidente, projeta Datafolha

Tarcísio diz que buscará alinhamento com governo de Lula

discutiu
Assuntos que foram mote de eventos e métricas

34 seminários
Seja em webinars ou em eventos presenciais, debates organizados pela **Folha** discutiram temas como doenças raras, metaverso, Mata Atlântica e alimentação

Índice Folha de Mobilidade
Reportagens e indicador, elaborado em parceria com a 99, avaliaram como as cidades possibilitam o fluxo de seus habitantes e se adaptam a princípios de sustentabilidade

Juliana Freire

Saudades da transição de FHC para Lula

Em 2003, ele deixou a marca da elegância

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Há 20 anos, Fernando Henrique Cardoso passou a faixa a Lula numa transição que podia sinalizar um processo civilizado para o futuro.

FHC levou caneladas antes, durante e depois da eleição. Passou o governo a Lula com a marca da elegância durante um período de incerteza econômica.

Convidou Lula e Marisa Letícia, sua mulher, para um encontro no Alvorada e, dias depois, FHC e Ruth Cardoso jantaram na Granja do Torto, colocada à disposição do presidente eleito. Está nas livrarias "Eles Não São Loucos", do repórter João Borges. Ele conta os bastidores das iniciativas que garantiram a paz nacional.

Agora, sem maiores piripacos na economia, a transição civilizada revelou-se uma ilusão. Ninguém sabe como Jair Bolsonaro se comportará. Restará apenas a amargura de uma tensão inútil.

Ministério de Lula

Até agora, o ministério de Lula parece-se com um automóvel que sai da oficina depois que o mecânico desmontou o motor, fez alguns acertos e trocou peças. Parece-se também com a salada de frutas de centro-direita que na política de Portugal denominou-se de "geringonça".

Lá, só se conseguiu avaliar a máquina quando ela começou a funcionar, e funcionou por quatro anos. Cá, só se vai saber se o carro com 37 ministros funciona direito quando ele estiver na estrada.

Reconciliação a irredutibilidade

Enquanto existirem presos e carcereiros alguém se lembrará da história de Nelson Mandela com Christo Brand, que vigiava a cela onde ele passou 18 dos 27 anos de encarceramento. O preso tornou-se presidente da África do Sul e o carcereiro continuou sua vida de humilde servidor público.

Ao encontrá-lo numa sessão do Congresso, Mandela o abraçou e pediu que sentasse ao seu lado para serem fotografados.

Mandiba, como era conhecido Nelson Mandela, queria reconciliar a África do Sul depois de décadas de segregação racial.

Depois de Bolsonaro, em menor medida, o Brasil precisa de paz.

O futuro ministro Flávio Dino desconvidou o futuro chefe da Polícia Rodoviária Federal porque ele exaltava o juiz Sergio Moro e comemorou a prisão de Lula. Se não devia tê-lo convidado, não deveria tê-lo desconvidado.

Dino escolheu o coronel da PM paulista Nivaldo Cesar Restivo para a Secretaria Nacional de Políticas Penais. Há 31 anos, como tenente, ele estava na logística da operação policial que resultou no massacre de presos do Carandiru, onde foram mortos 111 presidiários. Nunca foi acusado de nada. Incriminá-lo por "estar presente" é um exagero.

Atribui-se a Restivo a afirmação, feita em 2017, de que o desfecho da operação foi "legítimo e necessário".

O coronel é um servidor respeitado no sistema penal. Acusado, recusou o convite. Poupou Dino de um constrangimento.

Christo Brand nunca maltratou o preso Mandela.

Mau começo de ano

A partir do dia 1º de janeiro, todas as despesas de Jair Bolsonaro deverão caber na sua aposentadoria de R$ 80 mil por mês.

O Partido Liberal de Valdemar Costa Neto está com seus fundos congelados por ordem do ministro Alexandre de Moraes. De lá, não sairá um centavo.

Obras paradas

A julgar pela precisão estatística da equipe da transição, Jair Bolsonaro quase cumpriu sua promessa de acabar com o "ativismo" no Brasil. O vice-presidente eleito informou que há 14 mil obras paradas no país.

Retomar obras paradas é um bordão de todo governo que pretende alfinetar o antecessor, mas em 2016, quando Michel Temer assumiu, encerrando o primeiro ciclo petista, as obras federais paradas eram apenas 1.600.

Trump mentiroso

A Comissão da Câmara dos Estados Unidos aprimorou a forma de expor um mentiroso, fritando o ex-presidente Donald Trump pela sua conduta depois da eleição de 2020.

Pelo sistema convencional, quando um sujeito mente, mostra-se a verdade. A comissão valeu-se de uma nova tática. Mostrou 18 episódios nos quais Trump foi informado da verdade por colaboradores e, dias depois, mentiu dizendo o contrário do que lhe havia sido dito.

Dois exemplos: 1. No dia 15 de dezembro de 2020, antes do ataque ao Capitólio, Trump havia dito que um vídeo mostrava o transporte de votos falsos numa mala. O vice-procurador-geral Jeffrey Rosen corrigiu-o: "Não era uma mala. Era uma caixa. É o que se usa para transportar votos. Coisa benigna".

Sete dias depois, Trump voltou ao tema: "Na Georgia, uma câmera de segurança registrou quando funcionários mandaram que os escrutinadores saíssem da sala e despejaram sobre a mesa votos que estavam numa mala."

2. No dia 1º de dezembro de 2020, o procurador-geral Bill Barr disse-lhe: "Alguém já lhe contou que o senhor teve mais votos em Detroit do que na eleição passada? Em suma, não há indícios de fraude em Detroit".

No dia seguinte Trump insistiu: "Todo mundo viu o tremendo problema de Detroit... Lá apareceram mais votos do que eleitores".

Moro em perigo

O mandato de senador de Sergio Moro está em perigo.

Na sua prestação de contas de candidato ao Senado ele usou recursos arrecadados para sua postulação natimorta à Presidência da República.

Quem entende do assunto calcula que o doutor tem pelo menos 7 chances em 10 de perder o mandato.

O navio fantasma

Porta-aviões são as joias das Marinhas de guerra. O americano Enterprise participou de 20 combates no oceano Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. O japonês Akagi foi o orgulho da Marinha japonesa até 1942. Na batalha de Midway (na qual estava o Enterprise) ele foi danificado e os japoneses resolveram afundá-lo para que não fosse capturado.

A Marinha brasileira teve dois porta-aviões. O Minas Gerais foi comprado aos ingleses em 1956, provocou uma briga com a Força Aérea nos anos 60 e foi vendido em 2002 a uma empresa chinesa que pretendia transformá-lo em museu. Acabou vendendo-o como sucata.

O segundo foi o São Paulo, comprado à França em 2000 e vai entrar em 2023 como parte da história de batalhas ambientais e jurídicas. No ano passado seu casco foi vendido a uma empresa turca, como sucata. Como contém materiais tóxicos, nenhum porto o aceita, nem os turcos. Há meses ele vaga pelo oceano Atlântico como navio fantasma. O governo de Pernambuco não permite que o falecido São Paulo atraque em Suape.

Na semana passada, as empresas que o arremataram mandaram uma carta a autoridades mundiais e às Nações Unidas protestando porque o governo brasileiro, que lhe deu autorização para deixar o país, não permite que retorne. Ela sustenta que "o resíduo exportado pertence ao Brasil".

Vagando pelo oceano, o casco do falecido porta-aviões já lhes custou US$ 5 milhões. As empresas queixam-se de que não conseguem autorização para atracar o "resíduo", como se ele não tivesse sido exportado com a papelada em ordem: "Afirmamos várias vezes que as autoridades brasileiras deveriam intervir responsavelmente a esse respeito e nos indicar um local para atracar, mas infelizmente não encontramos nenhuma resposta séria".

|dom. Elio Gaspari | **SEG. Celso Rocha de Barros** | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado Hübner Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso | SÁB. Demétrio Magnoli

Marina e mais dois petistas são escolhidos para ministérios

Lula define ex-ministra no Ambiente e nomes para Comunicações e Secom

BRASÍLIA O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sinalizou a pessoas próximas que indicará Marina Silva (Rede) para chefiar o Ministério do Meio Ambiente após ver frustrada a tentativa de fazer uma dobradinha entre a aliada e a senadora Simone Tebet (MDB-MS).

Lula conversou com ambas na sexta-feira (23). A costura era para que Marina aceitasse o cargo de autoridade climática do governo e Tebet, o ministério. A ex-senadora da Rede, no entanto, se antecipou à abordagem e defendeu que a autoridade climática ficasse sob a guarda da pasta do Meio Ambiente. Mais que isso, disse que ela deveria ter perfil técnico, não político, deixando Lula sem brecha para convidá-la ao posto no formato que o petista desejava.

Na ocasião, Marina ainda deixou claro que gostaria de ocupar o ministério. Tebet, por sua vez, também verbalizou a Lula na sexta que só assumiria a chefia da pasta ambiental caso a integrante da Rede aceitasse a autoridade climática.

A deputada eleita Marina Silva, em evento da equipe de transição Pedro Ladeira - 30.nov.22/Folhapress

O presidente eleito, então, ficou sem saída e, resignado, indicou a aliada a escolha por Marina no Meio Ambiente.

Com a decisão, o futuro de Tebet no governo de Lula é incerto. Na primeira conversa que teve com a emedebista, pela manhã, o petista não chegou a convidá-la para um ministério, mas colocou sobre a mesa algumas soluções que poderiam contemplá-la.

Entre elas, citou os ministérios do Turismo e até mesmo Cidades—pasta que já foi reservada ao MDB, mas está prometida a uma indicação da bancada da Câmara.

Depois, Lula conversou com Marina. "Esclareço que no encontro não tratamos sobre convite para assumir a autoridade climática, que defendo ser um cargo técnico vinculado ao Ministério do Meio Ambiente", disse Marina na noite de sexta em suas redes sociais.

Lula teve nova reunião com Tebet, que acabou sem definições. O presidente, porém, afirmou à emedebista querer que ela faça parte do primeiro escalão do governo. Ele embarcou para São Paulo com Tebet a bordo. No avião, conversaram sobre generalidades.

Terceira colocada na corrida presidencial, com 4,2% dos votos, a senadora fez campanha para Lula durante o segundo turno. O engajamento da emedebista foi elogiado por petistas, para os quais ela ajudou a atrair votos de centro.

Aliados consideram que contemplá-la no ministério é uma forma de dar a cara de frente ampla que Lula diz querer na sua gestão.

O presidente eleito anunciou na quinta-feira (22) os nomes de mais 16 ministros. Mais anúncios acontecerão nos próximos dias.

Sete dos já anunciados são do PT. Além deles, mais dois petistas vão compor o primeiro escalão do novo governo.

Segundo aliados do eleito, os deputados federais Paulo Teixeira (SP) e Paulo Pimenta (RS) assumirão o Ministério das Comunicações e a Secom (Secretaria de Comunicação Social), respectivamente.

As indicações dos dois parlamentares, que integram agrupamentos internos que não se alinham automaticamente à direção do partido, atendem ao objetivo de equilibrar o jogo interno de forças no PT.

A escolha de Teixeira é uma demonstração de poder da presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann. Ele também é amigo de Fernando Haddad, futuro ministro da Fazenda.

Teixeira tem bom trânsito na área judicial. Na campanha eleitoral, assumiu a assessoria jurídica do PT.

Pimenta é amigo de Lula, foi figura frequente em Curitiba na época da prisão do hoje presidente eleito e estreitou a relação com Gleisi quando foi cotado para disputar o comando do partido. Na época, a dupla fechou um acordo: Pimenta abriria mão da disputa contra Gleisi para assumir a presidência do PT no Rio Grande do Sul.

No terceiro mandato de Lula, a Secom –um dos principais focos de crise do governo atual– voltará a ter status de ministério.

O Palácio do Planalto do futuro governo vem sendo composto, em sua maioria, por aliados de longa data do presidente eleito. Há nomes oficializados ligados ao PT, mas que não são políticos, como Jorge Messias, que ficará na AGU (Advocacia-Geral da União).

Catia Seabra, Julia Chaib, Nathalia Garcia e João Gabriel

Guerra da Ucrânia desafia fôlego bélico da Rússia e do Ocidente

Ajuda a Kiev seria 11º orçamento militar do mundo; Moscou perdeu metade de seus tanques ativos

Igor Gielow

SÃO PAULO O prolongamento do conflito na Ucrânia, o maior na Europa desde a Segunda Guerra Mundial, tem colocado à prova as capacidades militares do invasor russo e do Ocidente, principal fiador da resistência de Kiev.

As perdas humanas e materiais são enormes, assim como o desafio de manter a iniciativa em meio à redução de arsenais à disposição dos beligerantes. Com a entrada do confronto em um novo ano, há mais dúvidas do que certezas sobre o gás à disposição de ambos os lados.

"A verdade é que sabemos pouco sobre o quanto realmente Vladimir Putin havia se preparado para a guerra", diz o cientista político russo Konstantin Frolov, que deixou Moscou e desde maio vive num país do Leste Europeu que ele pede para não nomear.

Os danos à máquina de guerra russa são, pelo que é aferível, enormes. Segundo o site holandês Oryx, que faz monitoramento militar a partir de fotos e vídeos comprovados e checados por georreferenciamento e outros métodos, Moscou perdeu 1.573 tanques até o dia 15.

Isso equivale a metade de toda a frota de blindados do tipo ativos, novos ou modernizados, contados pelo londrino IISS (Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, na sigla inglesa) em seu balanço de 2021. Como a conta do Oryx inclui modelos que estavam estocados, como o T-64, não se trata de dizer que Putin perdeu metade de seus tanques.

Mas é uma enormidade, e a contagem é conservadora, ainda que não tenha como estimar reforços construídos agora. Ela é ainda menos exata no caso ucraniano porque, como as perdas se dão em seu solo, é natural que haja menos registros de imagens delas.

Diz o Oryx que Kiev já perdeu 435 tanques. Seu inventário pré-guerra era de 987 unidades, e ao longo da guerra a Polônia lhe repassou 230 modelos soviéticos T-72.

Os poloneses, dos mais belicosos e antirrussos integrantes da Otan (aliança militar dos EUA), figuram como sexto maior doador de ajuda militar, financeira e humanitária ao vizinho, ultrapassando em termos nominais países como a França.

Varsóvia fracassou na tentativa de repassar sua frota de 28 caças soviéticos MiG-29 aos ucranianos, algo que a Eslováquia quer fazer, por temor ocidental de provocar Moscou. Até aqui, diz o Oryx, Kiev perdeu ao menos 15 de seus 37 modelos do tipo, além de 5 dos 34 Su-27, mais sofisticado.

Parece pouco: russos perderam 67 de seus 1.391 aviões de combate do pré-guerra, ante 55 de 124 da Ucrânia, com mais de 10% de sua frota avançada de caças Su-30 e aviões de ataque Su-34.

Segundo o Instituto para a Economia Mundial de Kiel (Alemanha), que escrutina as transferências, até o dia 7 de dezembro a Ucrânia já havia recebido US$ 40,2 bilhões em armas e financiamento militar do Ocidente, US$ 24 bilhões vindos dos EUA. Isso é dez vezes mais que seu orçamento anual com defesa em 2021.

Isoladamente, esse valor entraria em 11º no ranking dos maiores gastos militares no ano passado, organizado pelo IISS. O Brasil, por exemplo, despendeu pouco mais do que a metade disso. "Isso mostra uma nova realidade mundial, mas também indica que haverá limites para o Ocidente", afirma Frolov.

"Até aqui, o apoio da União Europeia à Ucrânia sempre ficava atrás do dos EUA. Isso tem mudado nas últimas semanas, o que é um desenvolvimento bem-vindo, dado o grande papel dessa guerra para a segurança continental", escreveu o coordenador do monitor do instituto de Kiel, Christoph Trebesch.

Ao todo, em termos de ajuda total, Washington já desembolsou US$ 51 bilhões com a guerra, enquanto Bruxelas entrou com US$ 55 bilhões. Se esse único cômputo fosse o PIB de um país, o colocaria ao lado de nações como Venezuela e Equador —e o valor ainda não computa a promessa natalina de Joe Biden a Volodimir Zelenski de mais US$ 2 bilhões em armas.

Há poucas dúvidas de que a Ucrânia, que demonstrou excelentes qualidades táticas no campo, não teria resistido aos dez meses de agressão sem a ajuda militar do Ocidente, que agora promete subir um degrau com as baterias antiaéreas americanas Patriot.

Os EUA têm insistido em uma solução negociada para a guerra, algo distante da realidade visível por ora. Nunca saem do horizonte a carta da utilização de armas nucleares, insinuada e negada por Putin, e o risco de uma Terceira Guerra Mundial com a Otan.

Assim, os alertas de Kiev de que a Rússia está longe de estar derrotada, como a propaganda ocidental gosta de vender, casam com os indícios de que poderá haver uma renovada ofensiva de Moscou no começo do ano. Hoje, os combates estão centrados no Donbass (leste), anexado ilegalmente por Putin.

Eles decorrem da aparente solução para o principal problema que afligiu os russos em boa parte da guerra: falta de pessoal, apesar de haver quase 1 milhão de militares no país. Com a mobilização de 320 mil reservistas a partir de outubro, essas tropas estão ficando prontas para uso.

E sempre há a possibilidade de que Putin force o ditador aliado Aleksandr Lukachenko a usar as forças da Belarus em apoio. Aqui é a lógica da Segunda Guerra Mundial que vale: números contra superioridade técnica pontual.

Ninguém sabe quantos militares de fato morreram na guerra: a Rússia parou de divulgar o número em setembro, quando admitia cerca de 6.000 vítimas. A Ucrânia, por sua vez, diz ter perdido 13 mil soldados. Já os EUA estimam que ambos os lados perderam 100 mil homens, entre mortos e feridos, além da morte de talvez 40 mil civis ucranianos.

Dimitar Dilkoff/AFP

ATAQUE A KHERSON MATA 10 NA VÉSPERA DE NATAL, DIZ UCRÂNIA

Socorristas atendem mulher ferida após ataque na região central da cidade ucraniana de Kherson no sábado (24). Ao menos dez pessoas morreram e outras 58 ficaram feridas, de acordo com balanço das autoridades. Fotos compartilhadas pelo presidente Volodimir Zelenski mostram carros em chamas e corpos de civis nas ruas da cidade, que foi tomada por tropas de Moscou no início do conflito, em março, e retomada por forças de Kiev em novembro. "Redes sociais vão marcar as fotos como conteúdo sensível, mas este não é um conteúdo sensível: é apenas a vida real dos ucranianos", disse Zelenski no Telegram. "O país terrorista [referindo-se à Rússia] continua bombardeando a população civil. Estas não são instalações militares; esta não é uma guerra com regras. É terror, é matar para intimidar e por prazer." O Kremlin, que nega atacar civis, não se manifestou sobre as acusações de Kiev até a conclusão desta edição.

Livros narram miséria nas grandes crises da história dos EUA

Paula Sperb

PORTO ALEGRE Subitamente, o dia virava noite. As tempestades de poeira cobriam o céu. Nem os olhos podiam ficar abertos com a mistura de vento e areia. Testemunhas do que foi uma das piores crises da história dos EUA chamavam o acontecimento de "meia-noite sem estrelas".

A escuridão diurna era uma das inúmeras dificuldades que se impunham aos americanos do chamado Dust Bowl, região da bacia de poeira, na década de 1930. O Dust Bowl era uma área oval formada principalmente por partes dos estados de Oklahoma, Kansas, Colorado, Novo México e Texas.

Fome, seca, pragas e uma terra que se tornou impossível de ser cultivada afetaram direta e indiretamente milhões de americanos. Tudo isso em meio à Grande Depressão, recessão sem precedentes causada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929.

Formado sobretudo por planícies de vegetação rasteira, o Dust Bowl sofreu com sucessivas colheitas que enfraqueciam o solo. Para tentar aumentar a produtividade, tratores retiravam toda a vegetação, que antes segurava a terra.

Com as casas invadidas por areia em cada fresta, pulmões prejudicados pela poeira, sem alimento e trabalho, milhares de famílias migraram rumo ao oeste dos EUA, buscando oportunidades na colheita de frutas na Califórnia.

Tal contexto é pano de fundo de dois lançamentos editoriais no Brasil. O primeiro é "Dias de Areia", de Aimée de Jongh (Nemo, 2022), novela gráfica que mostra os efeitos do Dust Bowl em uma região de Oklahoma que ficou conhecida por "No Man's Land" (algo como "terra sem ninguém").

Na história em quadrinhos, o protagonista é um fotógrafo enviado pelo governo federal para registrar o fenômeno de causas naturais e humanas. A partir das fotografias que revelavam a miséria de sua população, o governo de Franklin Roosevelt estabeleceu políticas públicas para amenizar a crise. O projeto de fotografar o Dust Bowl realmente aconteceu. "Dias de Areia" é uma obra de ficção com caráter histórico, ou seja, os personagens são ficcionais e o contexto baseado em fatos.

O segundo é um clássico da literatura americana que ganha nova edição no país com projeto gráfico à altura da grandeza da obra. Trata-se de "Vinhas da Ira", de John Steinbeck (Record, 2022). No romance, a família Joad é expulsa de suas terras agora improdutivas e tomadas por um banco. Sem perspectivas e iludidos por um panfleto que convocava trabalhadores rurais, eles deixam Oklahoma rumo à Califórnia para trabalhar nas colheitas.

Steinbeck narra a saga com o primor que lhe garantiu tanto o prêmio Pulitzer, em 1940, como o Nobel, em 1960 —a obra foi publicada em 1939, dez anos após a quebra da Bolsa e ainda na esteira dos efeitos do Dust Bowl.

É como se "Dias de Areia" fosse um prólogo para "Vinhas da Ira", mostrando a devastação das planícies do Dust Bowl por meio de fotografias da época e planos belamente desenhados por Jongh, que viajou por Oklahoma em busca de referências. Por sua vez, "Vinhas da Ira" relata todos os percalços da migração, feita com centavos contados para a gasolina e em condições precárias em acampamentos próximos da estrada.

Em, "Dias de Areia", John Clark é um fotojornalista nova-iorquino que vai a Washington para uma entrevista de emprego. Lá John é contratado pela Farm Security Administration (FSA), órgão federal criado nos anos 1930 por Roosevelt para combater a pobreza rural. A FSA de fato empregava fotojornalistas, tanto para documentar e planejar políticas públicas como para informar os americanos. As imagens foram publicadas na imprensa, como na revista Life, e também inspiraram John Steinbeck.

Os milhares que migraram para a Califórnia ainda se depararam com o excesso de mão de obra que derrubava brutalmente os salários. Além disso, trabalhadores que se organizavam em sindicatos em busca de melhores condições eram perseguidos e substituídos por outros famintos. Steinbeck narra o desencanto dos migrantes que sonhavam com as vinhas do Oeste.

O Dust Bowl terminou em 1939, com a retomada das chuvas. Mas não só a seca e a poeira castigaram os agricultores. No mesmo período, pragas como gafanhotos e lebres acabaram com o que restava.

"Se tivesse que descrever minha estada no Dust Bowl", diz o personagem fotógrafo, e continua: "Eu falaria da dor lancinante quando o vento poeirento açoitava minha pele. Diria até que ponto se tem a impressão de sufocar a cada inspiração, por causa da poeira. Eu contaria como a alma humana se erode pouco a pouco depois de dias de areia. Nada disso pode ser captado por uma câmera".

As Vinhas da Ira
★★★★★
Autor: John Steinbeck.
Editora: Record.
560 páginas (R$ 69,90)

Dias de Areia
★★★★★
Autor: Aimee de Jongh
Editora: Nemo
288 páginas (R$ 84,90)

Bar de chinês fascista idolatra Franco em Madri

Dono deu ao filho nome do ditador espanhol, que está nas mesas, paredes e em estatuetas vendidas como suvenir

Ivan Finotti

MADRI Entrar pela primeira vez no bar Una Grande Libre, em Madri, leva sua mente a espasmos psicodélicos. O amarelo e o vermelho da bandeira da Espanha explodem de todos os lados. Na TV, pulsa um karaokê apenas com hinos nacionais. Em cima do balcão, quepes militares, fotos antigas, flâmulas e bandeirolas. Numa vitrine, pulseirinhas, isqueiros e inúmeros badulaques com as cores do país como tema.

Para lá e para cá, carregando bandejas e servindo tapas, corre Chen Xianwei, conhecido na cidade como "el chino facha", ou chinês fascista, apelido do qual ele se orgulha e mantém vivo devido à sua devoção ao ditador Francisco Franco (1892-1975).

Franco, ditador da Espanha por 39 anos, entre 1936 e 1975, está em todo canto de Una Grande Libre —o próprio nome do bar vem de um slogan fascista em referência à Espanha, "Una, Grande y Libre" (unida, grande e livre). Franco, aliado de Hitler e Mussolini, apesar de não entrar na Segunda Guerra com eles, está em uma enorme foto no vidro que fica junto à porta do bar.

Responsável pelo desaparecimento de 140 mil espanhóis, ele tem seu rosto estampado em mesas, quadros e rótulos de vinhos. Franco, que venceu a Guerra Civil Espanhola](1936-1939), conflito que matou meio milhão de pessoas, está nas estatuetas de metal à venda. Franco, que foi imputado por crime à humanidade em 2008, é o herói inconteste de Una Grande Libre.

Simpático, sempre com um sorriso no rosto, Chen conta que ama tanto Franco que deu ao seu filho o nome do ditador. "Franco já está com oito anos" diz, orgulhoso. Clientes interrompem a entrevista a todo momento para cumprimentá-lo, dar as mãos, um abraço de despedida. Clientes esses que são, em boa parte, policiais de Madri. "Esses quepes pendurados são todos presentes de meus fregueses", afirma.

Em troca, Chen entrega aos habitués canetas com o nome do bar e também um calendário 2023 com, é claro, a foto de Franco. Ao lado da imagem, um texto explica como Franco é bacana:

"Com Franco, se pagavam impostos e se construiu uma Espanha nova. Agora, pagamos muito mais e nada é feito. Com Franco, um pai mantinha sua família de 5 ou 6 filhos com residência própria e uma segunda casa para as férias. Agora, pais não conseguem manter um filho. Com Franco, não faltava trabalho e foram criadas riqueza e esperança. Agora, se trabalha para ser pobre." E por aí vai. Chen imprimiu 10 mil calendários de brinde neste ano.

De fato, após os "anos de fome" que se seguiram à guerra civil, a Espanha viveu um milagre econômico nos anos 1960, quando passou a ter um crescimento anual de até 7%.

Por outro lado, para dar uma ideia do horror, 140 mil pessoas desaparecidas em seu regime significam 10 pessoas sendo mortas a cada dia —e tendo os cadáveres escondidos pelo governo— durante 39 anos ininterruptos.

Chen só perde a compostura quando a reportagem lhe pergunta se não é crime na Espanha exibir publicamente a bandeira com a águia de San Juan —trata-se da bandeira oficial da Espanha de 1945 a 1977, símbolo da Espanha franquista, que trazia as listras amarelas e vermelha, mas com o brasão de uma águia estilizada no centro.

"A construção da Espanha foi feita com o brasão da águia. Então como pode, hoje em dia, o governo pretender proibir? Essa é a história da Espanha desde 1.400", declara. A águia de San Juan foi o brasão de Isabel, a Católica (1451-1504), rainha de Castela e Leão a partir de 1474. Mas foi recuperada pelo regime franquista em 1945.

A bandeira, que cobriu o caixão de Franco 30 anos depois, é proibida em prédios do governo, mas a exibição por particulares é sempre motivo de controvérsias. O Partido Popular tentou, em 2003, tipificar a exibição como delito de apologia do franquismo, mas a Câmara dos Deputados não aprovou. O mesmo se passa ao gritar "Viva Franco", encarado como liberdade de expressão por juristas.

No entanto, a lei de crimes de ódio espanhola prevê que, se a bandeira franquista for usada em ambiente para propagar racismo e violência, a pessoa pode passar quatro anos atrás das grades. Na Alemanha, exibir a suástica nazista pode levar a três anos de prisão —com exceção de usá-la num contexto artístico ou de crítica ao Holocausto.

Chen, 45, chegou à Espanha aos 21, para trabalhar em uma indústria de embalagens que contratava praticamente só chineses. Também foi garçom em restaurante chinês até que, em 2007, abriu seu primeiro negócio na área. Foi ali que clientes idosos, "de 70, 80 e até 90 anos", segundo Chen, esparramavam seu saudosismo do regime franquista, enquanto jogavam cartas. "Noventa por cento deles falavam bem de Franco", lembra. Aos poucos, ele se converteu.

Em 2011, abriu o Oliva, já com as tintas carregadas na águia de San Juan. Agora, dono do imóvel do Una Grande Libre, ele não poderia estar mais feliz. A freguesia não arreda o pé e, apesar de não confiar em políticos, Chen tirou a nacionalidade espanhola há dois anos e já pode votar.

O bar é aberto às 6h30 por sua mulher, e ele está a postos diariamente às 8h. Fica até o último freguês—o horário oficial é 0h30, ou seja, trabalha pelo menos 16 horas e meia por dia. Todos os dias, incluindo feriados. Só descansa em agosto, quando, como muitos comércios espanhóis, Chen tira um mês de férias.

No lado de fora do bar, ele é convidado a tirar uma foto para esta reportagem. Sem que a **Folha** solicite, estende por vontade própria o braço e faz a saudação fascista. "Viva Franco", ele pensa. Mas não diz nada, apenas sorri.

Por vontade própria, Chen Xianwei faz saudação fascista enquanto é fotografado pela Folha em frente a seu bar, em Madri; acima, estatuetas do ditador Francisco Franco ficam expostas à venda dentro do estabelecimento Ivan Finotti/Folhapress

Defesa do direito ao aborto pauta debate nos EUA e influencia Legislativo

Thiago Amâncio

WASHINGTON O direito ao aborto nos EUA moldou o debate público no país em 2022 em meio à eleição legislativa, principalmente após a decisão da Suprema Corte que pôs fim a cinco décadas de amparo legal das instâncias federais às mulheres que optassem pelo procedimento. Agora, passadas as midterms, a política partidária se reorganiza para o pleito presidencial, e o tema já desponta como um dos tópicos centrais para 2024.

Na última semana, o governador da Flórida, o republicano Ron DeSantis, cotado como um dos nomes de maior peso para disputar uma vaga à Presidência daqui a dois anos, afirmou que está "ansioso para assinar uma grande legislação pró-vida".

Questionado sobre a possibilidade de uma "lei da batida do coração", como são chamadas normas de outros estados que proíbem o aborto quando batimentos cardíacos do feto forem detectados, o que ocorre em geral em torno da sexta semana de gestação, DeSantis afirmou: "É algo que eu sempre disse que faria".

Outros republicanos também já se manifestaram, como o ex-vice presidente Mike Pence, que afirmou em entrevista no fim de novembro que "um dos maiores legados" do período em que foi vice de Donald Trump foi "restaurar a santidade da vida no centro da legislação americana".

Do outro lado, o atual presidente, Joe Biden, repete tanto quanto pode a meta de transformar o direito ao aborto em lei federal e assinou uma série de decretos nos últimos meses nas margens do que pode fazer como presidente, como proteger mulheres que viajam para fazer o procedimento e proibir que sofram discriminação no trabalho ou estudos.

Quando, em 24 de junho, a Suprema Corte suspendeu a chamada Roe vs. Wade, decisão de 1973 que entendia que o aborto era um direito garantido na Constituição, a expectativa era a de que a decisão seria a senha para movimentos antiaborto e Legislativos estaduais implementarem políticas cada vez mais restritivas.

O que se viu, porém, foi o oposto. A defesa do direito de interromper a gravidez organizou politicamente mulheres mesmo em estados mais conservadores, e o recado veio nas midterms, que renovaram a Câmara e parte do Senado.

A princípio, as pesquisas de opinião apontavam que a inflação descontrolada puniria o Partido Democrata, de Joe Biden, e daria maioria no Legislativo para os republicanos.

Depois da decisão da corte, porém, as candidaturas democratas ganharam tração até em regiões mais conservadoras, com mulheres se registrando para votar (o sufrágio não é obrigatório nos EUA) e rejeitando candidatos antiaborto. O resultado foi que os democratas não só mantiveram como ampliaram a maioria no Senado, ao contrário dos prognósticos.

Na Câmara, eles perderam, mas por uma margem muito mais estreita do que o previsto inicialmente.

A antropóloga Debora Diniz, professora da Universidade de Brasília e pesquisadora de direitos reprodutivos, afirma que "a questão do aborto ultrapassa as fronteiras tradicionais que entendemos sobre partidos e agendas."

"A história do Partido Republicano até 1970 e 1980 não era de restrição à criminalização do aborto. Isso é algo recente", diz. Ela cita o exemplo oposto no Brasil, onde "partidos mais ao que chamaríamos à esquerda têm concepções morais ou conservadoras em matéria de aborto".

Esse aparente contrassenso na questão da agenda é visto com mais clareza nos legislativos e tribunais estaduais, verdadeiros campos de batalha da questão do aborto nos EUA, uma vez que a possibilidade de aprovar uma legislação nacional hoje é pequena.

Em Michigan —governado por uma democrata, mas cujo Legislativo local é controlado por republicanos—, os eleitores conseguiram fazer uma emenda na Constituição estadual protegendo o direito ao aborto.

No Kansas e no Kentucky, estados mais conservadores, eleitores rejeitaram emendas constitucionais que diziam que não havia direito ao aborto no estado.

Mesmo assim, a situação está longe de ser resolvida, e atualmente quase 35 milhões de mulheres em idade reprodutiva vivem nos estados em que o aborto está proibido total ou parcialmente, segundo dados do governo.

FRIO NOS EUA, QUE JÁ DEIXOU 19 MORTOS, DEVE AFETAR 250 MILHÕES
Casa é coberta por água congelada do lago Erie, no estado de NY. Ciclone-bomba formado nos Grandes Lagos deve afetar 250 milhões nos EUA e Canadá e matou ao menos 19 até sexta (23), por acidentes ou hipotermia; EUA esperavam noite de Natal mais fria em décadas Kevin Hoak/Reuters

Cresce pessimismo com economia brasileira nos próximos meses

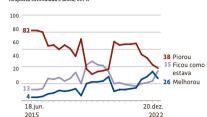
Segundo Datafolha, eleitores de Lula estão mais otimistas; já os de Bolsonaro esperam piora

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO O percentual de brasileiros que acham que a situação econômica do país vai melhorar nos próximos meses caiu em dezembro, após atingir em outubro o maior patamar da série histórica da pesquisa Datafolha. Desde junho, os números só vinham aumentando, tendência interrompida neste primeiro levantamento feito após o segundo turno das eleições.

Os dados mostram diferenças relevantes nas avaliações dos entrevistados de acordo com suas escolhas políticas. O pessimismo com o futuro também aumentou, em especial entre eleitores do atual presidente.

A situação econômica do país melhorou nos últimos meses para 26% dos entrevistados, de acordo com o levantamento realizado na segunda (19) e na terça-feira (20). Eram 34% às vésperas do segundo turno das eleições, quando o número estava em nível recorde da série histórica iniciada em 2015 para essa questão.

Nos últimos meses, a situação econômica do país mudou?
Resposta estimulada e única, em %

Nos próximos meses, a situação econômica do país vai melhorar, piorar ou ficar como está?
Em %

Fonte: Pesquisa Datafolha nos dias 19 e 20 de dezembro de 2022. Foram realizadas 2.026 entrevistas em todo o Brasil, distribuídas em 126 municípios. A margem de erro máxima para o total da amostra é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

São 38% os que viram a situação do país piorar nos últimos meses, ante 42% em outubro, uma oscilação dentro da margem de erro de dois pontos percentuais. Para 35%, ficou igual. Eram 23% em outubro.

O Datafolha também perguntou sobre as expectativas para a economia. Têm a avaliação de que a situação econômica do país irá melhorar nos próximos meses 49% dos entrevistados, ante 62% na pesquisa de outubro —nível ainda elevado para a série, que, nesse caso, começa em 2019.

São 20% os que esperam piora. Eram 13% em outubro. Para 28%, a economia ficará como está, ante 16% na pesquisa anterior.

O Datafolha destaca que a expectativa com o futuro da economia está praticamente no mesmo nível do primeiro ano do governo atual, tanto em termos de otimismo quanto de pessimismo dos entrevistados.

No recorte eleitoral, a situação atual da economia é vista como positiva por 41% dos eleitores de Jair Bolsonaro (PL) e por 11% dos que votaram em Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O futuro é visto como positivo por 79% dos eleitores do petista e por 19% dos que votaram no atual presidente.

Em relação à situação econômica do próprio entrevistado, são 31% os que veem melhora nos últimos meses, ante 34% do levantamento anterior. Dizem que piorou 31%, ante 33% dois meses antes. Para 38%, a situação ficou como estava. Eram 33% em outubro.

Em relação ao futuro, a expectativa de melhora na sua situação pessoal nos próximos meses caiu de 70% para 59% em relação à pesquisa anterior. A perspectiva de piora passou de 5% para 11%.

Aqui também há diferenças em relação à opção política. Entre eleitores de Bolsonaro, 45% viram melhora nos últimos meses, 38% não esperam mudanças e 37% se mostram otimistas com a sua situação econômica nos próximos meses.

Entre os que votaram em Lula, apenas 17% viram melhora nos últimos meses, e 79% estão otimistas com o futuro.

A expectativa de melhora para a economia é maior entre desempregados (67%) e donas de casa (57%). Também é maior entre os mais pobres (57%) do que entre os mais ricos (18%), entre católicos (53%) do que entre evangélicos (41%) e moradores do Nordeste (64%) do que do Sul (34%).

Entre empresários, 51% dizem que sua situação econômica melhorou nos últimos meses e 52% estão otimistas com o futuro. A avaliação negativa é de 17% nos dois quesitos. Em relação ao futuro do país, 37% dizem que a economia ficará como está, 31% esperam melhora, e 30%, piora.

Manifestantes durante ato contra inflação e desemprego em SP; para 31% dos brasileiros, custo de vida vai diminuir nos próximos meses, aponta Datafolha Nelson Almeida - 9.abr.22/AFP

Expectativa de queda da inflação é a maior em quatro anos

SÃO PAULO Para 31% dos brasileiros, a inflação vai diminuir nos próximos meses, segundo pesquisa Datafolha realizada nos dias 19 e 20 de dezembro. Esse é o maior percentual registrado nos quatro anos do atual mandato presidencial.

No levantamento anterior, de junho, só 13% faziam essa avaliação. Nesse período, no entanto, o índice de preços ao consumidor caiu de um patamar de quase 12% para menos de 6% no acumulado em 12 meses.

A parcela dos que acham que a inflação vai aumentar era de 63% na pesquisa anterior e está agora em 39%. Esse é o menor percentual nestes quatro anos de governo.

Para 24% a inflação vai ficar como está. A expectativa do mercado é de um índice de preços passando de 5,8% neste fim de ano para 5,2% no final do próximo. Ou seja, uma ligeira queda.

Para 43% dos brasileiros, o poder de compra dos salários vai aumentar. Para 21%, vai diminuir. Esses também são os melhores resultados nas pesquisas realizadas desde abril de 2019, primeiro ano do governo Jair Bolsonaro (PL).

No atual mandato, o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) vai superar os limites das metas de inflação duas vezes. Em 2021, ficou em 10%. O teto era de 5,25%. Neste ano, a inflação acumulada já está acima do limite de 5%.

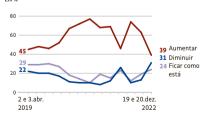
As expectativas para o mercado de trabalho também melhoraram na pesquisa atual em relação ao levantamento anterior e se aproximaram numericamente dos melhores resultados do período, registrados em dezembro de 2021.

No final do ano passado, 35% esperavam aumento do desemprego, mesmo percentual dos que previam queda. Em junho, 45% estavam pessimistas, e 23%, otimistas.

Agora, são 36% os que projetam piora do mercado de trabalho nos próximos meses e 37% que veem melhora. Esse último dado é o melhor para o período de quatro anos.

A taxa de desocupação medida pelo IBGE chegou ao pico de quase 14,9% no primeiro trimestre de 2021 e fechou o ano passado em 11,1%. A divulgação mais recente mostra uma taxa de 8,3% no trimestre encerrado em outubro.

Segundo o Datafolha, o otimismo com os indicadores de preços e mercado de trabalho é maior entre pessoas com menor instrução e também entre moradores do Nordeste. O otimismo é menor no grupo de pessoas mais ricas.

Daqui pra frente a inflação vai aumentar, vai diminuir ou vai ficar como está?
Em %

Daqui pra frente o desemprego vai aumentar, vai diminuir ou vai ficar como está?
Em %

Fonte: Pesquisa Datafolha nos dias 19 e 20 de dezembro de 2022. Foram realizadas 2.026 entrevistas em todo o Brasil, distribuídas em 126 municípios. A margem de erro máxima para o total da amostra é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

Entre aqueles com renda até dois salários mínimos, 37% esperam queda da inflação. São 9% entre os entrevistados com renda superior a dez mínimos (70% neste último grupo esperam alta do índice de preços).

No recorte por ocupação, 56% dos empresários esperam aumento da inflação e 17% projetam queda. Esse é também o grupo mais pessimista em relação ao emprego: 45% dizem que vai aumentar e 27% esperam queda.

Também é possível ver grandes diferenças no recorte político. Entre pessoas que votaram em Bolsonaro no segundo turno, 67% esperam alta da inflação. São 14% entre eleitores do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Projetam queda da inflação 10% dos eleitores do atual mandatário e 53% dos apoiadores do petista.

A nova pesquisa Datafolha também mostra redução ou estabilidade na inadimplência dos brasileiros em dezembro em relação ao levantamento realizado um ano antes. Segundo o levantamento, 38% dos brasileiros têm alguma dívida ou conta atrasada.

A parcela dos que têm dívida atrasada no cartão de crédito oscilou de 26% para 24%. São 33% entre os desempregados.

O percentual de consumidores com conta de luz em atraso passou de 17% para 12%. Na conta de água, de 13% para 9%. Aluguéis ou prestações de imóveis, de 9% para 7%.

Na conta de gás, o percentual de atrasos foi de 6% para 4%. Nas prestações de veículos e mensalidade escolar se manteve em 5%. Parcelas de planos de saúde, de 4% para 3%.

Segundo o instituto, de maneira geral, mulheres (42%) estão mais inadimplentes que homens (34%). Estão com contas em atraso 46% dos mais pobres, 25% dos mais ricos, 49% dos que se declaram pretos (ante 32% entre brancos) e 57% dos desempregados.

O Datafolha também perguntou se o dinheiro que o entrevistado e sua família ganham é suficiente. Para 60%, não é. Eram 63% na pesquisa de junho.

Para 37%, não é suficiente e às vezes falta. É muito pouco, trazendo muitas dificuldades para 23% dos entrevistados.

Para 35%, é exatamente o que precisam para viver. Outros 5% dizem ser mais do que suficiente. **EC**

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

José Ricardo Roriz
Alckmin precisa ser rápido porque empresário está em compasso de espera

SÃO PAULO No MDIC (ministério da indústria), o vice Geraldo Alckmin terá de se apressar para mostrar diretrizes porque os empresários estão hoje em compasso de espera, diz José Ricardo Roriz, presidente da Abiplast (associação do setor do plástico).

Roriz, que tentou concorrer à presidência da Fiesp na última eleição, diz que o movimento contra o atual presidente da entidade, Josué Gomes, é absurdo e coloca a credibilidade da federação em risco no momento em que ela precisa interagir com o governo pela reindustrialização.

*

A escolha de Alckmin para o MDIC veio após o governo tentar, sem sucesso, convidar empresários para o posto. Ele é visto como plano B no setor? A indústria não deve ter lado. O objetivo é investir em negócios rentáveis, desenvolvimento, criar bons empregos. Empresário tem receio de entrar em ambiente desconhecido em que não sabe quais são as diretrizes e prioridades. Falou-se em reindustrializar o Brasil várias vezes.

O diagnóstico nós já temos. Sabemos que o custo de produzir no Brasil é maior, que precisa de reforma tributária. O investimento ocorre quando tem perspectiva de crescimento, e o papel de quem está à frente do MDIC é criar atratividade e ambiente de negócios favorável. E esse ambiente, até agora, ninguém sabe. Não foi discutido na campanha.

Está se falando em mudanças. Isso deixa o empresário em compasso de espera até saber o impacto dessas mudanças nos negócios. Isso pode atrasar ou adiantar um processo de reindustrialização.

Outra preocupação é a responsabilidade fiscal, que nos governos Lula foi grande, a economia foi bem, mas as taxas de juros foram altas e o real, muito valorizado. Quem capturou o crescimento naquela ocasião foram os países que concorrem com o Brasil. Teve inundação de importado.

Outra preocupação do empresário é guerra e pandemia. Essas mudanças tiveram impacto na cadeia de suprimento e no consumo. O Brasil precisa de modernização, maiores trocas comerciais, comércio mais fluido, sinergias com inovação com outros países. Quem serão nossos parceiros? Vamos privilegiar o quê?

Mas havia mais nomes na indústria que poderiam ser chamados? O nome talvez não seja o mais importante e sim ter convergência de prioridades voltadas a reindustrializar o Brasil. Pode-se construir uma convergência em torno de um nome desde que se diga o que vai ser feito. Não adianta ter um nome super bem aceito se ele não sair rapidamente com as diretrizes, senão atrasa o processo e ficam todos em compasso de espera.

Com relação ao Alckmin, não há restrição. Ele vem de um estado industrializado, tem habilidade para lidar com ambientes difíceis e a capacidade de convergência. Mas precisa ser rápido. O sucesso depende da forma como encaminhará nos próximos meses.

Falou-se na indústria que o MDIC perdeu atratividade quando o comando do BNDES foi anunciado antes com Mercadante, sinalizando empoderamento do banco diante da pasta. Isso pode ter acontecido com relação a ter um empresário no MDIC, mas a partir do momento que foi definido que seria o Alckmin, acho que essa preocupação já não existe mais. Por ser o vice, é uma pessoa que também está muito próxima do presidente.

Quais são os primeiros temas que a indústria deve levar ao MDIC? Com essas taxas de juros de hoje, a empresa média e pequena praticamente perdeu a capacidade de investimento para comprar novos equipamentos, inovação etc. Qual vai ser o papel com relação a financiamento para desgargalar, aumentar capacidade, investir em pesquisa etc em um cenário de taxas de juros como temos hoje.

Quais serão as prioridades com relação a acordos comerciais? Vamos fazer acordos que privilegiem agregação de valor ao nosso produto ou simplesmente fazer acordos para aumentar o fluxo? A abertura comercial vai ter sincronismo com redução do custo Brasil ou será unilateral?

Tem a necessidade de se inserir nas cadeias globais de produção e tem as cadeias produtivas estratégicas. Ficou provado na pandemia, por exemplo, com o microchip, que os países ficaram sem produzir. Outra coisa são marcos regulatórios, que avançaram nos últimos anos. Alguns serão modificados? Como e quando? Insegurança jurídica é um fator que tem impacto.

A Fiesp vive um racha na gestão Josué. O sr. assinou o documento para tratar das reclamações contra ele? Não assinei e acho um absurdo criar uma situação dessas, que põe em risco a credibilidade da Fiesp. Se tem problema de gestão, tem que ver com o presidente o que pode ser melhorado. Mas uma espécie de abaixo assinado é como se fosse uma panelinha querendo definir o que é bom ou ruim para a indústria.

A Fiesp é maior que os sindicatos que representa. Tem papel importante no rumo da indústria. Fazer esse tipo de coisa é ruim para os sindicatos, para a Fiesp e mostra que a representação industrial precisa de remodelação.

O sr. tentou concorrer à presidência da Fiesp na eleição contra Josué. Será candidato na próxima? Nosso papel agora não pode ser outro senão levar propostas, interagir com o governo para reindustrializar o país e tornar a Fiesp um agente de construção, propostas, críticas e análises que ajudem a acelerar o processo. Temos um presidente eleito há um ano. Não faz sentido discutir isso agora.

Raio-X
Presidente da Abiplast (Associação Brasileira da Indústria do Plástico) e do Sindiplast (Sindicato da Indústria do Plástico), também ocupou a presidência da Fiesp e do Ciesp em 2018, quando o então presidente da instituição, Paulo Skaf, saiu para concorrer ao Governo do Estado de São Paulo naquele ano

Após 2 anos de surpresas, chance de PIB superar o esperado cai em 2023

Desaceleração da economia global e restrições fiscais no Brasil vão jogar contra atividade no ano que vem, apontam analistas

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Baixo crescimento e queda da inflação. Esse era o cenário traçado no final do ano passado para o Brasil pela maioria dos economistas —e também por parte do governo— para 2022. São essas também as perspectivas neste momento em relação a 2023. O prognóstico para o ritmo de atividade no ano corrente se mostrou equivocado, e alguns fatores podem mudar também a história do início do próximo mandato presidencial.

O ano de 2022 foi o segundo seguido em que os economistas foram surpreendidos com uma atividade econômica e uma inflação no Brasil mais fortes do que as projeções de um ano antes. Se forem consideradas as previsões feitas no início da pandemia, é possível dizer que o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) e dos preços desde o início da crise sanitária tem surpreendido para cima.

Considerando um prazo mais longo, o desvio das previsões é menor. Projetou-se um crescimento médio de 2% ao ano após a recessão de 2014-2016. O resultado de 2017 a 2022 ficará próximo de 1,5%. Ou seja, menor que o estimado.

O impacto do fim de algumas restrições impostas pela pandemia no setor de serviços e no mercado de trabalho, um miniboom de preços de commodities e medidas de estímulo ao consumo explicam a maior parte das surpresas em 2022.

A maioria dos economistas considera baixa a probabilidade de que esse cenário se repita em 2023, principalmente diante da desaceleração da economia global e das restrições fiscais no Brasil.

Mauricio Oreng, superintendente de pesquisa macroeconômica do Santander, afirma que a projeção do banco de crescimento de 0,8% no próximo ano considera, de um lado, o impulso dado pelo setor de serviços que chegou ao mercado de trabalho e dá sustentação ao consumo. De outro, o aperto da política monetária e a piora das condições financeiras. A expectativa é que essas duas últimas questões tenham mais peso sobre a atividade.

"A gente tende a achar que nessa queda de braço prevalece o aperto da política monetária e das condições financeiras", afirma.

"Se a gente tiver uma resiliência maior do mercado de trabalho, isso pode fazer com que esses impactos demorem mais para acontecer."

José Pena, economista-chefe da Porto Asset Management, destaca dois fatores que explicam a maior parte da surpresa do crescimento em 2022: alta dos preços das commodities e aumento das transferências do setor público, fatores que não terão a mesma magnitude neste ano.

"A combinação de desaceleração global, menor impulso com transferências de renda e efeito ainda não totalmente sentido da política monetária é o que contrata essa desaceleração para 2023."

Em 2021, a economia cresceu 5%, ante uma estimativa inicial de 3,4%. Em 2022, deve crescer cerca de 3%, bem acima do 0,4% esperado um ano antes.

A oscilação dos indicadores econômicos do país

O sobe e desce das projeções para o PIB do Brasil de 2022
Em %

Fonte: Banco Central e Ministério da Economia

O sobe e desce das projeções para a inflação de 2022
Em %

Fonte: Banco Central e Ministério da Economia

Crescimento mundial em 2022 foi menor que o projetado
Em %

Fonte: World Economic Outlook/FMI

A combinação de desaceleração global, menor impulso com transferências de renda e efeito ainda não totalmente sentido da política monetária é o que contrata essa desaceleração para 2023

José Pena
economista-chefe da Porto Asset Management

Em março deste ano, o próprio Ministério da Economia começou a rever para baixo suas projeções para o PIB. Em junho, as expectativas mudaram. Ficava claro que o controle sobre a pandemia de Covid, a alta de preços de commodities, medidas de estímulo e o processo inflacionário estavam dando gás à economia.

A inflação ficará próxima de 6% em 2022, segundo a estimativa mais recente do BC e do mercado. Uma espécie de "meio do caminho" entre as projeções feitas em dezembro passado e aquelas divulgadas em junho deste ano pelo mercado e pelo governo.

A economia mundial neste ano rumou no sentido contrário. No final de 2021, analistas do setor privado e de instituições multilaterais, como o FMI (Fundo Monetário Internacional), viam um avanço significativo do PIB global e ainda não esperavam que a inflação em países desenvolvidos alcançasse os maiores valores em 40 anos.

Com a Guerra da Ucrânia e seu impacto sobre preços de commodities como o petróleo, a batalha contra a alta de preços se tornou mais difícil. Os bancos centrais elevaram suas taxas de juros e reduziram estímulos, freando o crescimento nas grandes economias.

Problemas econômicos e sanitários na China também contribuíram para uma atividade mais fraca.

A principal surpresa positiva neste ano veio do setor de serviços, pelo lado da oferta, e do consumo das famílias, pelo lado da demanda. Ambos representam cerca de 70% do PIB. Com peso menor, mas também com desempenho bem acima do esperado, ficaram os resultados da indústria e dos investimentos.

Impulsionado pelos serviços, o mercado de trabalho surpreendeu positivamente. Esperava-se uma taxa de desemprego próxima de 12% ao final deste ano. Agora, a estimativa é que fique pouco acima de 8%, uma das taxas mais baixas da história recente.

A agropecuária, com a quebra parcial da safra de soja e a queda na produção de cana-de-açúcar, foi a grande decepção do ano. Esse é também o único setor para o qual há a expectativa de aceleração da atividade em 2023.

Ao divulgar recentemente sua projeção de crescimento de 1% para o próximo ano, o Banco Central afirmou que a incerteza sobre o ritmo de atividade atualmente "é maior do que o usual".

A avaliação da instituição monetária e de grande parte dos analistas do setor privado é que há duas questões em jogo. A primeira são os desafios para a atividade econômica global, com alta de juros em diversos países, impactos da Guerra da Ucrânia e incertezas sobre o crescimento econômico na China. A segunda, a política fiscal no novo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

As projeções para o PIB de 2023 variam atualmente de -0,4% a +2,3%, segundo o Boletim Focus do BC.

A mediana de 0,79% representa o pior resultado pós-2020 e praticamente metade da média em toda a gestão Jair Bolsonaro (+1,5%). No terceiro trimestre deste ano, o crescimento já foi menor, e dados preliminares mostram nova desaceleração neste fim de ano.

O cenário de inflação do país, por outro lado, continua incerto. Banco Central e mercado esperam que o indicador fique bem próximo do limite da meta de 4,75% de 2023.

As boas festas em 2023

Breve história de fantasmas de Natais passados e de anos novos perdidos na economia

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

A manchete desta ***Folha*** *na véspera do Natal de 2002 era o anúncio completo do ministério de Lula 1. O assunto maior daquele dezembro era outro. Havia frustração e fúria contra o anúncio da política econômica "tucano bis" de Antonio Palocci.*

Agora, a crítica contra a persistência do antigo regime tem o sinal trocado, baseada na suspeita de que Lula 3 possa ser uma variação de Dilma 1. Não importa o sinal, a conversa ainda é a mesma. A situação é muito pior.

Por volta de 2007, Lula desistiu de aprofundar o programa de conserto das contas públicas e de uma reforma tributária. Em parte, foi assim porque Lula apanhava de uma oposição arrependida de não ter pedido o seu impeachment e furiosa com a derrota de 2006.

Teria sido mudança profunda, assim como o foi a esquecida solução para o problema das contas externas, que se deu no governo Lula, por um tanto de competência e outro de sorte (mudança na economia mundial, China etc.).

Endividado em dólar, com déficits ruins nas transações com o exterior, o Brasil vivia crises periódicas de escassez de moeda forte, quando então tinha de pedinchar ao FMI. Era uma desgraça histórica, como essas que ocorrem na Argentina em média a cada três anos.

Nunca mais voltamos a falar de crise de financiamento externo. Em vez disso, nos dedicamos a cultivar crises no nosso jardim: dívida pública doméstica excessiva que resulta em altas de juros e risco de inflação desembestada.

É possível dar um jeito nessa crise que começou a se desenhar em 2013, piorada por azares e por barbárie política. Mas a situação de 2022 é muito pior do que a de 2002.

Em 2002, o governo federal gastou o equivalente a 15,1% do PIB, com receita de 17,4% (superávit primário de 2,3%). Em 2022, deve gastar 18,3% do PIB, com receita de 19,2%, um superávit mandrake de 0,9%, fruto de receitas extraordinárias e de represamentos picaretas de gastos do governo de trevas (2019-2022).

A situação é pior porque está difícil, em termos políticos e econômicos, aumentar a carga tributária, embora seja inevitável fazê-lo, de preferência eliminando favores para classe média, ricos e empresas protegidas.

Está difícil conter despesas, embora seja inevitável fazê-lo (bis). De 2002 a 2022, o gasto aumentou em 3,2% do PIB. Cresceu 2,1 pontos na Previdência (INSS), 0,6 ponto em BPC (benefícios para idosos e pessoas com deficiência pobres), 0,9 ponto para o Bolsa Família etc.: "tudo pelo social".

Está difícil falar de problema fiscal. Quem o faz é tido como sociopata, um idiota perverso da elite ou da "Faria Lima" (de fato grossa e perversa, mas esse é outro assunto). Enfim, pouca gente trata de como acelerar o crescimento econômico.

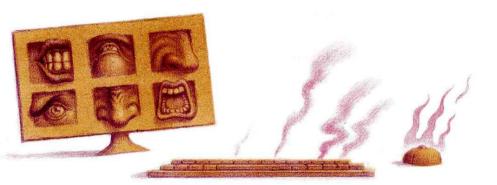
Lula 3 e seu culto falam sem parar de "incluir os pobres no Orçamento". Lula 1 dizia que viria o "milagre do crescimento". Não foi lá milagre, mas veio e foi o maior responsável por tirar tanta gente da pobreza, não o "Orçamento". Mesmo triplicando a despesa com o Bolsa Família (de 0,5% do PIB na última década para 1,5% do PIB em 2023), haverá muita miséria.

O PIB de 2022 vai ser um tico maior do que o de 2014: década perdida. Sem terraplanismo econômico (pior de 2012 a 2014) e barbárie política (pior de 2015 a 2022), não teria sido difícil ter crescido uns 20% desde 2014. Estaríamos em outro mundo, embora ainda pobres, sujos e malvados.

É possível ter políticas econômicas diferentes, alternativas, mas não essas burrices em torno das quais giramos faz décadas, entre elas a de achar que não há problema em pagar juros indecentes a ricos por um endividamento equivocado, fora de hora e sem limite.

Mas ainda dá para ter um feliz Natal em 2023.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Daniele Castellano/The New York Times

Qual é o melhor emoji para dizer que você odeia o seu colega de trabalho?

Vivemos a era da raiva no Slack, da qual funcionários não têm a opção de sair e espairecer

Emma Goldberg

THE NEW YORK TIMES Se existisse nostalgia da raiva, seria a saudade de uma época em que as pessoas brigavam em voz alta —mesmo num ambiente formal como o escritório. Elas desabafavam, xingavam, reviraram os olhos teatralmente. Agora, a raiva no local de trabalho é mais silenciosa, muitas vezes contida no clec-clec de um recado digitado às pressas no Slack, o software de mensagens usado por muitas empresas.

Veja Ani Rodriguez, 24, que trabalha em relações públicas. Em sua empresa anterior, ela tinha uma resposta automática para deslizes profissionais: tirava um print da tela da mensagem ofensiva e a enviava para um colega de trabalho com comentários como "OMG" ou "WTF" [siglas em inglês de "Oh meu Deus" ou "Que p. é essa?"].

No início deste ano, Rodriguez cometeu um erro tático. Seu chefe tinha lhe mandado uma mensagem perguntando por que uma tarefa não havia sido cumprida, um descuido que Rodriguez sentiu que não era sua culpa. Rodriguez tirou um print da tela. Mas acidentalmente o enviou de volta ao chefe.

"Foi um desastre", disse ela.

As condições estão ideais para um desastre no local de trabalho este ano. Muitos colegas de equipe não se veem pessoalmente desde 2020. Suas relações profissionais se desgastaram, mas o trabalho árduo continua. Ao mesmo tempo, eles estão lendo notícias sobre crises constantes —demissões, inflação, falência de empresas.

Então as coisas ficam confusas. As pessoas explodem com colegas que nunca conheceram pessoalmente e acham mais fácil demonizar uma conta "impessoal" do Slack do que perder a compostura com alguém cara a cara. Batalhas inteiras podem ser travadas entre os avatares da Mulher-Gato e do esquilo. Os trabalhadores recebem mensagens iradas e, em vez de conversar, respondem com uma réplica incompleta.

Estamos vivendo na era da raiva do Slack.

"As pessoas recebem impulsos de dopamina ao dizer coisas negativas", disse Tessa West, psicóloga da Universidade de Nova York e autora de "Jerks at Work" [Idiotas no trabalho]. "A recompensa é mais forte e mais imediata do que o custo."

Com mais de um terço dos trabalhadores americanos ainda parcialmente remotos e milhões deles dependendo do Slack, fica claro que muitas conversas entre colegas —incluindo brigas— agora estão confinadas a plataformas online, ainda mais do que antes da pandemia, quando tais ferramentas já eram comuns no local de trabalho.

Anil Dash, um blogueiro e executivo que é o chefe da plataforma de colaboração Glitch, percebeu que nas empresas em cujos canais do Slack ele entrou as pessoas discutem com mais liberdade do que no escritório. Elas têm amplas conversas sobre questões sérias, como política e ética tecnológica, ou assuntos leves, como lanches. Muito disso acaba esquentando.

"Pode parecer com: 'Bem, estou no meu telefone ou no meu laptop; esse é o lugar onde vou para brigar com as pessoas", disse ele. "Você tem essa ferramenta que imita a rede social pública e, portanto, o comportamento das pessoas imita a rede social pública, mesmo que seja vendida e usada como uma ferramenta de colaboração."

> "As pessoas recebem impulsos de dopamina ao dizer coisas negativas. A recompensa é mais forte e mais imediata do que o custo
>
> **Tessa West**
> psicóloga da Universidade de Nova York e autora de "Jerks at Work" [Idiotas no trabalho]

Algumas partes do design do Slack podem ser revigorantes para os trabalhadores: ele inclina a dinâmica de poder do conflito profissional, permitindo que as pessoas compartilhem suas opiniões em canais públicos, com o apoio de colegas de equipe, em vez de a portas fechadas.

"O Slack é muito diferente da maioria das ferramentas usadas no local de trabalho", disse Dash.

"É intencionalmente muito plano", disse ele, o que significa que qualquer pessoa pode facilmente enviar mensagens às outras e expressar suas opiniões. As hierarquias pelo menos parecem menos importantes do que numa sala de reunião física, o que pode levar os funcionários a se sentir mais à vontade para fazer críticas.

As brigas no Slack estão surgindo num ambiente de trabalho já marcado pelo desgaste da saúde mental. Os funcionários precisam lidar com todo o estresse de suas relações de trabalho sem momentos mais alegres e pessoais para compensar a tensão: as piadas bobas, as pausas para lanche, os cochichos no banheiro.

Brad Smallwood, um terapeuta de San Francisco que costuma apoiar pessoas em desentendimentos profissionais, viu o nível de estresse de seus pacientes aumentar à medida que eles se aprofundavam na colaboração com colegas de trabalho que não viam pessoalmente havia quase três anos.

"Venho de um local de trabalho tradicional e, quando você tem um conflito com alguém, passa no escritório e diz: 'Podemos dar uma volta?'", disse Smallwood, 43. "Para muitas pessoas, isso não é mais uma realidade."

Liane Davey, 50, psicóloga organizacional, estava fazendo um curso digital no início deste ano, e uma de seus colegas disse no Slack que queria "roubar" a ideia de Davey. Ela pode ter feito isso como um elogio, mas, sem o benefício da linguagem corporal ou do tom de voz, disse Davey, ela inicialmente interpretou a mensagem como alegremente antipática.

"Tive uma reação enorme: 'Como assim, você vai roubá-la de mim?'", disse ela.

Quando os prazos estão se aproximando, as pessoas nem sempre se lembram de neutralizar suas explosões com desculpas. Alison Weissbrot, uma editora, percebeu que o tom das mensagens de sua equipe ficava mais ríspido quando enfrentavam uma série de tarefas para a semana de publicidade de Nova York. Mesmo com o acúmulo de atribuições, esperava-se que as respostas viessem imediatamente. Ela experimentou a sensação de pavor corporal causada por uma mensagem como: "Olá? Posso receber uma atualização?"

"Meu estômago parecia cair. Meu coração começava a bater rápido", disse ela. "Eu fico tipo: 'Oh, meu Deus, minha cabeça vai cair'."

Weissbrot, 30, tentou aliviar o clima com emojis. "Sei que isso é ridículo e cancelado, mas eu amo o emoji que chora e ri", disse ela. "Também adoro o que range os dentes. Quando eu erro, fico assim: 'Ops', com os dentes cerrados."

Outros estão contornando o conflito à moda antiga —pegando o telefone. "Se alguém trocou emails ou Slacks algumas vezes e não está se conectando, eu sairia desse esquema", disse Davey. "Saia da espiral da morte."

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Carroceiros trabalham mais pelo lixo reciclado do que prefeituras

Catadores recolhem 71% mais em SP e 59% mais em BH do que concessionárias, aponta pesquisa

Daniele Madureira e Douglas Gavras

SÃO PAULO São cerca de 13h de uma terça-feira, nas proximidades do terminal de ônibus Amaral Gurgel, em Santa Cecília, região central de São Paulo. O carroceiro Joaquim Silva Santos, 63 anos, o "Bahia", descansa sentado no meio-fio, debaixo do elevado Presidente João Goulart, o Minhocão, depois de almoçar no restaurante Bom Prato —programa do governo do estado que oferece refeições a R$ 1.

Logo ele vai sair para a segunda ronda do dia em busca de papelão, plástico, latinhas de alumínio e o que mais conseguir negociar em um ferro-velho do centro.

"Não posso carregar muito peso, sou operado da hérnia", diz Bahia, que reclama do valor pago pelo material reciclado. "Depois da pandemia, tudo piorou: hoje pagam R$ 0,25 por um quilo de papelão, R$ 0,40 pelo quilo do ferro, R$ 0,40 pelo da garrafa pet. O da latinha é R$ 5", diz ele, que se emociona ao lembrar que passou a morar na rua também na pandemia.

Enquanto enxuga as lágrimas com um retalho de pano estampado, Bahia conta que não conseguiu se manter na pensão, "que antes cobrava R$ 12 por dia, depois passou para R$ 14 e agora está R$ 16". Também teria que desembolsar mais R$ 10 por noite para guardar a carroça em um estacionamento. "Desse jeito, não sobraria para eu comer", afirma o carroceiro, que ganha cerca de R$ 150 por semana.

"À noite, pego minha carroça, forro de papelão e me cubro com a manta. Não posso ficar com nenhuma moedinha, o que mais tem aqui é ladrão", diz. O forte cheiro de urina toma conta do ambiente, onde poças de água da chuva se acumulam perto da carroça, seu único bem, além da manta de lã, que durante o dia fica guardada no bar em frente à sua "moradia".

A situação econômica e as condições de trabalho de milhares de carroceiros como Bahia poderiam ser diferentes se esses agentes fossem remunerados pela coleta voluntária que realizam —não apenas pela venda do material, cujo preço é instável e depende de uma cadeia formada por diversos atravessadores, entre a indústria e o catador.

Segundo o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 75% dos ganhos totais do setor de reciclagem são destinados às indústrias, mas 90% do lixo reciclado passa pela mão de catadores, seja organizados em cooperativas de reciclagem, seja trabalhando isoladamente nas ruas e lixões.

Em São Paulo —a maior cidade do país, com 12,3 milhões de habitantes que a tornam também a maior geradora de lixo nacional—, duas concessionárias, a Ecourbis e Loga, receberam juntas R$ 10 bilhões para explorar por 20 anos, até outubro de 2024, o serviço de coleta seletiva.

Em 2020, as empresas recolheram 94,5 mil toneladas de lixo para reciclagem na cidade, segundo dados do Snis (Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento). No mesmo ano, 1.875 carroceiros e catadores (que são só uma parte do total que trabalha na capital) recolheram 161,2 mil toneladas, ou 71% a mais que as empresas de coleta seletiva.

4%
Do lixo é reciclado no Brasil, segundo a ISWA (Associação Internacional de Resíduos Sólidos, na sigla em inglês)

94,5 mil
toneladas de lixo foram recolhidas pelas duas concessionárias de lixo para reciclagem na cidade de SP em 2020

161,2 mil
toneladas foram recolhidas na cidade no mesmo período por 1.875 carroceiros e catadores (que são só uma parte do total que trabalha na capital)

> **O trabalho de carroceiro não é ruim. A parte boa é poder andar pela cidade inteira e colocar os pensamentos no lugar; a ruim é o pessoal que olha torto para quem vive do lixo**
>
> **José Roberto Cicilinski, 52**
> catador em SP

Com a diferença que os catadores não cobram pelo serviço, recebem apenas pela venda do que arrecadam. A maior parte deles (43%) ganha menos de R$ 1.000 por mês na capital.

Os dados são da pesquisa Cataki 2022, realizada pela Plano CDE com catadores de São Paulo, Belo Horizonte e Rio a pedido do Pimp My Carroça, movimento social que busca valorizar o trabalho de carroceiros e catadores de material reciclável no país. Também na capital mineira, os catadores recolhem 59% a mais de material que as empresas oficiais.

"Eles são numerosos, têm um horário de trabalho flexível e percorrem muito mais ruas do que as empresas contratadas para a coletiva seletiva", diz a doutora em ciência política Sonia Dias, especialista em gestão de resíduos sólidos pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Ao lado da mestre em economia do desenvolvimento Mathilde Bouvier, Sônia assina o artigo "Catadores de materiais recicláveis no Brasil: um perfil estatístico", publicado pela rede global Wiego (Mulheres no Emprego Informal: Globalizando e Organizando). Segundo o documento, o número estimado de catadores de materiais no Brasil era de 281.025 em 2019. Homens são a maioria (70%).

"O Brasil recicla 97% das latas e 67% do papelão. Mas apenas um quarto de todos os municípios do país tem coletiva seletiva, o que indica que essas altas taxas se devem ao trabalho dos catadores", diz Sônia.

O potencial de reciclagem é imenso. De acordo com o Panorama de Resíduos Sólidos no Brasil 2022, da Abrelpe (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais), cada brasileiro produz, em média, 381 quilos de lixo por ano.

Mas apenas 4% disso é reciclado no Brasil, segundo a ISWA (Associação Internacional de Resíduos Sólidos, na sigla em inglês). Trata-se de patamar muito menor que a média de outros países latino-americanos, como Chile e Argentina (16%), e a de europeus, como a Alemanha (67%).

O índice de 4% do lixo reciclado é o mesmo observado na cidade de São Paulo. "No entanto mais de 30% do volume coletado por dia é passível de reciclagem, o que não acontece, pois a população descarta muito o material passível de reciclagem juntamente com resíduos comuns", disse a prefeitura, em nota.

O poder municipal também informou que desenvolve programas de capacitação para catadores, como o SP Coopera, que atende 2.000 pessoas em situação de vulnerabilidade. Segundo a prefeitura, o programa vai formalizar 20 novas cooperativas de catadores, além de fortalecer as 30 que já estão instaladas.

"É um discurso recorrente do poder público: jogar para o cidadão a responsabilidade em reciclar. Mas, sem oferecer estrutura para a coleta de material reciclado, nem incentivo para que os moradores separem o material", diz o grafiteiro e ativista Mundano, fundador do Pimp My Carroça.

Continua na pág. A17

1

2

3

Catadores nas regiões de Pinheiros 1, 25 de Março 2 e Duque de Caxias, em São Paulo 3; 43% ganham menos de R$ 1.000 por mês na capital
Fotos Lalo de Almeida/Folhapress

Continuação da pág. A16

Segundo a Prefeitura de São Paulo a "coleta domiciliar seletiva está presente nos 96 distritos do município, cobrindo cerca de 76% das vias". Mas a reportagem constatou que em diversas ruas do centro da capital o caminhão da reciclagem passa, mas não recolhe o lixo.

"Tente achar uma lixeira para material reciclável na avenida Paulista, um dos endereços mais ricos da cidade. Você não vai encontrar", diz Mundano. "Muito menos na periferia."

Segundo a Cataki 2022, a maioria dos catadores e catadoras nas cidades pesquisadas vive em vulnerabilidade de econômica e social extrema. Estão em situação de rua, dormem em albergues, abrigos ou casas de acolhimento.

"A prefeitura estimou a população de rua em 32 mil pessoas. Se a maior parte desse contingente fosse abarcada por uma política pública robusta de reciclagem, para trabalhar como carroceiro ou catador, a gente poderia resolver dois grandes problemas, um social e outro ambiental, de uma só vez", diz Mundano, que fundou o Pimp My Carroça em 2012, depois de perceber que os carroceiros eram discriminados e alvo de preconceito pelo seu trabalho, em vez de serem valorizados.

Há cinco anos, o Pimp My Carroça lançou o Cataki, um app para conectar os geradores de resíduos —consumidores ou empresas— a carroceiros cadastrados. Os geradores combinam com os catadores um preço para que eles retirem o lixo a ser reciclado. O app tem 300 mil downloads.

Agora, o Pimp My Carroça quer equipar os profissionais com carroças elétricas, que possam aliviar o peso carregado, que muitas vezes chega a 400 quilos. O formato é similar ao das tradicionais, mas os carroceiros não precisam fazer esforço para puxá-las, apenas as conduzem, como uma bicicleta elétrica.

Um fundo será criado em 2023 pelo movimento com o objetivo de arrecadar recursos para o programa "Carroças do Futuro". Cinco delas já estão em teste na cidade de São Paulo desde o ano passado, graças à parceria com o ICS (Instituto Clima e Sociedade).

"Já temos resultados animadores com as que estão em teste: houve aumento de 200% na renda mensal dos catadores, porque eles não se cansam tanto e conseguem percorrer mais vias, e assim colher mais material", afirma Mundano.

'O ruim é o pessoal que olha torto para quem vive do lixo'

Há quatro anos, quando abandonou a rotina de marreteiro, como são chamados os ambulantes que trabalham sem autorização nos trens de São Paulo, Adilson César Alves, 52, nem imaginava que se tornaria carroceiro. Passando pela recuperação fraca da economia após 2015 e 2016 e pela crise provocada pela Covid-19, ele sente que a concorrência entre catadores por papelão, alumínio —e o cobiçado cobre— só aumentou.

"Antes, a gente sempre encontrava rápido alguma coisa valiosa para vender em cooperativas e associações, mas agora é preciso garimpar cada vez mais. Desse trabalho dependem a minha mulher e um filho especial, é por eles que junto forças para sair de casa todos os dias, mas vejo cada vez mais moradores em situação de rua que veem nos recicláveis a única alternativa de sobrevivência", conta.

Para não ficar preso a uma cooperativa, ele juntou dinheiro para comprar uma carroça própria, por cerca de R$ 1.000. Ao pensar em que trabalho gostaria de fazer no futuro, Alves se entristece.

"Tenho um problema na vista, que acaba tornando difícil atuar em algumas profissões, e a idade tem pesado cada vez mais, carregar o carrinho abarrotado de material pela cidade, por dez horas por dia, exige esforço. Mas a possibilidade de me aposentar é mais difícil do que encontrar um punhado de cobre para vender."

Ao ver a reportagem conversando com outros carroceiros, José Roberto Cicilinski, 52, se aproxima como se estivesse prestes a contar um segredo. Ansioso, ele pede que seu nome seja registrado, na esperança de conseguir comprar uma carroça sem depender de pegar um veículo emprestado em uma ONG.

As carroças emprestadas costumam obrigar a venda para o dono do equipamento, que nem sempre paga o melhor preço.

"Conheço um rapaz, na favela do Moinho [região central de São Paulo] que vende uma por R$ 1.500. Parece até barato, mas não para quem só consegue tirar R$ 70 por dia."

Morador de Guarujá, no litoral, ele deixou a família para trás. Em São Paulo, viveu na rua por mais de uma vez e hoje divide um espaço emprestado por um ferro-velho no centro.

"O trabalho de carroceiro não é ruim. A parte boa é poder andar pela cidade inteira e colocar os pensamentos no lugar; a ruim é o pessoal que olha torto para quem vive do lixo."

Ao lado de um ponto de venda de reciclados em Pinheiros, o casal Luís Fernando, 48, e Priscila dos Santos Maciel, 41, mostra orgulhoso a carroça colorida que puxam pela zona oeste da cidade. Natural de Rio Claro (SP), ele conta que conseguiu construir um barraco com o dinheiro da reciclagem, que pode chegar a R$ 200 em um dia bom.

"Fui pintor de casas e nunca me faltou trabalho —só faltava liberdade. Quem vive de obra sabe que demora a receber, que o pintor é sempre a última pessoa da fila a conseguir ganhar dinheiro. E ainda depende de fazer parceria com um pedreiro que não te explore."

Como carroceiros, eles dizem que são movidos pela esperança. "A gente sai de casa e não tem dia ruim, sempre encontramos alguma coisa boa para vender", conta ela, com um sorriso no rosto. "Quando ele desanima, eu estou aqui para nos empurrar para a frente."

O carioca Márcio Teixeira Lima 47, cruza com sua carroça os prédios espelhados da região da Vila Olímpia, enquanto busca por um ferro-velho local. Com uma mulher e um enteado que dependem do serviço, ele não tem mais fim de semana. Deixa a favela de Paraisópolis e sai diariamente puxando o equipamento.

"Cheguei a trabalhar como auxiliar de limpeza em uma empresa, mas não gostava. Parecia que o dia do pagamento não chegava nunca e, para quem tem família, é importante ter um pouco de dinheiro na mão todo dia."

Carregando fardos de papelão, latinhas de metal e uma louça sanitária na carroça, ele diz que tem um olho bom para encontrar material que pode render um pouco mais de dinheiro. "A parte boa disto aqui é que a gente se sente útil, a cidade fica melhor e mais limpa com nosso trabalho. Ainda somos um pouco invisíveis, mas acho que está mudando." **DG**

Caminho para Haddad

Se o novo governo levar a uma trajetória que garanta a solvência do Tesouro, a grande vitoriosa será a democracia

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Lula iniciou seu governo negociando com o Congresso Nacional um aumento de gasto de R$ 150 bilhões, aproximadamente. A principal atribuição de seu ministro da Fazenda será construir as condições para que esse início de governo com pé trocado não comprometa o mandato de Lula.

Há caminhos. A política fiscal tem dois impactos diretos sobre a economia. O primeiro é o impacto do gasto e da receita do setor público no equilíbrio entre a oferta e a demanda de bens e serviços. A política pode ser expansionista ou contracionista.

Adicionalmente, o desenho de longo prazo da política econômica e a confiança (ou não) na capacidade da liderança de gerenciar o conflito distributivo na sociedade podem indicar (ou não) que a dívida pública será paga sem a necessidade da elevação da inflação. Esse é o segundo impacto da política fiscal na economia.

É importante que a política fiscal seja contracíclica. Se há sinais de que a economia se encontra a plena carga com baixo desemprego, salários subindo além da produtividade do trabalho e inflação pressionada, a política fiscal precisa ser contracionista. Esse é o caso para 2023.

O gasto primário da União em 2022 foi de 18,2% do PIB. Esse número considera as revisões recentes na série do PIB e que o acerto da União com o município de São Paulo, por causa do campo de Marte, não representa gasto primário.

O gasto primário em 2023, segundo o Projeto de Lei Orçamentária anual (Ploa 2023), é, de acordo com nossas estimativas, de 17,5% do PIB. Com a autorização de R$ 150 bilhões, irá para 19% do PIB, 0,8 ponto percentual superior ao gasto de 2022.

Para que a política fiscal seja contracionista, será necessário que Haddad não execute todo o espaço fiscal aberto pela PEC e que, adicionalmente, haja elevação de impostos. A reoneração do PIS/Cofins e do IPI, que foram oportunisticamente reduzidos por Bolsonaro em ano eleitoral, elevará a receita em uns R$ 80 bilhões.

Esta será a primeira tarefa do ministro: garantir o atendimento da principal promessa de campanha de Lula, bem como de recursos para áreas do Estado que foram subfinanciadas no governo Bolsonaro, e, simultaneamente, promover política fiscal contracionista em 2023.

A segunda tarefa do ministro será construir com o Congresso Nacional uma regra fiscal que substitua o teto dos gastos e que sinalize redução da dívida pública como proporção da economia em um horizonte não muito longo.

O ingrediente necessário será a capacidade da liderança do presidente Lula em negociar com a sociedade e com o Congresso Nacional medidas que elevem os impostos e reduzam gastos e subsídios, de forma a sinalizar solvência do Tesouro Nacional.

Se o ministro for bem-sucedido em sua segunda tarefa, a percepção de risco cairá, e o câmbio buscará valores no intervalo de R$ 4 a R$ 4,5 por dólar. A forte queda da inflação propiciada por esses movimentos de mercado permitirá que o Banco Central corte rapidamente os juros.

Faz dez anos que ocupo este espaço. A principal agenda foi o contrato social da redemocratização e, a partir do segundo mandato de Dilma, nossa crise fiscal, ou seja, nosso conflito distributivo.

Se Lula conseguir produzir uma trajetória da política fiscal que garanta a solvência do Tesouro Nacional, a grande vitoriosa terá sido a democracia brasileira. Em geral, crises fiscais produzem crises institucionais e rupturas políticas e, muitas vezes, recessão democrática. Oxalá a liderança de Lula escreva nova página de nossa história.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães | QUI. Solange Srour | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Empréstimo do Auxílio Brasil paga água, luz e aluguel

Beneficiários do programa social têm medo da dívida, e muitos encontram dificuldade para conseguir o crédito

Jessica Bernardo

SÃO PAULO | AGÊNCIA MURAL Moradores de periferias da capital paulista têm buscado o consignado do Auxílio Brasil para pagar contas básicas como aluguel, luz e água.

A modalidade de crédito também tem sido procurada por quem precisa reformar a casa ou investir no trabalho.

A costureira Maria de Lurdes Silva, 58, diz que o empréstimo daria uma força nas contas do dia a dia, além de ajudá-la a investir nos serviços de costura. Ela vende panos de prato e costurado roupas para conhecidos. "Como estou sem emprego, quero investir em alguma coisa."

Morador do Jardim Colombo, na zona sul, Reginaldo Souza da Silva, 37, quer usar o crédito para pagar contas de casa e fazer compras de mercado. Ele teve o empréstimo negado por receber o Auxílio há pouco tempo. "Fui fazer [a solicitação] e a moça me explicou que tinha que esperar a terceira parcela."

Estudo do instituto de pesquisas Plano CDE apontou que comprar comida e pagar as contas do dia a dia estiveram entre as principais razões para a população das classes C, D e E pegar empréstimos nos últimos meses.

Moradora de Paraisópolis, Lúcia de Fátima, 50, tem procurado o empréstimo para reformar a casa, que não tem piso nem reboco nas paredes. Lúcia chegou a fazer a solicitação na Caixa, mas foi informada de que as autorizações para o empréstimo tinham sido paralisadas. Ela também teve o consignado negado em outro banco.

Desde as eleições, quem busca pelo empréstimo na Caixa tem enfrentado dificuldade para conseguir liberação. O banco passou a limitar a oferta das linhas de crédito e mudou a análise para o consignado do Auxílio Brasil, como mostrou a **Folha**.

Com as mudanças, a concessão do benefício ficou restrita a clientes com boa análise de risco. Nas redes sociais, as queixas de pessoas que não conseguiram o empréstimo se multiplicaram.

A Caixa informou que o consignado continua disponível para contratação. "A concessão de crédito obedece a critérios internos de governança, com base no contexto de mercado, no monitoramento de seus produtos e nas estratégias do banco", afirmou, em nota.

No bairro Monte Azul, zona sul, Otaviano Mariano de Sousa, 54, conhece várias pessoas que estão na fila para o consignado. "Só falam para esperar, esperar e nada", comenta ele sobre a resposta dos bancos aos colegas.

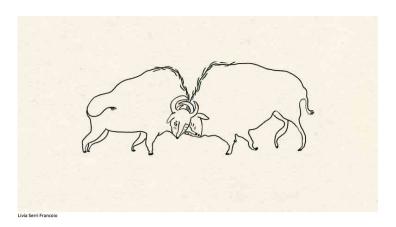
Ele diz que foi um dos primeiros a buscar o crédito quando a modalidade foi liberada, em setembro.

Sem emprego formal desde 2018, Sousa usou o dinheiro do empréstimo para comprar uma máquina de misturar tintas, que tem facilitado o trabalho nos bicos como pintor. "Para mim foi ótimo."

Ana Benício, 40, não conseguiu prever o impacto que o desconto do empréstimo teria e se arrependeu da decisão. "A metade [do dinheiro] foi para pagar conta e a outra metade foi para comprar uma geladeira", conta ela, que vive em Paraisópolis.

Com o desconto da parcela e as despesas de casa, sobram para ela apenas R$ 40 por mês. "Foi bom na hora porque eu estava sem geladeira, mas depois foi ruim."

Vizinho de Ana, Odair José, 43, usaria o crédito para pagar contas de água e luz, mas desistiu depois que soube como funcionariam as cobranças. "Quando li as regras, vi que não compensava."

Livia Serri Francoio

Não se pode ignorar os efeitos colaterais da PEC da Transição

Bate-cabeça entre as políticas fiscal e monetária é um perigo

Arminio Fraga

Sócio-fundador da Gávea Investimentos, presidente dos conselhos do IEPS e do IMDS e ex-presidente do Banco Central.

O governo Lula não tomou posse ainda, mas já vem dando sinais importantes sobre que caminho tomará na área econômica. Em seus dois mandatos, o presidente Lula manteve a política de responsabilidade fiscal que herdou de seu antecessor. Foram anos de superávits primários, salvo a correta política de expansão em resposta à grande crise global de 2008.

O presidente eleito manteve também ou ampliou uma agenda de reformas voltadas para a redução das desigualdades e o aumento da produtividade. Foi um bom período para a economia, que cresceu um pouco mais do que o resto da América Latina (mas bastante menos do que a média dos países emergentes).

Durante a campanha, o candidato Lula evitou entrar em detalhes quanto à sua visão do futuro fiscal do país, mencionando apenas o seu histórico como garantia de bom comportamento. Passados dois meses das eleições, tudo indica que o superávit primário de 0,6% do PIB em 2022 se transformará em 2023 em um déficit próximo de 2,0%. Alguma deterioração fiscal já era esperada, em razão de fatores não recorrentes como o congelamento dos salários e a alta das commodities. No entanto, me parece imprudente ignorar os efeitos colaterais dessa expansão fiscal, reforçados por sinais explícitos de falta de apreço pela responsabilidade fiscal que tanto bem fez ao país enquanto durou. Vejamos alguns.

Em primeiro lugar, em razão da alta da inflação a partir de 2021, o BC (Banco Central) vem elevando a taxa de juros, em linha com sua missão precípua. O esforço vem dando resultado, mas as expectativas de inflação embutidas nas taxas de juros dos títulos do governo ainda apontam para uma inflação de 6,5% ao ano a perder de vista, o que significa que o trabalho do BC está longe de estar concluído.

A economia superou a crise associada à pandemia e mostra razoável dinamismo no mercado de trabalho. Nesse contexto, uma substancial expansão fiscal como a que está sendo gestada pressionaria a inflação para cima e, portanto, representaria uma frontal contradição com o trabalho do BC, que seria forçado a aumentar ainda mais as taxas de juros. Ou seja, um grave erro, semelhante ao cometido no governo Dilma e que resultou na profunda recessão de 2015-16.

Em segundo lugar (e, como consequência do que tudo indica, será um bate-cabeça entre as políticas fiscal e monetária), a dívida pública retomaria uma ainda mais acelerada trajetória de crescimento. Tal crescimento seria fonte de elevada incerteza quanto ao futuro da economia, ensejando cenários de alta da inflação, depreciação do real, alta dos juros, aumento da carga tributária, recessão e desemprego.

O futuro ministro da Fazenda, Fernando Haddad, vem sinalizando a intenção de reintroduzir uma âncora fiscal, o que seria de todo desejável. Do que se trata? Basicamente de um compromisso com uma política fiscal que mantenha em níveis razoáveis o gasto e a dívida públicos. Uma possibilidade aventada recentemente nesta **Folha** *por Marcos Mendes e por mim seria recuperar elementos da Lei de Responsabilidade Fiscal e do teto de gastos. O foco maior seria no controle do gasto público, posto que a carga tributária no Brasil já é bastante elevada para um país de renda média, salvo no que tange à eliminação das brechas regressivas das regras do Imposto de Renda.*

Tal ajuste teria que ocorrer nas rubricas mais relevantes, como a folha de pagamentos e a Previdência. Em todas, o ajuste poderia e deveria contribuir diretamente para uma redução da desigualdade de renda, algo que certamente deveria fazer parte dos planos de um governo de centro-esquerda de um país tão desigual como o nosso.

Não há chance de sucesso sem encarar esse desafio, mas as resistências serão ferozes, como sempre. Nessas horas, cabe a nossos líderes lembrar que com o grande ajuste ocorreria uma relevante queda nos prêmios de risco na economia, elemento essencial para a construção de um círculo virtuoso de crescimento e estabilidade.

Mas, mais importante do que uma nova âncora, que em um primeiro momento careceria de credibilidade, seria anunciar (e cumprir) metas para o saldo primário e o gasto público por, pelo menos, três anos. Como sugestão, no mínimo, eu apontaria uma imediata redução do déficit primário projetado para o ano que vem para, no máximo, 1% do PIB, seguido de superávits primários de 0,5% em 2024 e 2% em 2025. Para que não reste dúvida, estou falando de gastos adicionais bem inferiores aos que foram aprovados na PEC de Transição ou a partir de decisões do STF.

Seria um primeiro passo na direção de um gasto público genuinamente mais voltado para o social, sem a quase certeza da volta da inflação e da recessão que sempre trouxeram tanto sofrimento à população. Olhando mais adiante, o ideal seria chegar a 2026 com um saldo primário que pusesse em queda a relação dívida/PIB. Esse resultado depende também dos níveis da taxa de juros (r) e da taxa de crescimento da economia (g). Quanto menor a famosa diferença "r menos g", melhor. Essa diferença depende de uma miríade de fatores qualitativos e institucionais que contribuem para aumentar a produtividade e reduzir a incerteza na economia. Há muito espaço para avançar, mas todo cuidado aqui é pouco. Propostas de revisão para pior dos marcos legais do saneamento e das estatais sinalizam a volta a um Brasil velho, desigual e incapaz de crescer de forma sustentada e inclusiva.

Finalmente, resta o argumento de que a responsabilidade social tem pressa. Tem que ter mesmo. Mas, como procurei demonstrar aqui, a expansão fiscal ora em consideração seria um tiro pela culatra. E não custa lembrar que as consequências políticas de um fracasso econômico seriam nefastas.

| **DOM.** Ana Paula Vescovi, Marcos Lisboa, Candido Bracher, Arminio Fraga

Lula prepara anúncio de Jean Paul Prates na Petrobras

Senador já foi convidado; Alexandre Silveira é cotado para Minas e Energia

Julia Chaib e Catia Seabra

BRASÍLIA O presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), convidou o senador Jean Paul Prates (PT-RN) para assumir o comando da Petrobras e quer anunciá-lo nesta semana. A ideia é divulgar o nome com a próxima leva de ministros, o que deve ocorrer na terça (27).

O parlamentar foi um dos coordenadores do grupo técnico de Minas e Energia do gabinete de transição.

Integrantes do PT dizem que não há impedimento legal para que ele ocupe o posto —ou seja, não seriam necessárias alterações na Lei das Estatais para que a nomeação fosse realizada.

O estatuto da Petrobras inclui a restrição a integrantes de campanhas políticas. Como mostrou a **Folha**, especialistas e conselheiros da estatal ainda não têm avaliação sobre possíveis restrições ao nome de Prates.

O senador buscou se afastar formalmente da campanha de Lula e não assumiu funções de coordenação no processo. Ele ajudou nas discussões a respeito de políticas para a área durante a formulação do plano de governo.

O economista e cientista social William Nozaki, que integrou o grupo de trabalho de Minas e Energia do gabinete de transição, é citado como um dos cotados para uma diretoria da Petrobras.

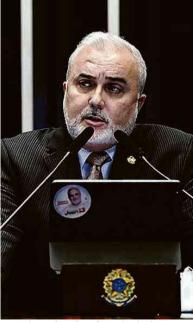
Com a ida de Prates para a estatal, o senador Alexandre Silveira (PSD-MG) é o mais cotado para o Ministério de Minas e Energia.

A pasta inicialmente contemplaria o MDB. A bancada do partido no Senado, porém, abriu mão da indicação para o PSD.

Na transição, o futuro indicado para a Petrobras defendeu a criação de algum mecanismo que sirva como "colchão de amortecimento" para as flutuações dos preços dos combustíveis. Prates também acrescentou que a política de preços de combustíveis é "do governo", não da Petrobras.

"Quem define política de preço de qualquer coisa no país, se vai intervir ou não, se vai ser livre ou não, se vai ser internacional ou não, é o governo. O que está errado e a gente tem que desfazer de uma vez por todas é dizer que a Petrobras define política de preços de combustível. Não vai ser assim. Vai seguir a política do governo? Claro."

Prates também disse que o novo conselho da Petrobras deve rever a política de distribuição de dividendos.

Atual presidente da Petrobras, Caio Paes de Andrade será secretário de Gestão e Governo Digital de Tarcísio de Freitas em São Paulo.

Jean Paul Prates (PT-RN), que foi coordenador do grupo técnico de Minas e Energia na transição Roque de Sá/Agência Senado

Verba é liberada, e PF retoma confecção de passaportes, diz ministro

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO A confecção de passaportes foi restabelecida a partir deste sábado (24) pela Polícia Federal.

De acordo com o órgão, passaportes solicitados em atendimento presencial de 1º a 22 de dezembro estão sendo produzidos "gradativamente". O andamento da solicitação deve ser consultado pela internet até que o documento esteja como "disponível para entrega".

Novas solicitações terão prazo normalizado tão logo as anteriores tenham sido processadas, disse a PF.

"Conforme prometido ontem [sexta-feira] (23), a emissão de passaportes foi reestabelecida prontamente pela @policiafederal", afirmou o ministro Anderson Torres (Justiça e Segurança Pública) em rede social.

Para solicitar o documento, é necessário preencher um formulário e reunir a documentação a ser apresentada no dia do atendimento presencial. De acordo com a PF, o tempo normal para obter o documento varia de 7 a 25 dias úteis após a confirmação do pagamento de taxa.

A fila de espera para a emissão de passaportes somava 100 mil pessoas, segundo informação da PF da terça (20). O atraso decorre da falta de recursos orçamentários. Naquele dia, não havia previsão de retomada do serviço.

A primeira suspensão da emissão ocorreu no dia 19 de novembro. Na ocasião, a polícia informou que a medida foi tomada em razão "da insuficiência do orçamento destinado às atividades de controle migratório e emissão de documentos de viagem".

No final daquele mês, foram liberados R$ 37,4 milhões, mas o serviço foi paralisado novamente em dezembro.

A PF aguardava então um crédito suplementar de mais R$ 31,5 milhões. No dia 15, o Congresso aprovou um projeto de lei para viabilizar essa verba, mas o uso do recurso ainda dependia da sanção do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Em agosto, o Ministério da Justiça havia pedido R$ 74 milhões para assegurar a continuidade do serviço.

A taxa de emissão do passaporte é de R$ 257,25. O dinheiro vai para a conta única do Tesouro Nacional. A liberação dos recursos depende da disponibilidade de espaço no Orçamento.

Com o crescimento de despesas obrigatórias, o Executivo precisou bloquear recursos discricionários de diversos órgãos para evitar o estouro do teto de gastos, a regra que limita o avanço das despesas à inflação.

O Ministério da Justiça foi alvo de um corte de R$ 229,14 milhões, sendo R$ 161,7 milhões em dotações próprias do órgão, e o restante, em verbas direcionadas por parlamentares via emendas.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 25 DE DEZEMBRO DE 2022 B1

Da esq. para a dir, no alto: os ex-governadores tucanos de São Paulo Mário Covas, Alberto Goldman e José Serra; na segunda linha, Geraldo Alckmin (hoje PSB), João Doria (sem partido) e Rodrigo Garcia Juca Varella - 2.jun.00/Folhapress, Zé Carlos Barretta - 19.set.17/Folhapress, Bruno Poletti - 24.jun.16/Folhapress, Bruno Poletti - 15.set.14/Folhapress, Greg Salibian - 21.abr.19/Folhapress e Marcelo Chello - 12.dez.22/Folhapress

Processo de desgaste tira PSDB do governo de SP após 28 anos

Partido liderou o mais longo ciclo de uma mesma sigla na gestão de um estado

Bruno Boghossian

BRASÍLIA Assim que desembarcaram de uma van nos arredores da avenida Paulista, o governador Geraldo Alckmin e o senador Aécio Neves foram recebidos com xingamentos. Era 13 de março de 2016. Hostilizados, os dois nomes fortes do PSDB não conseguiram ficar nem meia hora no protesto a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT).

Aquele domingo foi um marco do desgaste que o PSDB sofria no coração de seu poder. O partido havia vencido seis eleições seguidas para o governo de São Paulo e ainda ganharia mais uma, em 2018. Surgiam, no entanto, os sinais de um processo de enfraquecimento que, nos próximos dias, encerrará um ciclo de 28 anos.

A saída de Rodrigo Garcia (PSDB) do Palácio dos Bandeirantes em 1º de janeiro põe fim à mais longa sequência, desde a redemocratização, de um mesmo partido no comando de um estado —iniciada com a eleição de Mário Covas, em 1994.

O PSDB estabeleceu em São Paulo seu principal polo político e implantou o que tucanos gostam de apresentar como pontos essenciais de sua plataforma: controle de gastos, investimentos privados, obras de mobilidade, novos serviços públicos e foco na segurança.

Esses mesmos integrantes do PSDB apontam alguns motivos para a corrosão da força da sigla: marcas de gestão desbotadas, manchas provocadas por suspeitas de corrupção, interesses políticos pessoais e a substituição da legenda no campo da direita.

Foi pela direita que os tucanos se consolidaram no eleitorado paulista, ainda que Mário Covas tenha vencido a eleição de 1994 na linha da social-democracia. "Meu partido é de centro-esquerda", declarou, no dia do segundo turno.

Covas assumiu um estado cuja dívida havia quadruplicado e escolheu o impopular caminho da austeridade. Cortou contratos e adotou uma linha dura com o funcionalismo, que rendeu greves e conflitos que o envolveram diretamente. No segundo mandato, enfrentou manifestantes que acampavam em frente à Secretaria da Educação e foi agredido com pedras.

Medidas amargas quase custaram a reeleição em 1998. Naquela disputa, Covas superou Marta Suplicy (PT) por 74 mil votos para ir ao segundo turno. Depois, conseguiu uma virada sobre Paulo Maluf (PPB).

A vitória, para cardeais do PSDB, fez com que a agenda do tucanato paulista tomasse corpo sob a forma de um aperto nas contas do governo, um programa abrangente de privatizações, parcerias para a gestão de estradas e selos como o Poupatempo.

O plano continuou após a morte de Covas, vítima de câncer, em março de 2001. O vice Geraldo Alckmin se comprometeu: "O governo Mário Covas continua".

A era Alckmin viu reproduzida em São Paulo a oposição que se desenhava no plano político nacional entre PSDB e PT. O tucano concorreu à reeleição em 2002 e venceu o petista José Genoino, num ano em que Lula foi vitorioso entre os paulistas na corrida presidencial.

O segundo mandato de Alckmin foi o que tucanos classificam como conservador, optando pela continuidade a programas que pareciam sólidos. O governador ampliou concessões de rodovias e implantou uma parceria público-privada no metrô.

Em meio a disputas internas no PSDB, o controle do maior estado do país credenciou Alckmin para uma candidatura à Presidência em 2006, em que ele seria derrotado no segundo turno. O vice, Cláudio Lembo (PFL), concluiu seu mandato no governo.

Naquele período, São Paulo enfrentou uma onda de ataques orquestrados pelo PCC (Primeiro Comando da Capital). Na era tucana, ações da facção ameaçaram o cartaz que o partido buscava pintar na segurança pública, com base na queda das taxas de homicídio —da casa dos 35 por 100 mil habitantes em 1999 para 6,04 em 2021.

O PSDB venceria uma eleição no primeiro turno em São Paulo pela primeira vez em 2006, com José Serra. O tucano explorou o antipetismo dos paulistas naquela disputa. Ao renunciar à prefeitura da capital, Serra afirmou que deixava o cargo para evitar que o PT conquistasse o governo do estado.

A gestão Serra buscou reforçar uma impressão digital tucana na área de transportes e criar marcas como os AMEs (Ambulatórios Médicos de Especialidades). A doutrina do aperto nas contas levou a greves nas universidades estaduais e na Polícia Civil —esta última, em 2008, produziu um confronto inédito entre os grevistas e a Polícia Militar.

O governo paulista repetiu a vocação de trampolim para candidaturas presidenciais. Serra deixou o governo em abril de 2010 e embarcou em mais uma candidatura derrotada ao Palácio do Planalto. Alberto Goldman (PSDB) completou o mandato até o retorno de Alckmin, selado em primeiro turno na eleição estadual.

Alckmin fez mais dois governos, buscando replicar uma cartilha que completava 16 anos. Nesse período, surgiram rachaduras que contribuíram para o desgaste da legenda, como acusações de desvios em obras do metrô e do Rodoanel, além da crise de desabastecimento de água de 2014.

Suspeitas de corrupção foram determinantes na deterioração do PSDB, segundo os dirigentes da sigla —os tucanos citados apontam que as acusações não foram comprovadas.

A mancha política, no entanto, atingiu uma dimensão considerada fulminante com a denúncia envolvendo Aécio Neves feita por Joesley Batista, da JBS. Gravado pedindo R$ 2 milhões ao empresário, o mineiro foi absolvido em 2022.

Tucanos consideram que o discurso anticorrupção servia ao PSDB como combustível para o antipetismo. Estas e outras desconfianças em relação ao partido, como a hesitação inicial diante do processo de impeachment de Dilma, teriam acelerado um processo de substituição da sigla como depositária do voto contra o PT —o que se manifestou na hostilidade aos tucanos naquele protesto de março de 2016.

Uma nova direita tomaria o espaço do PSDB nacional em 2018. Alckmin deixou o cargo com o vice Márcio França (PSB) para disputar o Planalto mais uma vez. Sofreu uma derrota classificada como humilhante, com menos de 5% dos votos, e viu Jair Bolsonaro (PSL) vencer o PT.

Naquela eleição, o PSDB manteve o controle do governo paulista, mas dependeu de um arranjo político peculiar, com consequências pesadas sobre o partido no estado.

O empresário João Doria, que dois anos antes havia sido apadrinhado por Alckmin para chegar à Prefeitura de São Paulo, concorreu a governador mantendo distância do tucanato tradicional e vinculando sua imagem a Bolsonaro. Doria surfou na onda da nova direita e venceu Márcio França no segundo turno.

A eleição de Doria num momento de fragilidade de outros líderes alçou o governador paulista ao posto de tucano mais poderoso e provocou conflitos dentro do PSDB.

Doria fez um governo marcado pela atração de investimentos, pela manutenção das contas no azul e, principalmente, pela gestão da pandemia. O governador assumiu a bandeira da vacina contra a Covid-19 e fez uma operação intensiva de marketing para extrair benefícios políticos de olho na disputa presidencial de 2022.

O comportamento de Doria e os conflitos no PSDB moldaram os anos finais desse ciclo. Avessa ao governador, parte da cúpula da sigla trabalhou contra sua candidatura ao Planalto.

O embate se tornou uma crise aguda no fim de março. Doria pressionou o partido e avisou que, sem disputar a Presidência, ficaria no governo do estado. A manobra impediria que o vice Rodrigo Garcia assumisse o cargo para concorrer à reeleição.

Tucanos e outros aliados de Garcia ameaçaram derrubar Doria do governo se ele seguisse adiante. O governador, então, decidiu renunciar, mas o PSDB fechou os espaços para sua candidatura ao Planalto e declarou apoio a Simone Tebet (MDB).

Garcia disputou a reeleição, porém não decolou. O novo governador era pouco conhecido e não encontrou espaço numa eleição nacionalizada, entre os candidatos de Lula (Fernando Haddad) e Bolsonaro (Tarcísio de Freitas). Sem marca forte ou um pilar na disputa presidencial, o PSDB foi derrotado pela primeira vez em oito eleições paulistas.

+ Série relembra legado tucano

Reportagens mostram o legado da gestão tucana em São Paulo após 28 anos

+ 28 anos na política de São Paulo e do Brasil

SÃO PAULO

out. 1994 Mário Covas (PSDB) é eleito governador, com Geraldo Alckmin (PSDB) vice

jun. 1997 Sabesp estreia na Bolsa de São Paulo

jan. 1998 Governo lança edital do Rodoanel

out. 1998 Covas é reeleito

dez. 1999 Taxa de homicídios chega a 35,27 por 100 mil habitantes em SP

jun. 2000 Covas é atingido por manifestantes na Secretaria de Educação

nov. 2000 Banespa é privatizado

jan. 2001 Covas se afasta do governo para tratar câncer; Alckmin assume o cargo

mar. 2001 Morre Mário Covas

out. 2002 Alckmin é reeleito governador, com Lembo (PFL) como vice

mar. 2006 Alckmin renuncia para disputar Presidência

mai. 2006 PCC inicia onda de atentados em SP; reação policial deixa mais de 500 mortos

out. 2006 Serra se elege governador; Goldman (PSDB) é o vice

jan. 2007 Desabamento em obra do metrô de SP mata 7 pessoas

abr. 2010 Serra deixa governo para concorrer ao Planalto; Goldman assume

out. 2010 Alckmin vence eleição para governador, com Afif (DEM) na vice

jun. 2013 Protestos iniciados em SP contra aumento de passagens viram onda de insatisfação contra governantes

jul. 2013 Siemens revela ter participado de cartel para licitações de trens e metrô em SP

out. 2014 Alckmin é reeleito para 4º mandato como governador, com Márcio França (PSB) na vice

abr. 2018 Alckmin deixa governo para disputar a Presidência; França assume e disputa reeleição

jun. 2018 Ex-secretário de Alckmin é preso sob acusação de desvios no Rodoanel

out. 2018 Doria é eleito governador de São Paulo, com Rodrigo Garcia (DEM) na vice

jul. 2020 Lava Jato denuncia José Serra por lavagem de dinheiro em SP

jan. 2021 Primeira vacina contra Covid-19 é aplicada em São Paulo

+ 28 anos na política de São Paulo e do Brasil

nov. 2021 Doria vence prévias do PSDB para disputar Presidência

dez. 2021 Índice de homicídios no estado de São Paulo fecha o ano em 6,04 por 100 mil habitantes

mar. 2022 Doria deixa o governo para concorrer à Presidência

out. 2022 PSDB perde eleição para o governo paulista pela primeira vez em 28 anos, com Garcia; Tarcísio de Freitas (Republicanos) é eleito

BRASIL

out. 1994 Fernando Henrique Cardoso (PSDB) é eleito presidente

jun. 1997 Congresso aprova emenda que permite a reeleição

jul. 1998 Governo federal privatiza a Telebras

out. 1998 FHC é reeleito

out. 2002 Lula (PT) derrota José Serra (PSDB) e se elege presidente

out. 2006 Lula é reeleito presidente ao derrotar Alckmin

out. 2010 Dilma Rousseff (PT) vence José Serra na eleição presidencial

mar. 2014 Polícia Federal deflagra 1ª fase da Operação Lava Jato

out. 2014 Dilma é reeleita com vitória sobre Aécio Neves (PSDB)

Nov. 2014 Primeiros protestos pedem impeachment de Dilma

dez. 2015 Eduardo Cunha, presidente da Câmara, abre processo de impeachment de Dilma

ago. 2016 Congresso aprova impeachment, e Dilma deixa o cargo; Michel Temer (MDB) assume

mai. 2017 Aécio Neves é acusado de corrupção em delação do empresário Joesley Batista

abr. 2018 Lula é preso após condenação por corrupção na Lava Jato

out. 2018 Jair Bolsonaro (PSL) é eleito presidente; Alckmin termina em 4º, com 4,76% dos votos

nov. 2019 Lula é solto após decisão do STF contra prisão após condenação em 2ª instância

mar. 2021 STF anula condenações de Lula

mar. 2022 Alckmin se filia ao PSB para ser candidato a vice-presidente na chapa de Lula

mai. 2022 Isolado no partido, Doria desiste da eleição para presidente

out. 2022 Lula é eleito para um terceiro mandato como presidente, com Alckmin na vice

Estação Capão Redondo da linha 5-lilás do metrô, que foi parte de esquema de cartel delatado pela Siemens Marcelo Justo 10.ago.08/Folhapress

Tucanos atravessam três décadas de denúncias sobre cartel e desvios em SP

Apesar das suspeitas, não houve condenação em quase todas as ações na Justiça até aqui

PSDB FORA DO NINHO

Carlos Petrocilo

SÃO PAULO Legados do PSDB, as obras do Rodoanel e da expansão do metrô na capital macularam os quase 30 anos de dinastia do partido no Governo de São Paulo. Apesar das denúncias, os tucanos ficaram sem condenação em quase todas as ações na Justiça.

Os casos mais notórios ocorreram sobretudo durante as gestões de José Serra, governador entre 2007 a 2010, e Geraldo Alckmin, agora vice-presidente eleito pelo PSB, que foi eleito ao Executivo estadual em 2010 e reeleito em 2014.

No entanto, acusações como no caso do cartel dos trens, por exemplo, estendem-se desde o governo de Mário Covas ao atual chefe do Palácio dos Bandeirantes, Rodrigo Garcia. Este último, na ocasião, atuava como secretário de Desenvolvimento Econômico na equipe de Alckmin.

Principal delator do cartel dos trens, o então diretor da alemã Siemens no país, Everton Rheinheimer, afirmou à Polícia Federal que tratou de propina pessoalmente com Rodrigo. O governador nega.

"Rodrigo Garcia já foi inocentado no STF por falsas acusações referentes ao metrô de São Paulo. O Governo de SP esclarece que não houve nenhum escândalo de corrupção durante a atual gestão", diz nota enviada pela Comunicação do Palácio dos Bandeirantes.

Em meados de 2013, Rheinheimer e a Siemens firmarem um acordo de leniência com o Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) para delatar a existência de um cartel para fraudar licitações em São Paulo e Brasília. Segundo a empresa, o governo teria dado o aval ao conluio, e o esquema teria começado em 1998, na gestão de Covas, e ido até 2008.

O Ministério Público diz, na denúncia feita em março de 2014, que o cartel de 12 empresas combinou o resultado de licitações para entrega de trens para a linha 5-lilás e a expansão da linha 2-verde, além da manutenção e venda de trens à CPTM.

Em julho de 2019, o Cade condenou 11 empresas, entre as quais a Alstom e a Bombardier, e 42 funcionários a pagar milhões de reais em multas. Pelo acordo de leniência, a Siemens escapou da sanção.

A Alstom, por ter participado de praticamente todos os contratos, ficou proibida de participar de licitações públicas federais, estaduais e municipais por cinco anos.

Procurada pela **Folha**, a Siemens afirma que "proativamente compartilhou com o Cade e autoridades públicas os resultados de sua auditoria interna". A Alstom, que incorporou a Bombardier em 2021, não quis se pronunciar.

No STF, uma ação penal foi arquivada pela Primeira Turma em fevereiro de 2015. O caso começou a ser discutido em 2014, quando o ministro Marco Aurélio Mello votou pelo arquivamento em setembro daquele ano, afirmando que as testemunhas não apresentaram provas contra Rodrigo e José Aníbal (PSDB), ex-deputado federal e suplente de Serra no Senado, ambos citados na delação de Rheinheimer.

"O Alexandre de Moraes advogou para o Rodrigo Garcia nesse caso e conseguiu evitar que as investigações fossem adiante", disse o deputado eleito Simão Pedro (PT), um dos autores da denúncia do esquema.

Moraes, que é ministro da corte desde 2017, atuou como advogado entre 2010 e 2014. Em janeiro de 2015, um mês antes de o STF arquivar a ação do cartel, ele renunciou à defesa de Rodrigo ao assumir a Secretaria da Segurança Pública paulista, na gestão Alckmin.

"Na minha avaliação, o Ministério Público não se aprofundou nas investigações em relação aos políticos e a agentes públicos e prefere fazer acordo de indenizações com as empresas em troca de punição", afirma Pedro.

Em nota, a assessoria de Aníbal afirmou que a "investigação foi arquivada pelo STF, uma vez que não havia nada contra José Aníbal, como o próprio delator confessou".

As gestões tucanas também entraram na mira da Lava Jato. Em julho de 2018, o Ministério Público Federal denunciou 14 pessoas, sendo funcionários de empresas responsáveis pela construção do trecho norte do Rodoanel e oito servidores da Dersa, a estatal de Desenvolvimento Rodoviário.

Entre eles, o então presidente da Dersa, Laurence Casagrande Lourenço, que também foi secretário de Logística e Transportes sob Alckmin, chegou a ficar preso por quase três meses. Procurado pela reportagem, o advogado de Lourenço disse que o seu cliente não se manifestaria.

O MPF afirma que foram feitos aditivos em contratos de quase R$ 480 milhões (R$ 800 milhões atualizados) para intervenções que já haviam sido previstas. A Justiça aceitou a denúncia, e o processo tramita desde 2018 sob sigilo.

À PF, Lourenço disse que, durante as obras, surgiram blocos de rochas em proporções superiores àquelas previstas no projeto básico.

Márcio Elias Rosa, advogado de Alckmin, escreveu à **Folha** que o ex-governador não teve qualquer tipo de ação com relação ao cartel dos trens e ao Rodoanel. "Ordenei a anulação de licitações e pautei e pauto minha atuação pública com irrestrito respeito à ética e ao interesse público", diz Alckmin.

Em outra fase da Lava Jato, o MPF acusou José Serra de ter utilizado da sua influência em meio à negociação do contrato do Governo de São Paulo para construção do Rodoanel para receber pagamentos da Odebrecht. O tucano teria recebido R$ 4,5 milhões entre 2006 e 2007 e cerca de R$ 23 milhões entre 2009 e 2010, diz a denúncia de julho de 2020.

Quase um ano depois, o ministro Gilmar Mendes determinou o arquivamento da ação penal e anulou mandados de busca e apreensão e quebras de sigilos. De acordo com Mendes, o caso já esteve no Supremo e foi remetido à Justiça Eleitoral, mas a Justiça Federal de São Paulo descumpriu a decisão do STF ao prosseguir com as investigações.

Em nota, a assessoria de Serra diz que nenhuma das acusações prosperou na Justiça por falta de quaisquer indícios de ilegalidade ou recebimento de vantagens indevidas ao longo de 50 anos de vida pública. "A lisura e a austeridade em relação aos gastos públicos têm sido as marcas da atuação de Serra ao longo desses anos", afirma a assessoria.

Também em 2020 a Lava Jato Eleitoral pediu o indiciamento de Alckmin pela suspeita de lavagem de dinheiro, caixa dois eleitoral e corrupção passiva no inquérito em que investigava as doações da Odebrecht.

De acordo com as investigações, Alckmin teria recebido da construtora R$ 11,3 milhões, não contabilizados em suas campanhas ao governo estadual em 2010 e 2014. Ele tornou-se réu em julho de 2020, e a ação resultou no bloqueio dos seus bens até a quantia de R$ 11,3 milhões.

Na segunda (19), o ministro Ricardo Lewandowski determinou o trancamento da ação por considerar que a acusação usava provas do acordo de leniência da Odebrecht que já tinham sido invalidadas em decisões contra outros réus, incluindo o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

"Geraldo não recebeu, não solicitou e não autorizou que terceiros recebessem doações não declaradas. Nem faria sentido, porque as campanhas eram superavitárias", escreveu Elias Rosa.

Para o jurista Wálter Fanganiello Maierovitch, desembargador aposentado, a lentidão e a falta de conclusão das ações são frutos da influência de políticos sobretudo nas cortes superiores.

"Criou-se no Brasil uma casta que tem foro privilegiado dentro de um sistema de Supremos Tribunais politizados. É preciso repensar o Judiciário inclusive no modelo de escolha de ministros [indicados pelo Presidente da República]."

Segundo o cientista político Marco Antonio Carvalho Teixeira, as gestões tucanas também se valeram de um alinhamento com deputados nesses quase 30 anos. "Na Alesp [Assembleia Legislativa de São Paulo], o governo sempre teve a maioria sólida. A chance de alguma denúncia, CPI, prosperar é zero."

Esse alinhamento deverá ter sequência na gestão de Tarcísio de Freitas. Dos 94 deputados estaduais eleitos da Alesp, 63 apoiaram a eleição de Tarcísio.

> Criou-se no Brasil uma casta que tem foro privilegiado dentro de um sistema de Supremos Tribunais politizados. É preciso repensar o Judiciário inclusive no modelo de escolha de ministros [indicados pelo Presidente da República]
>
> **Wálter Fanganiello Maierovitch**
> desembargador aposentado

Antonio Prata
O colunista está em férias

Idosos moradores da Bela Vista, na região central da capital paulista, recebem marmitas doadas pelo projeto Kalebe Fotos Zanone Fraissat/Folhapress

Projeto em São Paulo distribui comida a idosos solitários

Cerca de cem marmitas são entregues no almoço por ação na Bela Vista mantida com doações e trabalho voluntário

DIAS MELHORES

Fábio Pescarini

SÃO PAULO Telma da Silva, 62, sai todos os dias da rua Humaitá, onde mora, e desce dez quadras até o número 53 da rua Rocha. Neste endereço, na mesma Bela Vista, centro de São Paulo, às 11h ela pega cinco marmitas.

Uma é para ela e as demais Telma entrega na volta para casa a outras quatro pessoas, sem a mesma mobilidade, mas que também vivem sozinhas. São residentes no bairro, com idade a partir de 60 anos, beneficiados por uma ação social que distribui almoço a idosos.

O Projeto Kalebe, liderado pelo pastor Daniel Checchio, 58, da igreja Comunidade Evangélica do Bexiga, nasceu em meados de 2020, como uma forma de levar refeição a idosos do bairro trancados em casa por causa da pandemia de Covid-19. "Comida traz conforto, é remédio", afirma.

Articulador da Rede Social do Centro, associação responsável por outros trabalhos sociais em locais como a cracolândia, Checchio diz que, por isso, acabou exposto ao coronavírus e o levou para casa, onde contaminou a família inteira —uma tia de 82 anos morreu devido à Covid, e ele mesmo acabou internado.

"Precisava ajudar as tias dos outros naquele momento", diz o religioso sobre o nascimento do projeto, iniciado a partir da lista de idosos mais vulneráveis cadastrados na UBS Nossa Senhora do Brasil, no bairro.

Hoje, mesmo com as vacinas e a flexibilização nas regras sanitárias que puseram as pessoas de volta às ruas, em média cem embalagens de isopor com comida são entregues de segunda a sábado para idosos em casa, que, de acordo com o pastor, viviam à base de macarrão instantâneo ou refeições desbalanceadas.

"É mais fácil e barato, porque elas [pessoas mais velhas] não têm mais força para descascar um legume ou mesmo dinheiro para comprar a mistura", diz. Ele afirma ter gente abandonada pela família e vítimas de maus-tratos entre os beneficiados, ou mesmo pessoas sem amigos próximos.

Por isso, Telma admite levar uma hora para chegar em casa, depois de peregrinar pelo endereço dos outros quatro idosos. "Não é só a comida, essas pessoas vivem sozinhas e precisam de alguém para conversar, de alguma ajuda."

Todos os insumos para a produção das refeições chegam por meio de doações, tanto de pessoas físicas quanto de supermercados, açougues, restaurantes e até mesmo do vizinho Hospital Sírio-Libanês, que no início foi o principal doador do projeto —não são aceitas contribuições em dinheiro.

Nas marmitas entregues no último dia 9 de dezembro, quando a reportagem esteve no local, havia arroz, feijão, polenta com molho e carne moída, além de doce de banana e um saco com pães, fruto de um outro projeto social, o Padoca da Fé, que redistribui doações de uma padaria.

Lojas da zona cerealista, na região do centro histórico de São Paulo, são responsáveis por abastecer prateleiras do quarto transformado em depósito com centenas de quilos de arroz, entre outros. Mas há período de baixa nas doações. "O país não vive um momento econômico fácil", diz o idealizador do projeto.

Mesmo assim, o cardápio é variado e quase sempre tem carne. As marmitas chegam com pratos tradicionais de todo dia, mas também há nhoque, porpeta e yakissoba. "Esse fizemos pela primeira vez quando recebemos doação de brócolis", diz o pastor.

Às vezes, são entregues cestas básicas como reforço para o jantar dos beneficiados.

Entre os doadores há anônimos. Um idoso, que perambula pelas ruas ali perto, faz bicos na feira livre de terça-feira na rua Santo Antonio, a uma quadra da sede do projeto. Lá, pede aos feirantes os temperos verdes que dão gosto ao molho de tomate da polenta, por exemplo.

A equipe do projeto buscou doações para o almoço de Natal, planejado para ter pernil, lentilha e panetone de brinde.

Atualmente, cerca de dez voluntários trabalham diariamente no sobrado alugado na rua Rocha. Entre eles estão pessoas que encontraram motivação no Kalebe.

Maria José Santos, a Zezé, 66, está no projeto há cerca de dois anos. Ajuda a montar as marmitas e a cuidar e limpar a cozinha. Assim, diz ter encontrado uma saída para a depressão. "Foi ajudando aos outros que me curei."

Juliana Vincoletto Lima, 42, é uma espécie de gerente. Leva, sempre que pode, as filhas de 15 e 4 anos.

Quando a **Folha** visitou o projeto, ela organizava a distribuição das panelas em uma mesa, onde as marmitas eram abastecidas.

Na recepção, a filha mais velha recebia os idosos e a mais nova apontava a quem chegava para uma lousa com o recado de que no dia seguinte as refeições seriam distribuídas mais cedo por causa do jogo do Brasil na Copa do Mundo.

A primeira da fila era Ana de Jesus dos Santos, 70, moradora de um apartamento da CDHU na rua São Vicente. Ela vive com o benefício social da Previdência. "Antes, nem sempre tinha mistura em casa. Agora é tudo gostoso."

+ Como doar ao Projeto Kalebe

Alimentos não perecíveis ou frescos

Onde r. Rocha, 53, Bela Vista, São Paulo

Contato por redes sociais facebook.com/daniel.checchio.3 Instagram: @daniel_checchio

As refeições são produzidas por voluntários, com produtos doados por comerciantes da região e pessoas físicas

De segunda a sábado, cerca de cem marmitas são distribuídas por uma rede de entregas a idosos em situação vulnerável

ambiente planeta em transe

Fotógrafo revela uma floresta amazônica vermelha como ela é

Por meio de técnicas usadas por exploradores e cientistas, Richard Mosse vê o verde ser dizimado

Ivan Finotti

MADRI A Amazônia vermelha que se desprende das fotografias de Richard Mosse não é produto de um filtro especial na câmera ou de uma manipulação de cores em um computador na pós-produção.

O que se vê ali é a realidade mais crua da floresta tropical. É literalmente como madeireiras, mineradoras e fazendeiros veem a região. Trata-se da Amazônia vista através de uma câmera multiespectral, a mesma usada por essas empresas em busca de recursos naturais, e, agora, por Richard Mosse em seu trabalho "Broken Spectre" —que ganha livro bilíngue, exposições pelo mundo e também um filme.

Como artista, Mosse pretendeu relatar "a enorme catástrofe que é a mudança climática e a provável extinção da raça humana", diz ele. "Os cientistas nos deram as informações, mas a narrativa não era perceptível. Estava além da percepção humana no dia a dia. Mas o aquecimento global está acontecendo agora, e não daqui a 50 anos."

Assim, o fotógrafo passou os últimos quatro anos —justamente os do governo Jair Bolsonaro (PL)— em viagens ao Brasil usando uma variedade de técnicas que pudessem ajudar a soar o alarme sobre os crimes ambientais na Amazônia. A câmera multiespectral, a que transforma o verde das árvores em vermelho, vê as cores de modo diferente do olho humano.

"Cientistas se valem de imagens multiespectrais para estudar a floresta. Fazendeiros a usam para ver onde suas plantações estão saudáveis e onde estão morrendo. Mineradoras descobrem onde pode haver ouro ou tungstênio. Na Amazônia, em qualquer cidadezinha na beira da estrada tem uma lojinha onde um cara aluga um drone com essa câmera para que os proprietários ou invasores possam explorar a floresta", conta ele.

A ideia de usar a própria ferramenta da exploração como forma de arte não é nova na carreira de Mosse, um fotógrafo irlandês de 42 anos baseado em Nova York (EUA). Um de seus trabalhos recentes foi a crise dos refugiados na Europa. Entre 2014 e 2016, ele fez uma série fotográfica chamada "Incoming", usando câmeras militares capazes de perceber a temperatura de um corpo humano a 30 km de distância. O resultado, monocromático, revelava os imigrantes de forma fantasmagórica e pouco humana.

"É importante encontrar novas maneiras de contar histórias", afirma Mosse. "No caso, usei essa paleta de falsas cores para contar essa história. A deflorestação está acontecendo agora. Segundo Philip Fearnside [biólogo norte-americano que morou anos na região], fotos de satélite indicam que em dez anos a floresta estará tão degradada que passará de floresta chuvosa a savana. A região de Manaus já virou uma savana."

Outra técnica do fotógrafo, no caso das imagens em preto e branco, foi usar um filme descontinuado em 1999 pela Kodak chamado high speed infrared. "Os poucos rolos que ainda existem são míticos. E ele é muito sensível ao calor. Então, fotografar fogueiras com esse equipamento é loucura. Mas, como artista, isso traz uma degradação ao material final que ajuda a contar a história." Há ainda uma leva de fotografias do mundo minúsculo dos insetos e raízes, tiradas a partir de outra técnica de cientistas que captura imagens em ultravioleta.

O livro "Broken Spectre" está saindo em uma edição bilíngue, inglês/português, pela Loose Joints, editora baseada em Marselha e em Londres e especializada em livros de arte fotográfica. Além das 392 páginas do livro principal, acompanha um livreto de 48 páginas com textos de Txai Suruí, líder indígena brasileira e colunista da **Folha**, Jon Lee Anderson, jornalista americano especializado na América, entre outros, além de legendas para as fotos.

Por ora, a única forma de comprar o livro é pelo site da editora (loosejoints.biz/products/broken-spectre) e o preço é de £ 49 (R$ 314). Para o Brasil, há um custo de entrega de cerca de € 29 (R$ 186).

Além do livro, há três exposições programadas até agora, duas já em andamento: a do 180 Studios, em Londres, até 30 de dezembro, e outra na National Gallery of Victoria, em Melbourne, Austrália, até 23 de abril de 2023. Uma terceira mostra abre em 24 de agosto de 2023 na Converge 45 Biennial, em Portland, nos Estados Unidos.

As exposições também recebem o filme "Broken Spectre", de 74 minutos, que Mosse dirigiu a partir de filmagens feitas nos locais em que fotografava. Para essa obra, ele acompanhou fazendeiros colocando fogo na vegetação, mineradores buscando ouro, madeireiros cortando árvores e até registrou o funcionamento de um matadouro de bois em Porto Velho, em Rondônia.

> Cientistas se valem de imagens multiespectrais para estudar a floresta. Mineradoras descobrem onde pode haver ouro ou tungstênio. Na Amazônia, em qualquer cidadezinha na beira da estrada tem uma lojinha onde um cara aluga um drone com essa câmera para que os proprietários ou invasores possam explorar a floresta
>
> **Richard Mosse**
> fotógrafo

É um filme contemplativo, que alterna imagens em preto e branco com outras de suas câmeras especiais. Na verdade, Mosse conta que teve que criar uma câmera multiespectral que gravasse vídeo, uma vez que até então só existiam aquelas que tiravam fotos. "Construí uma multiespectral capaz de fotografar 24 quadros por segundo e a colocamos no nariz de um helicóptero."

A única cena do filme em que há voz é quando uma yanomami chamada Adneia faz um violento discurso para a câmera de Mosse. Sua tribo se envolveu numa escaramuça com mineradores que terminou em várias mortes. Desde então, o conflito é permanente. Ela xinga os políticos, pede ajuda do Exército, questiona a razão dos brancos invadirem suas terras e chama o presidente de "sujo", entre outras coisas. Mosse admite que a complexidade social da Amazônia hoje não permite que se olhe os brancos simplesmente como invasores sem consciência. A partir do momento em que famílias foram levadas para a região, há cinco décadas, duas novas gerações nasceram ali e lutam para sobreviver.

"Nós não poderíamos ter feito esse trabalho sem nos aproximarmos dos agricultores, dos mineradores, das pessoas que cortam árvores. Eles não fazem uma performance para nossas câmeras. Eu fiquei próximo a muitos deles, amigo, e alguns deles são muito orgulhosos dos papéis que desempenham e de como proveem suas famílias."

"A maioria vive sem eletricidade, mas querem ter picapes, aspiram a ser grandes fazendeiros. Tenho 100% de respeito por todas as pessoas que filmei ou fotografei, inclusive aqueles que cortam árvores. É uma questão cultural e essa ambiguidade é mostrada no filme", afirma Mosse.

Nas exibições, "Broken Spectre" é projetado em duas telas bem horizontais, uma ao lado outra e o som da floresta é distribuído por 20 alto-falantes. Há música também, do compositor Benjamin Frost. A exemplo de Mosse, Frost utilizou técnicas especiais nesse trabalho, sampleando sons de insetos e da vegetação para criar sua paleta sonora.

"Queríamos fazer um western", diz ele. "O que vemos hoje na Amazônia é o que aconteceu no Estados Unidos na época do faroeste, pioneiros conquistando áreas selvagens e destruindo o que havia ali antes. Nos anos 1970, a ditadura brasileira construiu a Transamazônica e transferiu pessoas que moravam no sul do país para desenvolver a região. Mas eu odeio essa palavra, 'desenvolver', pois a floresta já estava sendo desenvolvida pelos indígenas ao seu próprio modo", afirma.

"Nesse western atual, 80% da floresta está sendo usada para produzir pasto e carne barata. E ela nem alimenta o povo brasileiro, mas sim os Burger Kings da Europa. Politicamente, Bolsonaro e Ricardo Salles estão vendendo o patrimônio do país para gente de fora sem que nada retorne aos brasileiros. É muito triste ver isso, que os brasileiros não ganham nada com esse 'desenvolvimento'. Os lucros são gigantescos e quem ganha é Wall Street, quem ganha são os bancos americanos. É muito perturbador."

O projeto Planeta em Transe é apoiado pela Open Society Foundations

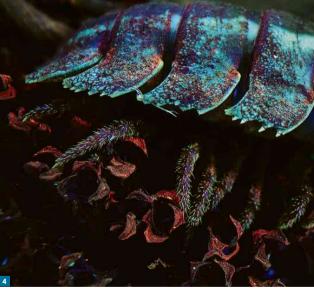
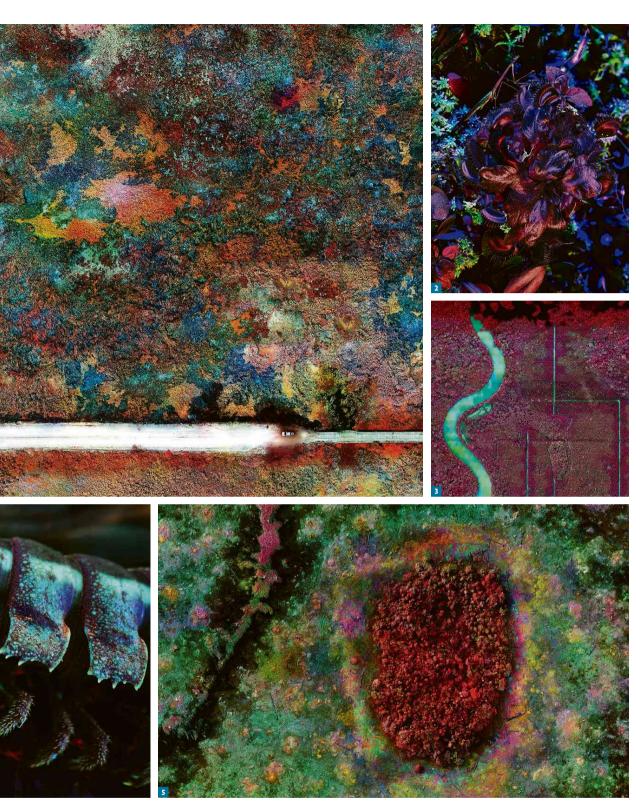
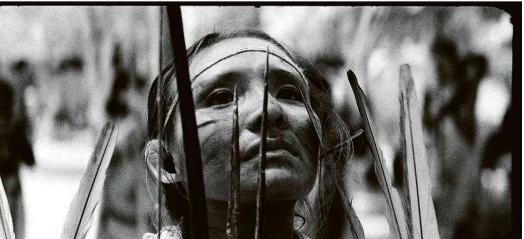
1

4

6

2

3

5

1 No alto, fotografia aérea tirada com câmera multiespectral mostra a floresta e uma rodovia; 2 planta captada por câmera ultravioleta; 3 a floresta em vermelho e um rio em verde, vistos através de câmera multiespectral; 4 inseto capturado por câmera ultravioleta; 5 uma ilha de floresta (vermelha) em meio ao desmatamento (verde); 6 a yanomami Adneia, em imagem do filme 'Broken Spectre', de Richard Mosse

Fotos Richard Mosse/Divulgação

ciência

Sucesso do cristianismo fez sumir suas ideias chocantes

Em livro, britânico discute surgimento do projeto cristão e como ele moldou o desenvolvimento do Ocidente

CRÍTICA

Domínio: O Cristianismo e a Criação da Mentalidade Ocidental
★★★★☆
Autor: Tom Holland.
Trad.: Alessandra Bonrruquer. Editora Record. R$ 39,90, ebook (642 págs.)

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Num mundo em que a "data de nascimento" de Jesus é a base do calendário mesmo em países não cristãos, no qual as pessoas penduram cruzes no pescoço como meros acessórios de moda, é quase impossível perceber como as ideias que geraram o cristianismo eram contraintuitivas e profundamente chocantes 2.000 anos atrás.

Em seu recente livro, "Domínio", o historiador britânico Tom Holland diz que o sucesso do projeto revolucionário cristão foi tão grande que hoje ele parece invisível, apesar de ainda influenciar até movimentos hostis à religião.

Ambição intelectual e temporal é algo que definitivamente não falta à obra de Holland —em 642 páginas, ele vai das guerras entre gregos e persas no século 5 a.C. às batalhas das redes sociais.

Seu objetivo é mapear como o surgimento do cristianismo moldou de forma peculiar o desenvolvimento do Ocidente, criando uma maneira de pensar que não seria encontrada em nenhuma outra parte do mundo e que influenciou de forma decisiva o curso da história.

O historiador aborda essas questões com o zelo de um recém-convertido. Não que ele tenha se convertido à fé cristã (Holland, criado como anglicano, é ateu). Sua paixão original, em termos históricos, é pelo mundo do paganismo, tendo publicado dois livros sobre a ascensão e o desenvolvimento do Império Romano (o 3º volume deve sair em 2023).

"Quando eu lia a Bíblia, o foco de minha fascinação era menos nos filhos de Israel ou Jesus e seus discípulos e mais em seus adversários: os egípcios, os assírios, os romanos", escreve ele. "Descobri que o Deus bíblico era infinitamente menos carismático que os deuses gregos. Admirava seu glamour de astros do rock."

Fiéis no Santuário São Judas Tadeu, na zona sul da capital paulista Rivaldo Gomes - 28.out.22/Folhapress

Mas, diz Holland, quanto mais ele examinava as civilizações da Antiguidade clássica, mais ele percebia um abismo entre a maneira de pensar e os valores greco-romanos e o mundo onde tinha crescido. Para Holland, foi ficando claro que esse abismo não se devia apenas à distância temporal, mas à transformação trazida pelo surgimento e triunfo do cristianismo no Ocidente.

O maior símbolo dessa transformação é a cruz. Na Antiguidade, tanto entre os politeístas gregos e romanos quanto entre os monoteístas judeus, não havia nada mais vergonhoso e digno de asco do que o corpo de alguém executado por crucificação.

A morte lenta e excruciante (palavra que vem de "cruz" em latim), na qual o criminoso, nu, era exposto à zombaria do público e à cobiça de cães e aves carniceiras, estava reservada aos que eram considerados escória. Só escravos rebeldes, ladrões de beira de estrada e revoltosos pobres que ousavam se levantar contra o poderio de Roma eram pregados (ou amarrados) na cruz.

Ao transformar Jesus, um profeta camponês que tivera esse destino humilhante, no Filho de Deus, a crença cristã se mostrava subversiva no sentido original do termo. Ou seja, era uma fé que colocava os mais insignificantes e desprezados súditos da ordem social romana, os que estavam "lá embaixo", na posição mais elevada —"os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos", como dizem os Evangelhos.

Como se isso já não fosse suficientemente ameaçador para o senso de hierarquia e controle político de Roma, o movimento cristão nascente propunha, no fundo, uma alternativa à "Pax Romana" —a paz imposta pelos imperadores à bacia do Mediterrâneo, garantida pelas lanças e espadas. Nas palavras do apóstolo Paulo, um judeu de língua grega convertido à fé em Jesus: "Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus".

Essa promessa de unidade que transcendia as fronteiras étnicas, de gênero e de condição social parecia competir com a "Pax Romana" também pelo fato de que o movimento cristão nascente não reconhecia a legitimidade da religião oficial de Roma. Essa "religião cívica" romana era, sob muitos aspectos, extremamente tolerante, aceitando deuses das mais diversas culturas do Império. Mas os cristãos, além de rejeitarem esses deuses, também rejeitavam o culto aos imperadores romanos, vistos como deuses na Terra —implicitamente, recusavam o grande símbolo unificador do poder imperial. Isso explica por que os cristãos passaram a ser perseguidos por Roma.

É possível que justamente esse potencial unificador tenha sido um dos motivos que levaram o imperador romano Constantino (272 d.C. – 337 d.C.) a acabar com a perseguição aos cristãos e a adotar a fé pregada séculos antes por Paulo. Seus sucessores acabariam transformando o cristianismo em religião oficial do Império e na única permitida (com exceção do judaísmo).

Parecia uma contradição em relação ao caráter original da fé —os perseguidos que se tornavam senhores de Roma e perseguidores. Mas, como Holland demonstra, o "DNA" cristão nunca foi apagado totalmente. E isso significava que, de tempos em tempos, a intuição inicial dos seguidores de Jesus —como Deus se manifesta na fraqueza, e não na força— voltava a adquirir força transformadora e desafiava inclusive a nova hierarquia da Igreja.

Será que Holland não força a barra ao dizer que esse impulso, em última instância, está por trás de movimentos como o Iluminismo, o socialismo e mesmo o movimento "woke" na internet? É possível —uma das falhas do livro talvez seja não reconhecer que as tendências igualitárias e compassivas da tradição cristã também estão presentes em outras correntes religiosas e filosóficas.

Tendo esse defeito em mente, porém, a obra é uma bem-vinda lembrança da radicalidade da história que começou dois milênios atrás.

O aniversariante e os outros

Influência de mitos pagãos sobre biografias de Jesus é menor do que se imagina

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Todo Natal é a mesma patacoada. Sempre aparece algum sabichão de internet (aquela raça capaz de sobreviver a 50 pandemias, três apertadas no botão vermelho do arsenal do Putin e ao Apocalipse Zumbi) para repetir a mesmíssima ladainha sobre o aniversariante do dia.

"Você sabia que esse negócio de nascer no dia 25 de dezembro, de uma mãe virgem, numa caverna e cercado de pastores e Reis Magos não é exclusividade de Jesus?", diz nosso gênio da web, doutor pela UniSofá. "Tudo isso também aconteceu com Osíris, Mitra, Hórus, Dioniso e Adônis, entre outros deuses das mitologias antigas. O mito de Cristo é um mero plágio do de outras figuras divinas."

Uma bobagem repetida mil vezes inevitavelmente começa a parecer verdade para os incautos, e é disso que estamos falando aqui, gentil leitor. A relação entre as narrativas do Novo Testamento sobre a vida de Jesus e os fatos históricos é complicadíssima e difícil de elucidar, mas uma coisa a gente pode afirmar categoricamente: os paralelos com esses deuses não passam de forçação de barra.

Para começo de conversa, data de nascimento de deus pagão não era o tipo da coisa registrada em cartório na Antiguidade, e mesmo menções vagas à época do ano em que as divindades citadas acima teriam nascido não costumam aparecer nas fontes antigas. De qualquer modo, nenhum deles fazia aniversário em 25 de dezembro.

Em segundo lugar, nenhuma das narrativas sobre esses supostos "Cristos originais" diz que eles nasceram de uma virgem que engravidou por um mecanismo espiritual, como o citado pelos Evangelhos de Mateus e Lucas. Em geral, tais figuras são o produto de relações sexuais entre um casal de deuses, ou entre um deus e uma jovem mortal.

(No caso de Hórus, o deus egípcio com cabeça de falcão, a coisa é um pouco mais exótica: o pai dele, Osíris, tinha sido assassinado e picado em pedacinhos por seu irmão, o maligno Set. A deusa Ísis, mulher de Osíris, precisou remontar e reanimar o corpo do marido antes de fazer sexo com ele e conceber Hórus.)

Você já deve ter imaginado como a conversa continuaria se a gente tivesse espaço, numa coluna breve como esta, para falar dos outros detalhes. Há até casos em que a comparação nem é possível. No de Mitra, um deus romano de inspiração persa, não há uma "biografia" detalhada, apenas iconografia e textos esparsos; no de Dioniso, é preciso perguntar qual deles, já que os textos clássicos falam de três deidades diferentes com esse nome.

Nenhum historiador sério duvida que Jesus tenha existido —o que não significa que as narrativas de seu nascimento não tenham ressonâncias míticas. No entanto, em geral, a inspiração vem da própria tradição judaica. A maldade do rei Herodes, a "matança dos inocentes" e a fuga de Maria, José e Jesus para o Egito, por exemplo, ajudam a retratar Cristo como um novo Moisés, figura que passa por apuros semelhantes no livro do Êxodo, no Antigo Testamento. As primeiras gerações cristãs estavam muito mais interessadas na Bíblia hebraica do que em Osíris e Dioniso.

Um rápido PS: para quem ainda acha sedutora a ideia de que Jesus é um personagem puramente mítico, e não histórico, recomendo a leitura de "Jesus Existiu ou Não?", do historiador americano Bart Ehrman. O livro é uma aula sobre como interpretar fontes antigas usando o método científico, e não achismo.

| **DOM.** Reinaldo José Lopes, **Marcelo Leite**

ESPORTE AO VIVO

14h Knicks x 76ers
NBA, ESPN 2 E STAR +

16h30 Mavericks x Lakers
NBA, ESPN 2 E STAR +

22h Warriors x Grizzlies
NBA, ESPN 3 E STAR +

O SoFi Stadium, em Inglewood, nos arredores de Los Angeles, é um dos palcos da próxima Copa do Mundo Daniel Slim - 16.jun.22/AFP

Mundial de 2026 será muito diferente do visto em 2022

Estados Unidos, México e Canadá serão as sedes da próxima edição da Copa

Sandro Macedo

SÃO PAULO A Copa do Mundo fabricada do Qatar poderia adaptar um famoso ditado conhecido na cidade fabricada de Las Vegas: o que aconteceu no Qatar fica no Qatar.

Com a principal competição de futebol do mundo voltando para o continente americano em 2026, muitos fatores serão diferentes em relação ao que se passou no Mundial deste ano.

Três pátrias

Pode-se chamar o próximo torneio de Copa continental. Os três países que formam a América do Norte vão abrigar a competição em 2026: Canadá, Estados Unidos e México. É a primeira vez que o torneio terá um trio de anfitriões (superando a Copa de 2002, até hoje a única em mais de um país, Coreia do Sul e Japão).

Longas distâncias

Nem pense em ir de um estádio a outro de metrô, como ocorreu na última Copa. Qatar inteiro deve caber dentro de muitas das 16 cidades do próximo Mundial: Vancouver e Toronto (CAN); Seattle, São Francisco, Los Angeles, Kansas City, Dallas, Atlanta, Houston, Boston, Filadélfia, Miami e Nova York (EUA); e Cidade do México, Guadalajara e Monterrey (MEX).

Nova fórmula

Depois de sete Copas com 32 seleções, o próximo torneio terá pela primeira vez 48 equipes. E como vai ser isso? Ninguém sabe, ainda. Mas a Fifa deve bater o martelo sobre o sistema de disputa no início de 2023. O certo mesmo é que teremos seis vagas diretas via Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol), com dez países na disputa. Está mais fácil do que conseguir vaga para a Libertadores.

Seleção da Oceania garantida

Possivelmente a Nova Zelândia está entre as nações que mais vibraram com o aumento de seleções para a edição de 2026. Sem a Austrália (que disputa as Eliminatórias com os asiáticos), os neozelandeses são favoritos para ficar com uma vaguinha direta, à qual a Oceania terá direito, sem precisar de repescagem. Chance de ver danças de "haka" na Copa.

Tradição junina

Boa notícia para quem não aguenta esperar muito tempo: só faltam três anos e meio para o próximo Mundial. Em 2026, a Copa deixa dezembro de lado e volta à sua tradição junina, ou seja, no fim da temporada europeia (está programada para o período entre 8 de junho e 3 de julho).

Sem Messi e CR7

Se você acabou de entrar na maioridade ou ainda é adolescente, vai um aviso importante: muito antigamente, a Copa do Mundo de futebol era um torneio disputado sem Lionel Messi, 35, ou Cristiano Ronaldo, 37. Desde 2006, se tem Copa, a dupla está lá, nem sempre com brilho. O último Mundial sem os dois foi o de 2002, e isso voltará a acontecer. Em 2026, nem o argentino nem o português devem jogar... certo?

+ Aposentados

Além de Messi e Cristiano Ronaldo, a lista de aposentados de suas seleções é relativamente grande, e muitos titulares da Copa do Qatar não vão correr atrás do sonho americano (a final deve ser em Nova York). A fila do INSS do Mundial inclui Modric (Croácia), Thiago Silva (Brasil), Busquets (Espanha), Suárez e Cavani (Uruguai), Eden Hazard (geração belga) e Thomas Müller (Alemanha).

Direitos humanos, ok?

Depois dos Mundiais na Rússia e no Qatar, a Copa de 2026 vai fazer as pazes com a democracia e o fim do cerceamento às liberdades individuais, principalmente em relação às mulheres e à comunidade LGBTQIA+. Ou algo parecido com as pazes.

Sem Galvão

"Olha o gol, olha o gol, olha o gol"? Não, não. Vamos olhar uma vez só a partir de 2026. Será a primeira Copa na TV aberta sem narração de Galvão Bueno, o de vida eterna, desde 1982 (ou o primeiro jogo do Brasil em Copas sem Galvão desde 1986; naquele ano, narrou só um, contra a Argélia). Mas quem sabe o narrador não aparece em algum streaming para alegrar seus fãs...

It's coming home (a cerveja)

Sim, a cerveja está voltando para casa. Afinal, a Budweiser, patrocinadora do evento, é americana. Não dá para garantir que isso seja uma boa notícia, mas elas estarão lá em 2026, nos estádios e em suas cercanias, sem o perrengue de 2022. Mas o país da Bud também é conhecido pela variedade de cervejas artesanais em cada esquina. Enfim, será a Copa do lúpulo.

E os favoritos?

Bem, esta será a quarta Copa no continente norte-americano. Brasil, em 1970, e Argentina, em 1986, venceram no México; e o Brasil ganhou a única disputada nos Estados Unidos. Logo...

Juca Kfouri
O colunista está em férias

Após baque inicial, Ronaldo imagina dias melhores no Cruzeiro

Carlos Petrocilo

SÃO PAULO Em seu primeiro ano à frente do Cruzeiro e com um acesso à elite do Campeonato Brasileiro, o ex-atacante Ronaldo reconhece que teve dificuldades para entender a realidade financeira do clube e imagina dias melhores para 2023.

"Ficamos felizes com o resultado esportivo. Na área administrativa, demoramos muito para tomar as ações que precisamos, até descobrir realmente o tamanho da dívida", afirmou Ronaldo.

"Os próximos anos já serão um pouco mais fáceis com as dívidas organizadas. Então, espero a partir de 2023 ter dias melhores", acrescentou o dono do clube em que iniciou a carreira.

A avaliação de agora é bem diferente em relação a o que Ronaldo disse na primeira entrevista que concedeu após ter anunciado, no dia 18 de dezembro do ano passado, a compra do Cruzeiro por R$ 400 milhões.

"A cada dia que abrimos uma gaveta, encontramos uma surpresa negativa", afirmou. Na época, as dívidas do clube se aproximavam de R$ 1 bilhão.

"Diria que o Cruzeiro é um paciente em estado grave, na UTI, e nós estamos oferecendo o tratamento para que saia dessa condição."

A gestão da equipe elaborou um plano de recuperação judicial baseado nos incentivos previstos pela lei que instituiu a SAF (Sociedade Anônima do Futebol), entre eles o parcelamento e o desconto dos juros e correções.

A proposta para pagar os credores foi apresentada à Justiça, que deve agendar assembleia para homologação dos acordos.

Um dos times mais vitoriosos do país, o Cruzeiro vem sobrevivendo a uma crise técnica e tenta recuperar o prestígio de sua imagem. No mesmo ano em que caiu para a segunda divisão, a agremiação virou caso de polícia.

A Polícia Civil e o Ministério Público de Minas Gerais passaram a investigar supostos desvios de recursos, falsidade ideológica e falsificação de documentos em 2018 e 2019 —na gestão de Wagner Pires de Sá. A ação criminal tramita em sigilo.

Em seu começo na Série B, o time sentiu o golpe ao perder quase metade de suas receitas e foi punido pela Fifa (Federação Internacional de Futebol) com a perda de pontos por dívidas com um clube dos Emirados Árabes.

Como comparação, a agremiação registrou faturamento de R$ 224 milhões somente com direitos de TV e venda de atletas em 2019, ante R$ 61 milhões em 2020, a primeira temporada em que conheceu a realidade financeira da Série B.

Após duas tentativas fracassadas de voltar à divisão principal, o Cruzeiro fez uma campanha quase impecável neste ano e conseguiu o acesso sete rodadas antes do término da competição.

Com a conquista, a diretoria prevê para 2023 uma receita na faixa de R$ 200 milhões. A ideia é dobrar essa quantia em 2025. Em 2021, o faturamento foi de R$ 115 milhões —as contas deste ano ainda não foram fechadas.

No campo, as metas ainda estão abaixo do que a torcida do Cruzeiro se acostumou a ver. O plano é, no mínimo, obter uma vaga na Copa Sul-Americana de 2024 e avançar às oitavas de final da Copa do Brasil.

Jogadores do Cruzeiro celebram gol em jogo da Série B no qual dominaram o Vasco Alan Alencar - 21.set.22/Zimel Press/Ag. O Globo

É preciso salvar os inventivos

Uma opção para a seleção seria Diniz, com alguém experiente para ajudá-lo

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Continuo pensando na Copa do Mundo, na eliminação do Brasil, a quinta consecutiva, sem chegar à grande final. Apesar das incertezas do jogo, dos erros pontuais e do equilíbrio entre as seleções —várias foram candidatas ao título—, procuro, sem achar, outros motivos importantes, técnicos, táticos e psicológicos, para as derrotas.

As cinco eliminações ocorreram depois do Mundial de 2002, vencido pelo Brasil. Nesse período de 20 anos, houve grandes transformações positivas na maneira de jogar que continuam até hoje. Começaram no Barcelona, com Guardiola e com grandes craques, como Messi, e se espalharam pelo mundo, embora cada país conservasse suas particularidades. O Brasil custou a começar a mudar, somente depois do 7 a 1, em 2014.

Os grandes times passaram a jogar com mais intensidade, a tentar recuperar a bola perto do gol adversário e/ou onde a perderam, a trocar passes desde o goleiro, a defender e a atacar com muitos jogadores, e tantos outros detalhes. O futebol ficou muito melhor e mais emocionante.

No Mundial do Qatar, vimos tudo isso, embora os grandes times europeus sejam superiores às suas seleções, o que aumenta as chances de Brasil e Argentina vencerem. Mesmo assim, o Brasil, mais uma vez, foi eliminado nas quartas de final da competição.

As seleções do Mundial usaram de todas as estratégias conhecidas, pois há muitas maneiras de jogar bem e de vencer. Não houve nenhuma novidade tática e nenhum legado. A Argentina usou um esquema tático em cada partida, mas teve sempre, no mínimo, três meio-campistas (Enzo Fernández, Rodrigo De Paul e Alexis Mac Allister), além de dois atacantes, Messi e Lautaro Martínez (depois, Julián Álvarez). O time jogou com dois e com três zagueiros, avançou com pontas e com alas, teve três ou quatro no meio de campo e apresentou outras variações.

Uma das razões do domínio da Argentina sobre a França foi o posicionamento dos três meio-campistas, enquanto a França dependia do recuo de Griezmann, que atacava e tentava retornar ao meio-campo. É muito mais fácil sair de trás e avançar, como fazem os meio-campistas, do que jogar mais à frente, como um meia-atacante, e tentar recuar.

Apesar de a seleção brasileira ser uma situação à parte, pois quase todos os jogadores atuam na Europa, mais uma derrota deveria ser motivo para reflexões e correções de graves problemas do futebol que se joga no país, como o péssimo calendário e a ausência de uma liga forte dos clubes. Precisamos também evoluir na maneira de observar e de analisar o futebol. Temos de escutar, ler e aprender com o que é diferente. A diversidade é fundamental.

Nas cinco eliminações, o Brasil foi dirigido por Tite (duas vezes), Felipão, Dunga e Parreira. Todos são bons, possuem conhecimentos científicos, adoram estatísticas, mas não surpreenderam. Apenas repetiram o que foi pensado e ensaiado.

Não seria a hora de ter um técnico diferente, mais sonhador, que una a ciência com a ousadia e que goste da aproximação dos jogadores do meio-campo para trocar passes? Uma opção seria Fernando Diniz, com alguém experiente para ajudá-lo, já que é praticamente impossível a contratação de Guardiola ou a de Ancelotti.

A pressa e a velocidade, na vida e no jogo, do mundo atual, não podem anular a criatividade, a improvisação e a importância de ter a bola, acariciá-la, antes de chegar ao gol. No mundo pragmático, globalizado, é preciso salvar os inventivos e os ousados.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Anna Virginia Balloussier
folha.com/nossoestranhoamor

Diogo conheceu Christy grávida de 9 meses e se apaixonou

"Esta provavelmente é a história mais linda que você vai ler nos últimos tempos", o empresário Diogo Canto, 36, introduz assim, com a devida "modéstia à parte", a história de como se apaixonou pela redatora Christy Just, 26.

Todo mundo conhece alguém que engravidou no primeiro encontro. Diogo Canto não precisou esperar nove meses para ver o resultado. Quando se encantou pela catarinense, ela estava grávida de nove meses.

Tudo começou com ele vasculhando o Instagram de uma amiga modelo de Florianópolis, certo de que ela teria "bastante amiga bonita". Christy era linda. "Alguma coisa me disse, 'vou pedir pra seguir'. Ela seguiu de volta", conta.

Match total. Fotos de viagem, natureza, cachorro. Nada de namorado à vista. Nem de pança. "Não tinha nenhuma foto grávida ainda. Puxei assunto nos stories, como quem não quer nada."

Óbvio que alguma coisa ele queria, mas a redatora "não tava dando muita moral, não", lembra. Foi sondar com a amiga em comum para entender qual era a dela. Ouviu que Christy era um amor, "a pessoa mais doce que eu conheço", estava solteira, era de Blumenau e, bem, tinha uma protuberância no abdômen que não era excesso de chope. Ela ia parir a qualquer momento. "Falei: 'Jesus, Maria e José'."

Ainda havia a geografia no meio. Diogo morava no Rio, ela, em Santa Catarina. Mas o papo estava tão bom que ele se perguntou: "Pô, por que ficar com esse preconceito aí? Comecei a mudar a cabeça. Deixei o negócio fluir, e fluiu."

Opa, e como fluiu. "Veio o Dia das Mães, ela postou uma foto barriguda, e aproveitei pra dar parabéns. Ela falou como foi a gravidez, super difícil, contou que terminou [com o pai da criança] quando estava de dois meses."

Diogo sentiu que a conversa se aprofundou dali em diante. "Falamos sobre paternidade, espiritualidade, família. Nada de flerte, papo cabeça. Quando fui ver, era texto e mais texto, eu escrevendo Bíblias pra ela, ela me respondendo Bíblias."

Tudo ainda pela internet. O empresário enfiou na cabeça que precisava conhecer aquela mulher de qualquer jeito. Estava em Floripa para o aniversário de um amigo e descobriu que Blumenau ficava a duas horas de carro.

Faltava saber se Christy estava a fim também. "Nunca tive essa experiência antes, de entrar num papo com segundas intenções com uma mulher grávida de nove meses." Estaria sendo invasivo? "Fui jogando um verdezinho pra colher maduro."

Como ela adorava escutar suas histórias, propôs: se fizesse um bolo de cenoura com laranja, seu predileto, e passasse um café, ele apareceria na porta da casa dela para contá-las pessoalmente.

Christy dobrou a aposta e disse que então compraria os ingredientes. Diogo dirigiu 100 km para estar com alguém que nunca tinha visto na vida e comer um bolado solado horrível.

"Meio tijolo, meio pudim", concordou a confeiteira fracassada. Já o amor foi à primeira vista. "Cheguei lá e já me apaixonei. A barriga imensa, ela de jardineira, linda. 'Puta, ferrou'", afirma ele.

Conversaram por horas, e nada de beijo. Diogo não sentiu abertura. Chegou a cogitar que ela só queria amizade. Mas não ia sair sem tentar e partiu para o tudo ou nada. "Vou dar o 'shark attack' pra ver o que acontece", rememora seu plano. Foi beijá-la e rolou.

Um "negócio sobrenatural" aconteceu ali, hoje reflete. "Não sei se foi coisa de Deus mesmo, de outras vidas. Uma conexão fora do comum."

Diogo e Christy ficaram quatro dias grudados. Bastaram para que ele conhecesse os pais e os avós dela. No terceiro dia, ela levou um café da manhã com ovos mexidos, torradas com manteiga e geleia e vitamina de abacate. Também encararam um show da Liniker na vizinha Joinville. Ele, enfim, se despediu, um "até logo", não um tchau. Dois dias depois Christy entrou em trabalho de parto.

Diogo foi um dos primeiros a receber a foto do pequeno Bento. Fez uma surpresa para Christy: saiu do Rio e às 23h estava no hospital com uma orquídea para a mãe e um conjunto de luva, gorro e meia para o filho.

A relação ficou entre as idas e vindas interestaduais e hoje, quase sete meses depois, os três moram na carioca Barra da Tijuca. Fácil não foi, ele admite. Tiveram "momentos complicados no pós-parto", mas "o amor prevalece", resume. Fica, vai ter bolo solado.

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Mingau / (Gír.) Ingerir bebida alcoólica **2.** Cidade e ilha do litoral de Pernambuco **3.** A centopeia possui dezenas / (Gregório de) Famoso poeta baiano (1623-1696), um dos mais importantes do período colonial **4.** Sentido de apreensão / Abreviatura de eletrocardiograma **5.** Menos dura do que o normal / (Quím.) O hólmio **6.** Abreviatura de Centro-Oeste / Enganadora, fingida **7.** Substância usada em pomadas contra dores musculares **8.** Magnetizar **9.** Resistir a **10.** Um técnico do futebol brasileiro / Atriz de muita fama **11.** Solenidade, cerimônia / Transferir a alguém a posse sobre algo **12.** O cantor Borges, de "Feira Moderna" / A capital de Ruanda **13.** Grande arquipélago da Oceania / Um sufixo aumentativo.

VERTICAIS

1. Papagaio de papel / Vidro fino **2.** Que está concentrado / Diversos **3.** Bilhete fornecido por empresa de transporte, por vezes gratuitamente ou com redução de preço / Imaculado **4.** Sigla do Amazonas / Em Portugal e Espanha, filho de reis, porém não herdeiro do trono / As letras separadas pelo ele **5.** Cidade do Piauí, às margens do rio Parnaíba, na divisa com o Maranhão / O período de excitabilidade sexual **6.** (burro) Muito, grande quantidade / A repartição que controla as mercadorias que entram ou saem pelas fronteiras do país **7.** Uma embarcação de luxo / Variada por tipo ou qualidade **8.** Apertar muito / A matéria-prima do Nutella **9.** Laceração de uma roupa / Relativo à terra.

HORIZONTAIS: 1. Papa, Piar, **2.** Itamaracá, **3.** Pés, Matos, **4.** Ânsia, Ecg, **5.** Tenra, Ho, **6.** CO, Falsa, **7.** Cânfora, **8.** Imantar, **9.** Sustentar, **10.** Tite, Diva, **11.** Ato, Ceder, **12.** Lô, Kigali, **13.** Samoa, Ão. **VERTICAIS: 1.** Pipa, Cristal, **2.** Atento, Muitos, **3.** Passe, Casto, **4.** AM, Infante, Km, **5.** Amarante, Cio, **6.** Pra, Alfândega, **7.** Iate, Sortida, **8.** Acochar, Avelã, **9.** Rasgo, Agrário.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

			8		4	3		
3	1			6				
				3		2		4
						1		7
1	5						8	6
7		3						
4		5		1				
				8			7	2
		8	2		3			

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

5	6	2	8	7	4	3	1	9
3	1	4	9	6	2	7	5	8
8	9	7	1	3	5	2	6	4
2	4	6	5	9	8	1	3	7
1	5	9	3	2	7	4	8	6
7	8	3	9	4	1	6	2	5
4	2	5	7	1	9	8	6	3
9	3	1	4	8	6	5	7	2
9	7	8	2	5	3	6	4	1

IMAGENS DO ANO

Como os fotógrafos da Folha retrataram 2022

outubro

Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ao lado do vice Geraldo Alckmin (PSB) e da mulher, Rosângela Silva, discursa para eleitores em 31 de outubro, após consolidar a vitória em 2º turno para ser o 39º presidente do Brasil, tendo recebido 60.345.999 votos (50,9% dos votos válidos) na disputa contra Jair Bolsonaro (PL), que obteve 58.206.354 votos (49,1%) Marlene Bergamo - 30.out.22/Folhapress

FRASES DA SEMANA

MELHOR DO MUNDO
Messi
Capitão da Argentina após conquistar o tricampeonato mundial na Copa do Qatar, no domingo (18)

"Óbvio que eu queria encerrar a carreira com isso [o título], mas não posso pedir nada. Graças a Deus, ele me deu tudo. Amo futebol, o que faço. Gosto de estar na seleção, no grupo, quero continuar vivendo mais alguns jogos sendo campeão mundial."

QUEM É QUE SOBE?
Galvão Bueno
Narrador, no domingo (18), após a final da Copa, ao se despedir do torneio, em homenagem feita pela TV Globo

"Meu maior agradecimento vai para vocês, brasileiros. Só estou hoje aqui emocionado porque acho que alguma coisa boa eu fiz, senão aqui não estaria. Adeus não: até daqui a pouco."

CABRAL SOLTO
Daniel Bialski
Advogado do ex-governador Sérgio Cabral, na segunda (19), quando viu seu cliente deixar a Unidade Prisional da PM para cumprir prisão domiciliar

"A Justiça não pode ter dois pesos e duas medidas. Todos os outros acusados na Operação Lava Jato foram colocados em liberdade muito antes."

MULHER NO TIME
Anelize Almeida
Subprocuradora-geral da Fazenda Nacional, na segunda (19), ao ser anunciada para o comando da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional

"A Procuradoria é um órgão técnico do ministério que tem garantido ao longo do anos a segurança jurídica para políticas públicas. Nós estamos preparados para dar essa segurança ao [futuro] ministro Haddad e ao presidente [eleito] Lula."

PERDA...
Ana Maria Machado
Escritora, jornalista e professora, que ocupa a Cadeira nº 1 da Academia Brasileira de Letras, na segunda (19) sobre a morte de Nélida Piñon no sábado (17)

"De repente estamos todos nos sentindo muito tristes nesta República dos Sonhos que é a literatura brasileira."

... E HERANÇA
Karla Vasconcelos
Acompanhante e responsável por Nélida Piñon, na terça (21), disse que a escritora pôs em testamento que as cachorras Suzy Piñon, pinscher de 13 anos, e Pilara Piñon, chihuahua de 3, são herdeiras dos 4 apartamentos que ela mantinha no Rio

"Administro tudo, mas elas [Suzy e Pilara] são as herdeiras. Os apartamentos não podem ser vendidos enquanto as meninas estiverem vivas. É propriedade delas. Elas adoram queijo manchego, anchovas e foie gras. Tudo é do bom e do melhor, e continuará sendo."

FOGO CRUZADO
Ciro Nogueira
Ministro-chefe da Casa Civil, na quinta (22), ao responder às críticas feitas pelo o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ao governo de Jair Bolsonaro (PL)

"Vá trabalhar e desça do palanque. Penúria foi o país que o PT entregou em 2016."

PÁSSARO AMARELO
Mayank Bidawatka
Confundador do microblog indiano Koo, que ganhou 2,5 milhões de brasileiros

"Twitter é um clube exclusivo em que alguns se sentem importantes."

PÁSSARO AZUL
Elon Musk
CEO do Twitter, na terça (20), após a pesquisa "Devo deixar o cargo de chefe do Twitter? Vou respeitar o resultado dessa enquete" apontar que 57,5% disseram Sim

"Vou renunciar ao cargo de CEO assim que encontrar alguém tolo o suficiente para aceitar o cargo!"

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **25.dez.1972**

Brasil envia vacinas e remédios a Manágua após intenso terremoto

Depois de um grande terremoto e duas réplicas devastarem Manágua, a capital da Nicarágua, na madrugada de domingo (23), outros abalos de pequena intensidade voltaram a levar pânico à população desolada. Incêndios tornam ainda mais dramática a situação na cidade.

Valas comuns foram abertas para enterrar os corpos (posteriormente seria divulgado que a tragédia matou cerca de 10 mil pessoas).

O governo brasileiro, por meio do Instituto Manguinhos e da Central de Medicamentos, enviou vacinas, soros, antibióticos e outros remédios para a Nicarágua. Sangues doados também foram levados.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S. PAULO

O fogo destrói o que terra deixou

Os primeiros auxilios para a Nicaragua

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 25 DE DEZEMBRO DE 2022
C1

ilustrada ilustríssima

O chicote e o corpo

Remédios permitem que celebridades revivam o sonho de serem magérrimas, como nos anos 1990, mesmo às custas da saúde C4 e C5

- Democracia vai respirar aliviada depois da derrota de Jair Bolsonaro? C5
- Messi invocou memória de Maradona para liderar vitória da Argentina C6

Obra do artista visual britânico Damien Hirst retrata estante repleta de pílulas Reprodução

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Ilza Ramos Rodrigues

Vivo um sonho que nunca pensei que poderia realizar

[RESUMO] Diarista de Itapeva (SP) a quem bolsonarista tentou humilhar nas eleições fala sobre a vida após o episódio, celebra a reforma de sua casa e cobra que Lula (PT) olhe para os mais pobres

Por ***Bianka Vieira***

A diarista Ilza Ramos Rodrigues em frente à sua casa, em Itapeva (SP), em setembro, logo após vídeo viralizar Rivaldo Gomes - 12.set.2022/Folhapress

Foi sentada no banco de uma igreja que Ilza Ramos Rodrigues ouviu a pregação de que um fiel daquela comunidade teria a sua vida transformada e seria reconhecido por outras pessoas. Na semana seguinte, a previsão se repetiu durante a leitura da palavra bíblica na casa de oração em Itapeva, no interior paulista. Sem demora, ela compartilhou com os filhos a mensagem que ouviu. "Só que eu não sabia que era pra mim", diz Ilza à coluna.

*

Era início de setembro. Dias depois, a diarista se tornaria um dos rostos das eleições deste ano após um empresário e apoiador de Jair Bolsonaro (PL) tentar humilhá-la, se negando a fornecer marmitas, ao descobrir que Ilza votaria em Luiz Inácio Lula da Silva (PT). "A senhora peça para o Lula agora, beleza?", afirmou Cassio Cenali. Um vídeo do diálogo, gravado por ele, viralizou.

*

Naquele final de semana, em sua primeira entrevista à imprensa, Ilza falou a esta coluna que o mal havia sido transformado em bênção diante da corrente de solidariedade que se formou. Três meses depois, ela diz ter ainda mais motivos para celebrar: uma vaquinha que arrecadou cerca de R$ 50 mil, organizada pelo perfil Razões para Acreditar, permitirá à diarista de 52 anos reformar e ter o lar com que sonhou.

*

"Acho que chovia mais dentro da minha casa do que do lado de fora. Eu tinha que ficar correndo com vasilha. Era goteira mesmo, sabe? Agora trocou, foi comprado telha, caibro... O banheiro, então, menina do céu! Ficou chique, ficou lindo! O banheiro era um terror. Agora está azulejado todinho, tem piso na parede e piso no chão, tem uma..." —diz, antes de fazer uma pausa e esboçar um sorriso embaraçado. "Tem uma privada nova", emenda, caindo na risada.

*

"Não tinha nem descarga, tinha que ser com balde. Agora tem! Dá até gosto de ficar dentro do banheiro", conta, risonha. Outra novidade é uma cozinha do tipo americana, em que o espaço para o preparo das refeições é integrado à sala de estar por uma bancada. "O meu sonho era ter aquela repartição. Nas casas em que eu trabalho, a maioria tem essas bancadas. Eu achava lindo, fia do céu."

*

"Hoje eu vivo um sonho que nunca pensei na minha vida que conseguiria realizar", diz sobre a reforma, que também substituirá com portas e paredes os lençóis que dividiam os cômodos da antiga casa. "Glória a Deus que me preparou esse pessoal que me ajudou, senão meu sonho ia ficar para os meus filhos fazerem na casinha deles. Porque eu não ia poder."

*

"Tudo o que está entrando na minha casa eu só agradeço. E é tão bom, a gente se sente tão bem. Só quem passa, sabe essa emoção", continua, antes de lembrar de outra realização. "Comprei o que eu queria! Sabe o quê?", diz. "Um micro-ondas! Eu queria tanto um."

*

Primogênita de dez irmãos, Ilza Ramos Rodrigues cursou apenas a primeira série do ensino fundamental. Aos oito anos de idade, começou a trabalhar na colheita de feijão, algodão, milho, tomate e soja na zona rural de Itapeva. As marcas desse período ainda podem ser vistas em suas mãos.

*

"Tenho 52 anos, mas as pessoas me dão mais porque sempre trabalhei, né? Eu vim da roça, sempre lutei na vida. Não tive infância de poder brincar, estudar. Na época, a gente não tinha opção." Além da jornada no campo, dentro de casa Ilza dividia as demandas da criação de seus irmãos com a mãe. "Eles me chamavam de mãe."

*

No início da adolescência, ela regressou a São Paulo, cidade onde nasceu, para trabalhar como doméstica. "Fiquei morando na casa de uma mulher. Dormia e trabalhava na casa dela fazendo faxina", afirma. Ao adentrar o relato sobre a sua juventude, Ilza silencia —e enche os olhos de lágrimas.

*

"Na verdade, as coisas boas estão acontecendo agora, fia. Deus me deu bastante, mas eu sofri bastante também. Não tive infância, não tive mocidade. Não pude ser uma jovem normal que pudesse se divertir e que fosse feliz. A palavra certa: ser feliz. Eu não era. Mas, claro, sempre agradeço por Deus me dar força. Provas a gente tem bastante, mas também tem vitórias", diz, abrindo novamente um sorriso.

*

Do período em que viveu na capital paulista, diz sentir orgulho das habilidades que adquiriu para a limpeza doméstica. "Não ia falar, não, mas as pessoas que pegam eu pra limpar a casa, não largam mais de mim. É que nem eu falo pra elas: se não for pra limpar bem limpinho, eu não pego. As pessoas sempre ficam me chamando", conta, sorridente.

*

A diarista afirma que ainda recebe doações de alimentos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e de gás desde o episódio envolvendo o bolsonarista. Duas famílias vizinhas, com as quais dividia as marmitas que recebia até então, também passaram a ser contempladas.

*

"Essa cesta mesmo que eu recebo não vem só pra mim, eles [do MST] puseram essas duas famílias também junto. Eles ficam muito agradecidos, ficam felizes, eu vejo no olhar deles. E eu fico feliz por, através de mim, ajudar essas pessoas."

*

Não que tudo tenha se desenrolado tão facilmente após seu nome ser reconhecido nacionalmente. "Foi bom, mas assustador", relembra sobre os dias seguintes ao vídeo. Profissionais da imprensa chegaram a ficar em frente à sua casa por horas a fio, afirma. "Eu ficava trancada dentro de casa, era muita gente. Eles vinham e queriam que eu falasse tudo de novo. Aquilo estava me deixando ruim." Por causa da experiência, Ilza preferiu falar com a coluna por videochamada para evitar tumulto.

*

No primeiro e no segundo turno das eleições deste ano, a tensão foi maximizada. "As pessoas ficavam olhando pra mim. Mas também eu votei e já vim embora. Só uma mulher que falou: 'É, vamos torcer'", diz. "Pro Lula", sussurra. Ela faz uma pausa e, em seguida, conclui: "Se bem que agora não tem problema falar, né? Adivinha pra quem eu votei?!"

*

"Eu fiquei aqui, menina do céu, com os nervos abalados no dia da eleição, com esse negócio de contagem. Mas aí foi um alívio", afirma sobre a vitória do petista. Ela diz que pretende assistir à posse do presidente eleito em 1º de janeiro pela TV e que torce por um telefonema de Lula. "Eu queria muito, e eu quero ainda, que ele ligasse para mim. Se ele falasse 'oi, Ilza' com aquele vozeirão, eu já ficava feliz", diz, gargalhando.

*

Do governo eleito, a diarista afirma esperar que ele priorize a parcela mais vulnerável da população. "Que olhe por nós, que somos pessoas bastante humildes. E diminua o preço desse negócio de comida porque está difícil. O pacote de 5 kg [de arroz] tá vintão! [Que o governo possa] dar mais chance para as pessoas que têm filhos pequenos. Eu fico tão triste de ver a criançada passando necessidade."

*

Ilza pretende passar este domingo de Natal (25) em sua casa recém-reformada, servida da lasanha e do frango assado tão desejados por ela em anos anteriores e na companhia dos três filhos que, diferentemente do período da pandemia de Covid-19 e de até poucos meses atrás, hoje encontram-se todos empregados.

*

"Tudo o que sofri criança e jovem foi compensado agora. Da noite para o dia, aconteceu isso. Precisou dessa parte [o episódio envolvendo a tentativa de humilhação pelo empresário bolsonarista] para poder Deus agir. Que Ele abençoe a todos que me ajudaram e que estão ajudando ainda. Com certeza, cada coisinha boa que fizeram para mim, eles vão ter em dobro. Todos vocês estão nas minhas orações."

Humildade fanfarrona

É uma virtude traiçoeira e difícil de manter

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, é membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Ninguém está preocupado com este flagelo, mas há cada vez mais gente que se gaba de ser humilde. Ora, gabar-se de ser humilde é o equivalente a anunciar aos gritos que se é mudo.

A humildade aconselharia alguma modéstia na hora de publicitar qualidades como a humildade. Uma pessoa verdadeiramente humilde talvez devesse, de vez em quando, comportar-se de forma ligeiramente arrogante, para humildemente camuflar o fato de ser humilde. Se alguém tem orgulho de sua humildade, em princípio ficou um pouco menos humilde. Trata-se de uma virtude traiçoeira e difícil de manter. É por isso que eu só cultivo defeitos. É mais seguro.

O lugar mais vezes escolhido para a divulgação de qualidades é o Instagram. E não há momento mais propício para a exibição das nossas virtudes do que a morte de outra pessoa. Sempre que alguém morre, há usuários do Instagram que não resistem a publicar uma humilde homenagem ao defunto que é, no fim, uma fanfarrona homenagem a si mesmos.

Normalmente, a morte de determinada figura pública causa ao usuário um sofrimento tal que não sabemos se a desgraça maior tocou ao falecido ou ao que teve o azar de ficar vivo a testemunhar o desaparecimento do outro.

São mensagens que, na verdade, dizem o seguinte: "Esta figura muito querida de todos realmente morreu. Mas creio que é apenas justo que alguma da comiseração que lhe dedicamos agora me seja dirigida."

Às vezes, quem vai sofrer para o Instagram conhecia o finado, e já vi lamentos deste tipo: "Recordarei para sempre a última conversa que tivemos, em que ele me disse o quanto me admirava." Ou: "Jamais olvidarei o profundo respeito com que ele se dirigia a mim." Ou ainda: "Perdi um fã."

De vez em quando, no momento da morte de uma pessoa conhecida, alguém resolve fazer uma piada e gera-se uma vasta revolta. Mas não creio que haja nada mais obsceno do que estas homenagens em que os humildes usam um cadáver como adereço para embelezar a sua reputação.

Fala-se muito em piadas de mau gosto e nada em humildades de mau gosto. Acho as segundas mais nocivas.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Milton Nascimento, Rita Lee e Jô são homenageados em prêmio da Globo

Domingão com Huck
Globo, 17h20, livre
A emissora premia os destaques de sua própria programação em 11 categorias. Na abertura, Rita Lee é homenageada por Pitty, Jão e seu filho Beto Lee, que cantam alguns de seus sucessos. Fábio Porchat presta um tributo a Jô Soares. O humor fica a cargo de Paulo Vieira e Déa Lúcia, mãe de Paulo Gustavo. No encerramento, Milton Nascimento canta "Maria, Maria" ao lado de Simone.

Super Combo Tom Cruise
Telecine Pipoca, a partir de 9h45
Mais de 15 horas seguidas de filmes do ator: "A Múmia" (9h45), "Jack Reacher: O Último Tiro" (11h40), Jack Reacher: Sem Retorno" (14h), "Dias de Trovão" (16h05), "Top Gun - Ases Indomáveis" (18h), "Top Gun: Maverick" (20h), "Missão: Impossível – Nação Secreta" (22h20) e "Encontro Explosivo" (0h40).

O Jardim da Fé
TV Aparecida, 15h, 10 anos
Um capelão militar, idoso e viúvo, tem um mau relacionamento com sua filha única, e se muda para um bairro pobre. Mas é lá que ele fará uma nova amiga.

Uma Segunda Chance para Amar
Globo, 15h40, 12 anos
Inspirada pela canção "Last Christmas" de George Michael, esta comédia romântica traz Emilia Clarke como uma garota atrapalhada que encontra um novo amor no Natal.

O Quebra-Nozes
Cultura, 23h, livre
O tradicional espetáculo natalino é dançado pelos primeiros bailarinos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e pelo corpo de balé fixo da Cisne Negro Cia. de Dança, além de dois solistas do Royal Ballet de Londres.

Tô Aqui, Meu Irmão
GloboNews, 23h, livre
Dirigida por Luiza Tenente, esta produção original do canal foca seis famílias, mostrando como pessoas com deficiência se relacionam com seus irmãos.

Canal Livre
Band, 23h30, livre
O oncologista Fernando Maluf, fundador do Instituto Vencer o Câncer, fala sobre os recentes avanços da medicina na luta contra uma das mais temidas doenças.

QUADRÃO | Angeli

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, **Laerte**

Causa da morte de Jô Soares é revelada após quatro meses

SÃO PAULO Foi divulgada no fim desta semana a causa da morte do apresentador, ator e diretor Jô Soares. Morto em agosto, aos 84 anos, Jô foi vitimado por uma insuficiência renal e cardíaca ligada à sua condição de obesidade, de acordo com Flávia Pedras Soares, sua ex-mulher.

Jô Soares morreu ainda em atividade. Do hospital, continuava a dar pitacos sobre o que viria a ser sua última peça, "Gaslight – Uma Relação Tóxica", que estreou em setembro, no Teatro Procópio Ferreira, com a youtuber Kéfera Buchmann no elenco.

Tanto o velório quanto a cremação do artista aconteceram em cerimônias restritas a amigos e familiares. Sua ex-mulher, que também era uma de suas amigas mais próximas, foi a responsável pelos últimos ritos de despedida.

Na missa de sétimo dia do apresentador, Dráuzio Varella, outro amigo próximo de Jô, revelou que o apresentador tinha o desejo de voltar para casa e passar seus últimos dias assistindo a filmes antigos.

A herança do apresentador foi dividida entre Flávia Pedras e os funcionários que trabalharam em sua casa ao longo dos últimos anos.

Música 'Bohemian Rhapsody' quebra recorde no Spotify

SÃO PAULO Não é apenas uma fantasia. "Bohemian Rhapsody", música gravada pela banda Queen, de Freddie Mercury, chegou nesta semana à marca de 2 bilhões de reproduções no Spotify.

O número impressiona porque a faixa, que faz parte do disco "A Night at the Opera", foi lançada há quase 50 anos. Esta foi a primeira música do século 20 a atingir tal marca na plataforma de streaming.

A banda britânica, que iniciou sua carreira em 1970, gravou "Bohemian Rhapsody" em cinco diferentes estúdios, no País de Gales. Mais de 180 vozes foram justapostas nos quase 6 minutos da canção, que mistura elementos de ópera com rock.

Um ano após o lançamento da música, o álbum vendeu mais de um milhão de cópias.

A música —que virou referência cultural não só no mundo da música, mas também sendo citada em filmes e séries de TV— dá nome à cinebiografia de Freddie Mercury, que morreu no dia 24 de novembro de 1991. Protagonizado pelo ator Rami Malek, que levou o Oscar de melhor ator em 2019, o filme retrata também a famosa performance da banda no festival Live Aid, em 1985.

A pele que habito

[RESUMO] Magreza extrema volta à moda, revivendo o estilo 'heroin chic' com remédios caríssimos tomados a rodo por celebridades como Kim Kardashian, Bella Haddid e Elon Musk. A tendência, contrária a uma visão menos regrada do corpo, põe a saúde de jovens em risco com estilo de vida que é insustentável

Por ***Teté Ribeiro***
Jornalista, é autora de 'Minhas Duas Meninas', 'Divas Abandonadas' e de dois guias de Nova York. Foi editora da revista Serafina

Ilustração ***Damien Hirst***
Artista visual britânico

Muito possivelmente você já tenha lido ou ouvido que a bunda exuberante de Kim Kardashian não é obra da natureza, mas de um procedimento chamado, em inglês, de "Brazilian butt lift", o BBL para os íntimos. Não há só uma maneira de aumentar o tamanho dos glúteos. Pode ser com gordura do próprio corpo, aspirada de outra área, com próteses de silicone ou com injeções de preenchimento.

Mas, pelo que parece, essa é uma técnica que entra em decadência conforme a década de 2020 toma forma. Nem Kim Kardashian, que costumava deixar seu "derrière" o mais evidente possível em todas as roupas e poses, tem muito mais o que mostrar.

Depois de perder sete quilos em três semanas no primeiro semestre, para conseguir entrar no vestido de Marilyn Monroe no Met Gala, em maio, Kim continuou emagrecendo e já perdeu, no total, 20 quilos. Sua irmã Khloé também emagreceu 27 quilos, ganhos na gravidez de sua filha, True, de quatro anos. Dieta e exercício, as duas respondem quando questionadas.

Elon Musk, que perdeu nove quilos no último ano, tuitou que foi o jejum intermitente o seu método, e aconselhou até o uso de um aplicativo, o Zero Fasting App. Mas, por fim, revelou o segredo: Wegovy, um remédio com o mesmo princípio ativo do Ozempic, a semaglutida. Wegovy ainda não chegou no Brasil, mas o Ozempic, sim, e é vendido sem receita, em qualquer farmácia.

Ambos são do mesmo laboratório, o Novo Nordisk, e foram inventados para tratar diabetes tipo 2. São injetáveis, vendidos em uma espécie de caneta com agulha mínima que os próprios pacientes se aplicam uma vez por semana. Segundo a endocrinologista Silvia Corral, "a estrutura química da semaglutida é semelhante a um hormônio produzido pelo sistema digestivo chamado de GLP-1, e uma das funções desse hormônio é regular nossa saciedade".

Outra coisa que o medicamento provoca é uma lentidão no esvaziamento do estômago, que faz com que a pessoa se sinta —e de fato esteja— com a barriga cheia mesmo tendo comido menos do que o habitual. Por esses dois motivos, quem usa Ozempic, para tratar diabetes, obesidade ou simplesmente por vaidade, emagrece.

Corral alerta que nenhum remédio funciona da mesma maneira para todas as pessoas, mas diz que a semaglutida é "uma medicação, de forma geral, segura". Entre seus efeitos adversos mais comuns estão náusea, prisão de ventre e refluxo, e ele não deve ser usado em quem tenha histórico de pancreatite.

Nada disso parece assustar celebridades de Hollywood ou das redes de televisão brasileiras e pessoas ligadas ao mundo da moda, que, de uma hora para outra, têm surgido muitos quilos mais magras.

Nas passarelas, nos editoriais de moda e nas fotos que adornam lojas de grifes caras, as magricelas também voltaram a reinar, como nos anos 1990 e começo dos 2000, era do visual "heroin chic", que tinha Kate Moss e seus hábitos pouco saudáveis como ícones.

Um artigo na seção de lifestyle do jornal americano New York Post, que circulou com o título "Bye-bye Booty: Heroin Chic is Back", ou "tchau popozudas: 'heroin chic' está de volta", viralizou no mês passado.

Trazia uma foto de Kate Moss nos anos 1990 com cara de fim de noite, cigarro na mão, camisetinha branca regata e os braços fininhos rodeada por imagens atuais das irmãs Kardashian repaginadas. Havia também uma magérrima de vestido transparente da grife Miu Miu, e Bella Hadid, modelo e celebridade que encerrou a semana de moda de Paris no desfile da grife francesa Coperni, em que apareceu só de calcinha, revelando o corpo ultra esguio, e teve um vestido de tinta spray branca pintado em seu corpo, na frente do público.

A ideia da grife era apresentar essa tecnologia avançadérrima, capaz de criar um look sob medida em poucos minutos com tinta spray. Mas o que a performance fez, na verdade, foi coroar a volta do ideal magricela de beleza, que já vinha dando várias amostras para anunciar seu retorno.

Nos anos 1990, era comum ouvir que, se Marilyn Monroe fosse uma mulher daquela época, com seu manequim 44, seria considerada na verdade uma pessoa gorda.

Pois Kim Kardashian, celebrada nos últimos anos por ter glamourizado o formato de corpo violão, com peitão, bundão e cinturinha, e que ficou bilionária com uma empresa que vende justamente cintas para apertar a barriga e alcançar esse visual sem botar a saúde em risco, emagreceu loucamente para caber no vestido de Marilyn e nunca mais parou.

Agora, magra mesmo, até para os padrões dos anos 1990, lota seu perfil no Instagram de imagens não só de biquíni, mas obviamente "photoshopadas" para parecer ainda mais esguia do que realmente é.

Continua na pág. C5

Caixas de remédios e pílulas feitas pelo artista visual britânico Damien Hirst Reprodução

Continuação da pág. C4

E o mercado farmacêutico é que não vai fazer nada para frear esta tendência. Ao contrário, o mesmo laboratório lançou o Ozempic agora em comprimidos, com o nome Rybelsus, que também é vendido sem receita em qualquer farmácia. Não há genéricos de nenhum dos dois medicamentos.

Por ora, a única barreira entre qualquer pessoa que queira adotar o look da moda e o uso desses remédios é o preço. O Ozempic custa entre R$ 800 e R$ 1.200, dependendo da dosagem, e dura um mês. O Rybelsus vem em caixas com 30 comprimidos e custa entre R$ 500 e R$ 950, também dependendo da dosagem.

A dermatologista Juliana Mendonça, que tem visto em seu consultório mais pacientes perdendo peso com o uso do Ozempic, se preocupa que, quando a chegada do Rybelsus for mais popularizada, vai aumentar esse número de pessoas que usa o medicamento sem indicação.

"Muita gente tem receio ou não consegue mesmo aplicar medicações injetáveis em si mesma. Mas, por via oral, não há nenhum medo. Acredito que isso será um facilitador para a automedicação", afirma.

O problema da volta do visual "heroin chic", segundo as duas médicas ouvidas pela reportagem, é que fazer de um tipo físico uma tendência de comportamento é insustentável.

"Na busca por se enquadrar a um padrão de beleza, as pessoas podem buscar dietas milagrosas ou recursos que podem botar sua saúde em risco, além de predispô-las a distúrbios alimentares", diz Juliana Mendonça.

"Me preocupo com os jovens, que são mais suscetíveis a seguir tendências", diz Corral, a endocrinologista. "Essa tendência de um perfil físico excessivamente magro pode gerar distúrbios de imagem corporal, que estão associados a outras doenças psiquiátricas, como depressão, ansiedade, abuso de medicações e aumento de risco de suicídio."

Se os últimos 20 anos foram dominados pelo Viagra e pelo Botox, dois medicamentos que surgiram no final do último milênio e logo ocuparam um lugar definitivo no vocabulário da cultura social moderna, o Ozempic e, agora, o Rybelsus, parecem seguir os mesmos passos.

No fundo, todos prometem curar feridas profundas que a vida traz, quando leva com ela a juventude, a pele lisa, o corpo intacto —nem sempre magro, mas sem tantas cicatrizes, e funcionando como Deus quis.

Mas, enquanto a população do mundo inteiro não atinge o nirvana coletivo e supera a vontade de se parecer com modelos e gente linda de Hollywood, a hashtag #Ozempic vai ganhando tração e já tem quase 300 milhões de visualizações no TikTok.

O corpo humano não é uma moda passageira, que a gente pode experimentar por uma temporada e descartar na próxima. Ao contrário da microssaia da Miu Miu, um pedaço de pano plissado de 20 centímetros, de cintura baixa e preço nas alturas que virou hit absoluto no primeiro semestre e que a atriz Nicole Kidman vestiu na capa da revista Vanity Fair, aos 54 anos, no primeiro semestre. ←

O corpo humano não é uma moda passageira, que a gente pode experimentar por uma temporada e simplesmente descartar na próxima

Depois da peste

Por quanto tempo a democracia poderá respirar aliviada após derrota de Bolsonaro?

Wilson Gomes
Professor titular da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e autor de "Crônica de uma Tragédia Anunciada"

O bolsonarismo, como uma febre malsã, vai, enfim, pouco a pouco, cedendo. Os democratas brasileiros respiram com algum alívio depois de tão longa agonia e até se permitem, aqui e ali, como vimos na Copa, imaginar que na vida há mais do que política e temor pela sobrevivência do nosso modo de vida.

Naquela noite de fim de outubro em que as urnas confessaram a derrota de Bolsonaro, houve alívio e alegria, mas ainda muita aflição com relação ao futuro próximo. Afinal, por quase quatro anos um golpe de Estado havia sido explicita e reiteradamente prometido, com data marcada (a eleição) e condições estabelecidas ("se a urna for eletrônica", "se não ganharmos", "se o Judiciário continuar esticando corda"). Quanto tempo até que ele ocorresse?

Quando o TSE correu para proclamar o resultado das eleições, e instituições brasileiras e governos estrangeiros se apressaram em reconhecer o eleito, havia nessa pressa, sem dúvida, a intenção de desencorajar aventuras antidemocráticas. Mas era também o registro público de um temor generalizado de autogolpe.

Quando a autoridade eleitoral adiantou a diplomação dos eleitos, depois de semanas de acampamentos golpistas, de vandalismo nas cidades e de violência nas rodovias, respirou-se novamente. Parecia consolidado um caminho sem volta para a normalidade democrática. A este ponto, o movimento nas ruas parecia reduzido a um Exército de Brancaleone, esfarrapado, diminuto, confuso, perambulando em busca da reentronização do seu messias.

O rugido dos temíveis generais sediciosos, a quem o jornalismo declaratório ofereceu voz e oportunidades de agendamento da opinião pública por anos, já não passa de um rosnado. Bolsonaro, o cavaleiro de deplorável figura, mal aparece, deprimido e desmilinguido, um fiapo da "Vontade de Poder" que atraiu para si toda a vitalidade dos que não aceitavam ser contidos pelos freios e peias da democracia liberal.

E mesmo a enorme orquestra de vozes, fúria e ímpeto dos ambientes digitais, que forneceram por anos um formidável reservatório de iliberais e obscurantistas a serviço do bolsonarismo, foi minguando até sobrar apenas os devotos mais radicais e aqueles cujo modelo de negócio não pode sobreviver sem ódio político nem indignação moral perpétua.

Então, sim, o bolsonarismo volta às sombras. Sem golpe nem revolução, nem multidões gigantescas em movimento uníssono "decidindo o futuro" de Bolsonaro —como ele pediu e fantasiou—, reconduzindo-o, no grito e no murro, à Presidência do país. A democracia pode respirar aliviada e até sorrir contente.

Por quanto tempo?

A este ponto, peço permissão ao leitor para me reconectar a uma outra crônica, a história de uma epidemia mortal contada pelo filósofo e escritor Albert Camus no seu célebre romance "A Peste" (1947).

É sabido que Camus usou a crônica da epidemia que flagelou os habitantes de uma cidade imaginária argelina para falar de todas as pestes, isto é, de todas as irrupções da maldade e da morte que tornam as nossas vidas e o nosso modo de viver subitamente sem sentido. O que vale tanto para eventos como a peste nazista como para formas mitigadas de ondas de brutalidade e barbárie que irrompem, atormentam, destroem nossos projetos humanos de felicidade, antes de desaparecer.

Não sem que antes as enfrentem pessoas que "não sendo santas, recusam-se a admitir a praga", o flagelo, em nome não do heroísmo, mas da decência, da honestidade, como prega a moral existencialista de Camus.

Ele termina a sua crônica com a melancólica constatação de que não há vitória definitiva sobre a pestilência, que o alívio e a alegria que nos dominam quando cessa um flagelo continuarão sempre sob ameaça.

Do médico que lutou até o fim contra a peste ele diz: "Pois ele sabia o que essa multidão alegre desconhecia, e que se pode ler em livros, que o bacilo da peste nunca morre ou desaparece, que pode permanecer por décadas adormecido em móveis e roupas de cama, que espera pacientemente em quartos, adegas, baús, lenços e papéis, e que talvez chegue o dia em que, para desgraça e aprendizado dos homens, a peste desperte os seus ratos e os envie para morrer em uma cidade feliz".

Não há sociedades nem pessoas imunes à peste —eis a constatação. Apesar disso, ela sempre nos pega desprevenidos. A brutalidade cega, o vírus da ignorância nociva que passa de uns para outros, o fanatismo violento, a vontade coletiva de destruição, a pulsão de morte são da condição humana.

Apesar disso, essas coisas parecem desproporcional ao que sabemos dos seres humanos, não se enquadram, não têm cabimento. Assim, quando irrompe a peste não nos parece concebível ou aceitável, "é irreal, é um pesadelo que vai passar". Mas nem sempre passa e vivemos de pesadelo em pesadelo. Mas é preciso estar prontos.

[...]

A brutalidade cega, o vírus da ignorância nociva que passa de uns para outros, o fanatismo violento, a vontade coletiva de destruição, a pulsão de morte são da condição humana

| DOM. **Bernardo Carvalho**, Itamar Vieira Junior, Wilson Gomes

Argentinos celebram vitória na Copa de 2022 com bandeira de Messi e pintura de Maradona, em Buenos Aires Martin Villar-18.dez.22/Reuters

O passado em campo

[RESUMO] Na Argentina, em contraste com o Brasil, a exaltação da memória do futebol gerou uma caudalosa produção de conhecimento que mantém diálogo direto com a arquibancada. No triunfo argentino nesta Copa, Messi invocou herança do Maradona de 1986 para liderar time que conquistou o tri

Por ***Idelber Avelar***

Professor de estudos latino-americanos na Universidade Tulane (EUA). Seu livro mais recente é 'Eles em Nós: Retórica e Antagonismo Político no Brasil do Século 21' (Record). Prepara um livro sobre a memória e o futebol

O contraste entre Argentina e Brasil na Copa de 2022 não poderia ter sido mais profundo. A valorização argentina dos profissionais da psicologia tornou vergonhosa a pretensão de Tite de acumular os cargos de técnico e terapeuta.

As variações do jovem técnico Lionel Scaloni, que pensou sete formações para sete adversários, contrastavam com a incapacidade brasileira de alterar sua formação tática, ao ponto de morrer, com cinco atacantes, de contra-ataque em uma prorrogação que vencia.

Para abandonar as comparações e dedicar-se a conhecer a Scaloneta (apelido pelo qual o time de Lionel Scaloni ficou conhecido), podemos voltar aos 40 minutos do 2º tempo da semifinal entre Argentina e Bélgica, em 1986.

Nada de decisivo aconteceu ali. Ao fim de um 2 a 0 tranquilo, a pedido de Maradona, o técnico Carlos Bilardo mandou a campo Ricardo Bochini, armador do Independiente já em fim de carreira que foi inspiração para o craque do time nos anos 1970.

Obcecado em não se esquecer de onde veio, Maradona realizou o sonho de trocar passes em uma Copa com o ídolo que havia chegado a campeão do mundo interclubes, mas que nunca tivera a sequência que merecia na seleção.

Maradona recebeu Bochini com a mão estendida e a frase "lo estábamos esperando, maestro", em ato de generosidade só compreensível para sua arquibancada. Inauguravam-se ali honrarias à memória que viriam a ser próprias dos argentinos em Copas.

A obsessão por redimir os ancestrais escravizados e homenagear os que tombaram jamais deixaria de ser o norte de Maradona. Os pobres o entenderam bem, e em favelas de Buenos Aires a Daca (Bangladesh) dedicaram a ele um amor enraivecido e incondicional, sem paralelo na história do futebol.

Lembrando os que honraram a camisa, a Scaloneta se reivindicou herdeira de Maradona em preleções que evocavam as vitórias e em cantos que exibiam as derrotas como feridas. Entre torcedores de outros países que se juntaram à Argentina nas finais, essa pulsão memoriosa produziu estupefação e choques culturais: "Esses malucos incentivam o time 90 ou 120 minutos só lembrando?".

O esforço de memória nas arquibancadas argentinas, expresso em longos cordéis de alexandrinos labirínticos que reconstroem décadas de futebol, chega a ser física e animicamente exaustivo, e não tem paralelo nos breves bordões de nossas torcidas.

*

A Scaloneta, em particular, evocava o passado do futebol no país de forma única. Scaloni é discípulo de José Pékerman, responsável pelas formações de Walter Samuel e Pablo Aimar, assistentes em 2022, e pela primeira escalação de Messi na seleção principal.

Pékerman assumiu as categorias de base de uma Argentina banida de competições internacionais em 1994. Entrou, restaurou uma equipe da qual o torcedor podia se orgulhar e empilhou títulos com o sub-20 até 2001.

Na tribuna do estádio em Doha (Qatar), Pékerman observava seu discípulo Scaloni dar um último banho tático (mesmo que resolvido nos pênaltis) depois de escalar sete formações pensadas para cada adversário, todas regidas pelo gênio que ele, Pékerman, lançara na seleção.

O triunfo argentino de 2022 era de todos, mas as ideias de Pékerman foram vindicadas de forma cabal na cancha.

*

Fazendo uma analogia grosseira, o debate argentino entre menottismo e bilardismo corresponde ao debate brasileiro entre telê-santanismo e zagallismo/parreirismo, com a diferença de que este último não gerou exatamente uma bibliografia.

Como disse uma vez o jornalista David Butter, é verdade que a síntese brasileira realizada depois da chegada da escola centroeuropeia é de excelência. Mas também é visível que a memória de uma conversa foi se perdendo, e a bibliografia argentina (não só em livros, mas em canções, filmes, comerciais, artigos, quadrinhos, palestras, debates) foi se tornando bem mais orgânica e caudalosa que a nossa.

Em contraste ao Brasil das ilhas de excelência (como "Veneno Remédio", de José Miguel Wisnik), na Argentina a bibliografia conformou um diálogo memorioso, em que se estabeleciam antagonismos, mas também sínteses de tradições anteriores, em uma produção de conhecimento que manteve direta comunicação com a arquibancada.

"Fútbol: Dinámica de lo Impensado" (1967), do jornalista e pensador do futebol Dante Panzeri, clássico argentino que permanece desconhecido há mais de meio século no vizinho "país do futebol", inspirou gerações, de Menotti a Guardiola.

A dedicação a compreender os esquemas táticos que tentavam domar a imprevisibilidade do futebol, sem deixar de amar esse caráter contingente do esporte, foi uma das marcas de Panzeri, e contribuiu para que o embate entre o futebol-arte do menottismo e o futebol tático e coletivista do bilardismo, nos anos 1980, se desse em outro patamar.

Já nos anos 1990, Pékerman e Marcelo Bielsa realizaram sínteses de influência internacional, mas só compreensíveis a partir de um debate argentino. Diferentes, eles coincidiam no culto do respeito às regras do jogo e à sua natureza eminentemente coletiva. O bielsismo evoluiu a um futebol que se defende atacando, com pressão e frenética ocupação do espaço-tempo, e gerou equipes lendárias, do Newell's de 1992-93 ao Leeds de 2018-21.

De Pékerman eram não apenas as campeãs do mundo da Argentina sub-20 dos anos 1990, mas também as talentosas Colômbias de 2018 e 2014, esta última eliminada por um árbitro espanhol que cedeu aos gladiadores de Felipão faltas inexistentes, a anulação de um gol legítimo e permissão para um rodízio de 31 botinadas, fora as não marcadas, sem expulsão ou cartão amarelo.

Essa eliminação doeu mais a Pékerman que a da Argentina comandada por ele e derrotada nos pênaltis pela anfitriã Alemanha em 2006. Em 2014, a honra do jogo havia sido conspurcada em pontapés desferidos por atletas que vestiam a admirada camisa canarinho.

*

Nesta Copa, contra a França, Scaloni adaptou seu time de forma a estrangular o adversário durante 80 minutos, como fizera contra a Holanda. Quis a contingência, contudo, que a merecida vitória só viesse nos pênaltis, depois de uma oração de Messi que evocava Maradona.

O apelo à memória aconteceu agora em uma cena tensa, antes da cobrança decisiva do lateral Montiel. Abraçado com os companheiros depois de atuar como verdadeiro líder e converter o primeiro penal, Messi levanta os olhos e diz "Vamos Diego, desde el cielo".

Messi ali citava o Diego Maradona de 1986, o que homenageara Bochini, mas a menção era secreta e só compreensível argentinamente. Que a entidade evocava já estivesse "no céu" em 2022 e entrando pela linha lateral em 1986 era uma diferença de pouca monta.

O fundamental era que o Deus evocado em 2022 era o mesmo que se reduzira a humilde oferecedor de homenagem em 1986, em lição mnemônica que chega intacta a Messi quase 40 anos depois.

Tolice é discutir superlativos de grandeza entre Maradona e Pelé, mas diferenças pontuais indiscutíveis são instrutivas. Ao contrário de Pelé, que só atuou rodeado de craques cintilantes, no Santos e na seleção, Maradona teve que exigir de Pumpido, Cucciufo, Ruggeri, Brown, Giusti, Enrique, Batista, Olarticoechea, Burruchaga e Valdano não que sempre jogassem bem, o que, com frequência, não podiam fazer. Dois ou três deles, se tanto, seriam titulares no Guarani de Campinas de 1986.

Daqueles jogadores exigiu-se que compreendessem uma enormidade de papel histórico, porque de Maradona, que xingava Deus e o mundo, não se conhece um muxoxo de reprovação aos companheiros que perdiam gols cedidos por ele. Se repetidamente os entregava e eles os perdiam, Maradona se levantava, criava as jogadas e concluía ele próprio, como fez contra a Bélgica.

A Argentina de 1986 é definida por esse estranho laço de entrega incondicional de dez jogadores a seu Deus, e de uma generosidade infinita desse Deus com eles, como em uma Bíblia que só contivesse o Novo Testamento.

Não é casualidade que Messi tenha rezado a Maradona por Montiel, o jovem lateral reserva que cometera o infantil pênalti que deu à França a chance de empatar o jogo em 3 a 3.

Sem qualquer irritação com o companheiro menos talentoso, Messi convocou Maradona a que orientasse Montiel na cobrança. A batida de Montiel foi fulminante e tirou o goleiro Lloris até da fotografia, em um daqueles penais que estufam a rede.

A Scaloneta foi esse arranjo inédito entre Messi e seus companheiros súditos, que permitiu a estes uma devoção completa e àquele uma generosidade infinita, reminiscente de Maradona em 1986.

Nesta equipe, Messi pôde ser ele mesmo e, ao mesmo tempo, mostrar-se herdeiro de Maradona, de Bochini, de Di Stéfano. Esta foi uma, entre várias operações comoventes, que realizou esta equipe com o passado do futebol de seu país. ←

A Argentina de 1986 é definida por esse estranho laço de entrega incondicional de dez jogadores a seu Deus, Maradona, e de uma generosidade infinita desse Deus com eles, como em uma Bíblia que só contivesse o Novo Testamento

Sem qualquer irritação com o companheiro menos talentoso, Messi rezou para que Maradona orientasse Montiel na cobrança do pênalti. A batida de Montiel foi fulminante e tirou o goleiro Lloris até da fotografia, em um daqueles penais que estufam a rede